



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

COORDENADORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Ana Maria Longhi

XARQUEADA

Ficção e documento no romance de Pedro Wayne

Caxias do Sul – RS

2011

Ana Maria Longhi

XARQUEADA

Ficção e documento no romance de Pedro Wayne

Dissertação apresentada à Universidade de Caxias do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Murari.

Caxias do Sul – RS

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

L854x Longhi, Ana Maria, 1982-
Xarqueada : ficção e documento no romance de Pedro Wayne /
Ana Maria Longhi. - 2011.
135 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul,
Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade,
2011.

Apresenta bibliografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Murari.

1. Literatura sul-rio-grandense – História e crítica. 2. Literatura
brasileira – História e crítica. 3. Xarqueada (Obra literária) - Crítica
e interpretação. 4. Wayne, Pedro, 1904-1951. I. Título.

CDU: 821.134.3(816.5).09

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|---|------------------------|
| 1. Literatura sul-rio-grandense – História e crítica | 821.134.3(816.5).09 |
| 2. Literatura brasileira – História e crítica | 821.134.3(81).09 |
| 3. Xarqueada (Obra literária) – Crítica e interpretação | 821.134.3(816.5)-31.09 |
| 4. Wayne, Pedro, 1904-1951 | 929WAYNE |

Catálogo na fonte elaborada pela Bibliotecária
Márcia Carvalho Rodrigues – CRB 10/1411

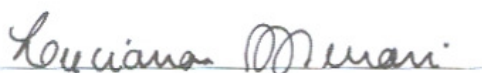
Xarqueada: Ficção e documento no romance de Pedro Wayne

Ana Maria Longhi

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Processos Culturais e Regionalidade.

Caxias do Sul, 08 de dezembro de 2011.

Banca Examinadora:



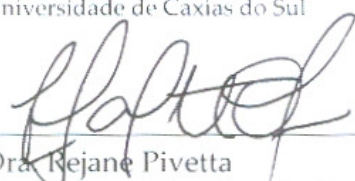
Dra. Luciana Murari (orientadora)
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Saete Rosa Pezzi dos Santos
Universidade de Caxias do Sul



Dr. Rafael José dos Santos
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Rejane Pivetta
Centro Universitário Ritter dos Reis

AGRADECIMENTOS

A Luciana Murari, professora orientadora, por suas contribuições certeiras de grande auxílio, sem as quais este trabalho não se realizaria.

Ao Alberto, noivo, por sua paciência e compreensão.

A minha família pelo carinho e força.

Aos colegas e professores que sempre foram amigos e contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

“Toda arte é, por evidência, integrante e produto das estruturas históricas da comunidade em que surge”.

José Hildebrado Dacanal

RESUMO

Este trabalho busca compreender as representações do ambiente saladeril no Rio Grande do Sul no romance *Xarqueada*, de Pedro Wayne, publicado em 1937. É analisado o contexto social em que o romance se insere, bem como as condições sócio-históricas em que foi publicado. O Rio Grande do Sul, nos anos trinta, passava por grandes modificações econômicas, políticas e sociais e, a partir do estudo do romance, é possível perceber a presença destas mudanças na ficção. O conceito de representação é privilegiado, buscando compreender a natureza ficcional e documental do romance. Conceitos como ficção e documento, temas como a literatura regionalista e o romance de 30 são estudados, em uma análise que se torna possível devido ao auxílio das ferramentas teórico-metodológicas disponibilizadas pela Nova História cultural.

Palavras- chave: História Cultural, literatura, ficção, romance de 30, interdisciplinaridade, Pedro Wayne.

ABSTRACT

This paper looks forward to understand the representations of charqueada (salted and dried meat) industry in Rio Grande do Sul, from the novel *Xarqueada*, published by Pedro Wayne in 1937. It discusses the novel's cultural context, as much as its sociohistorical conditions. In the 1930's, the state of Rio Grande do Sul experienced important economic, social and political changes that can be read from the changes in literature. Therefore, the concept of representation is privileged, from both the perspectives of the novel's documental nature and fictional resources. Concepts like fiction and document, and subjects like regionalist literature and "romance de 30" are considered. This discussion is tributary from the theoretical and methodological approaches from the New Cultural History.

Keywords: cultural history, fictional literature, "romance de 30", inter-disciplinarity, Pedro Wayne

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 1.1 Considerações iniciais..... | 8 |
| 1.2 A nova história cultural | 9 |
| 1.1 Pedro Wayne e seu <i>Xarqueada</i> | 20 |
| 2. CAPÍTULO 1: A INDÚSTRIA SALADERIL NA HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL E O CONTEXTO DA ESCRITA DE XARQUEADA | 28 |
| 2.1 A fundação das charqueadas no Rio Grande do Sul e sua trajetória até século XX | 28 |
| 2.2 A economia das charqueadas nas primeiras décadas do século XX..... | 31 |
| 2.3 <i>Xarqueada</i> e a economia charqueadora..... | 44 |
| 3. CAPÍTULO 2: XARQUEADA NA HISTÓRIA CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL | 49 |
| 3.1 <i>Xarqueada</i> , romance regionalista..... | 49 |
| 3.2 <i>Xarqueada</i> , romance de 30..... | 58 |
| 3.3 A crítica ao regionalismo em <i>Xarqueada</i> | 66 |
| 4. CAPÍTULO 3: XARQUEADA: O ROMANCE COMO DOCUMENTO | 78 |
| 4.1 Literatura e documento..... | 78 |
| 4.2 <i>Xarqueada</i> : etnografia e reportagem..... | 83 |
| 4.3 A crítica política..... | 92 |
| 5. CAPÍTULO 4: XARQUEADA: OS PROCESSOS FICCIONAIS | 98 |
| 5.1 O estatuto do ficcional..... | 98 |
| 5.2 Os dualismos essenciais de <i>Xarqueada</i> | 105 |
| 5.3 A linguagem messiânica..... | 118 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 125 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 129 |

1. INTRODUÇÃO

1.1 Considerações Iniciais

O presente trabalho visa analisar a representação literária da realidade social da indústria saladeril do Rio Grande do Sul da década de 1930, no romance *Xarqueada*¹ de Pedro Wayne, lançado em 1937. Objetivamos compreender os processos culturais no contexto social do romance, a partir da análise de elementos como: cenário (charqueada Santa Margarida em Bagé); temática (movimentos de trabalhadores, condições de trabalho, desigualdade social; crítica aos valores e costumes; crítica política); enredo (a sucessão de eventos na narrativa e sua significação); a construção dos personagens, e sua caracterização (descrição física, atribuição de valores morais, comportamento, discurso, visão de mundo).

Esses elementos serão analisados a partir do cotejamento da abordagem do romance de Pedro Wayne com a historiografia sobre o período voltada para os seguintes temas: organização, tecnologia e relações de trabalho nas charqueadas; movimentos de trabalhadores; o romance de 30; a tradição do romance regionalista do Rio Grande do Sul, ou seja, os processos culturais entranhados no contexto político e social da época.

Assim, buscamos realizar um estudo a partir das representações que compõem o romance *Xarqueada*, tais como as representações do ambiente saladeril, do trabalhador da charqueada e de sua vida social. Essa análise se dará de forma a englobar a crítica social, muito contundente no romance de Wayne. A análise do romance e sua utilização como fonte para a realização deste trabalho possibilitará o conhecimento da história do contexto social e cultural da época e, com isso, das suas condições históricas.

¹ O romance *Xarqueada* foi a mais importante obra do autor; seu título foi grafado com “x”, devido à aceitação da sugestão de Jorge Amado e Oswald de Andrade, amigos do escritor. A grafia foi mantida na 2ª edição, de 1982, que será utilizada neste trabalho. Jorge Amado escreveu:

Agora passo a discordar de uma coisa de seu livro (que se for o que você diz será um romance interessantíssimo). É do título. Não compreendo como você tendo um livro para lá de ótimo, como “xarque” bota charqueadinha, que parece modernismo intencional. Falo aqui como sujeito que conhece o público e como quem pretende que seu livro faça o maior sucesso. Conheço umas boas coisas suas e acredito no livro. Bote Xarque (assim com x) que fica ótimo. O público gosta do título pequeno. Oswald acha que eu tenho razão. Que diz você? Queira bem ao Jorge Amado. Apud Rosa (2009, p. 28)

Nesta dissertação será mantida a grafia original do título, mas o substantivo “charque” e seus derivados seguirão a grafia atual.

Compreender a representação da realidade na indústria saladeril, por Pedro Wayne em *Xarqueada*, como parte de um processo cultural amplo, e como a expressão de um pensamento voltado para a crítica político-social, faz parte dos objetivos desse trabalho, e para isso serão utilizadas as diversas ferramentas permitidas pela metodologia proposta pela nova história cultural.

1.2 A nova história cultural

A história engloba uma imensa gama de fatores relacionados com o contexto em si: algum fato, um acontecimento, a vida de uma pessoa comum, de um líder importante ou de uma sociedade, valorizada ou não por suas próprias formas de expressar o mundo em que vivem. A história e a literatura são formas de expressão do mundo. Tudo o que o homem produz caracteriza a sua forma de ver o mundo, que pode ser o mundo em que vive ou o mundo criado por ele para dar sentido à realidade. Tudo o que é produzido pelo homem serve para entender o próprio homem e o universo ao qual pertence, mesmo que, muitas vezes, este homem faça o possível para fugir deste mundo real. Os produtos, ou resultados, daquilo que o homem produz na história ou na literatura, conseqüentemente, também estão repletos de idealismos, vivências, experiências adquiridas, sonhos realizados ou frustrados, memórias, crenças, enfim, a volumosa bagagem cultural apreendida durante sua jornada pessoal, profissional e intelectual.

Xarqueada, romance de Pedro Wayne, foi publicado em 1937, trazendo consigo muito mais do que uma ficção despreocupada em torno da história de uma charqueada em Bagé, no Rio Grande do Sul. O romance abrange um contexto que está intrínseco e extrínseco em cada fala de seus personagens, em cada palavra do narrador, em todos ambientes descritos, atos narrados, ações e reações vividas pelas personagens, pois, afinal, existe um mundo de representações em *Xarqueada*.

Mas como fazer para compreender o que se passava com Pedro Wayne ao escrever e publicar este romance, qual terá sido a sua inspiração, o seu objetivo, que valores do autor estão no romance, que visões de sua época, da forma de viver e de pensar daquela sociedade estão presentes nas representações de *Xarqueada*? Por que Wayne escolheu o tema da charqueada, porque ele aborda a questão dos trabalhadores e porque ele o faz daquela forma?

Este romance é muito mais do que uma história de ficção. Nele, se encontra a representação de uma sociedade por completo, desde os valores praticados e aceitos, costumes, ideais, até a relação dos intelectuais com a política e os valores sociais por eles representados.

Como a própria obra literária é uma representação, aquilo que foi dito, ou melhor, escrito, só o foi devido às condições que propiciaram que aquele feito fosse realizado. O que carrega o representado é também representação. Ela pode ser vista como fruto de uma seleção de dados rearticulados dentro de um conjunto de significações que, como mostra Sandra Pesavento, assume alta positividade. Devido ao fato de que as representações são construídas historicamente, elas aparecem inseridas em um campo em que se opera o conflito entre as diferentes forças disputam a representação do real. (PESAVENTO, 1998, p.19-20)

A partir disso, pode-se entender o que Roger Chartier pretende quando afirma que o historiador deve centrar seu trabalho nas relações estabelecidas entre os modos de organização do poder e as configurações sociais que tornam possível a forma política de uma sociedade, e ao mesmo tempo perceber que estas relações são também por esta sociedade engendradas. É justamente por existirem representações influenciadas pelas relações de poder, configurações sociais e forma política, que as fontes para o historiador não têm sentido estável, universal, congelado, e devem ser estudadas como algo carregado de significações múltiplas e instáveis, construídas a partir da “negociação entre uma proposição e uma recepção, no encontro entre as formas e motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou expectativas dos públicos que delas se apoderam.” (CHARTIER, 1994, p. 7)

Neste sentido, o estudo de um período de tempo em uma sociedade, utilizando como fonte um romance como *Xarqueada*, engloba muito mais do que o romance em si, seu narrador e suas personagens. Para que a sociedade em questão possa ser compreendida de forma mais palpável torna-se necessário entender as representações do período, a forma de pensar do autor, o que era e o que não era passível de ser dito, e o tipo de discurso praticado e aceito por aquela sociedade.

Assim, torna-se necessário ao historiador utilizar outro viés de análise que não o tradicional para entender as representações sociais através da representação literária. Utilizar a literatura como principal fonte exige um método mais flexível, oferecido pela nova história cultural.

Segundo Peter Burke, a nova história é uma história *made in France*, sendo a associada à *École des Annales*, agrupada em torno da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Ela é a história escrita como uma reação à história tradicional, ou rankeana, sistematizada pelo historiador Leopold Von Ranke (1795-1886). Ranke influenciou a criação do paradigma da história tradicional ou, como entende Burke, a “visão do senso comum da história, pois ele tem sido considerado a maneira de se fazer história, não uma entre várias abordagens do passado.” (BURKE, 1992, p. 10)

A nova história, ao contrário da história tradicional centrada nos grandes eventos políticos, se interessa por toda a atividade humana. Dessa forma, inclui a literatura e todas as construções culturais, que são sujeitas a variações, tanto no tempo quanto no espaço, diferentemente do que prega o paradigma tradicional da história. Burke entende que a base da filosofia da nova história é ideia de que “a realidade é social e culturalmente constituída.” (BURKE, 1992, p. 11)

A nova história ocupa-se da análise das estruturas, e seus historiadores não pensam a história apenas como uma narrativa da ação dos grandes homens, pois “estão preocupados com a história vista de baixo, com a opinião das pessoas comuns, e com sua experiência da mudança social.” (BURKE, 1992, p.13) A partir dos anos 1960, a história social obteve um grande avanço, no sentido de um maior desenvolvimento deste campo da história em relação ao campo da história política.

Lynn Hunt explica que o avanço do social na história foi influenciado pelos paradigmas do marxismo e da escola dos *Annales*. Durante as décadas de 1950 a 1960, alguns historiadores marxistas começaram a publicar livros e artigos sobre “a história vinda de baixo”.² Inspirados por estes autores, os historiadores das décadas de 60 e 70 passaram a direcionar seus interesses para a investigação da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres, abandonando os relatos históricos tradicionais de instituições e líderes políticos. (HUNT, 1995)

O trabalho destes historiadores redirecionou o interesse da historiografia, estando sujeito a um fazer historiográfico com limites menos aparentes que os impostos pela história tradicional. Com a abertura a novas fontes, os historiadores podem avançar no sentido de ir além da história que os documentos aparentemente trazem. Para que possamos entender o que o documento significa, não basta fazermos a análise de seu conteúdo, mas sim, buscar

relacioná-lo com o meio, ou o contexto do período em que foi expedido, bem como por quem e para quem, com que objetivo tal documento foi produzido.

Assim, o período em que foi produzido determinado documento pode dizer muito sobre o ele, afinal, ele foi produzido porque naquele momento histórico tal elaboração fazia parte do horizonte de possibilidades que então se apresentava. A partir disso, pode-se pensar que o momento, o contexto histórico, a cultura, a política, a economia, a forma de pensar o mundo e o homem, sociedade e indivíduo, em determinado período, influencia o que esta sociedade produz. Não só influencia como modela o que pode ser produzido, o que deve e o que não deve fazer parte daquela vida em sociedade. O que a sociedade produz representa seus valores, seus costumes, suas crenças, suas formas de agir e pensar, ou seja, pensar-se enquanto sociedade em relação aos seus indivíduos, a seus próprios problemas e potenciais, a seu lugar no mundo e vice-versa.

Sendo assim, se partirmos da premissa de que muito do que a sociedade produz é fruto da representação do real condicionada por fatores como sua forma de pensar e ver o mundo, torna-se possível ver na literatura produzida uma entre várias formas de representar o mundo e dar significação à vida social. Lynn Hunt utiliza exemplos de pesquisadores que fizeram uma história utilizando novas técnicas literárias na história cultural, para o enriquecimento de temas tradicionais da história social (HUNT, 1995). Exemplo disto é o ensaio de Laqueur, *Corpos, detalhes e narrativa humanitária*, citado por Hunt, em que, focalizando técnicas narrativas dos relatórios de autópsias, pretende expandir a história social para nela incluir a sociologia da forma narrativa. Laqueur argumenta que o humanitarismo relacionou-se com o desenvolvimento de várias formas narrativas, e que, neste contexto, o romance realista, o inquérito e o histórico clínico criaram um sentimento de veracidade e afinidade através do detalhe narrativo.

Segundo Hunt, na medida em que os historiadores aprendem a analisar as representações de seus universos a partir de seus temas, começam também a refletir sobre a natureza de seus próprios esforços para representar a história, pois a prática da história é um processo de criação de texto e de “fazer ver”, dando forma aos temas. Assim, os historiadores da cultura se tornaram mais conscientes das consequências de suas opções formais e literárias, das quais geralmente não se davam conta. Com isso, a narrativa mestra,

² São eles: George Rudé, que abordava as classes populares parisienses, Albert Soboul, que tratou dos *sans-culottes* parisienses, e E. P. Thompson, que escreveu sobre a classe operária inglesa. (HUNT, 1995)

ou códigos de unidade e diferença, bem como a escolha de alegorias, analogias e as estruturas de narrativa têm consequências de peso para a escrita da história. (HUNT, 1995)

Na década de 1960, os trabalhos produzidos deram ênfase às tendências políticas do autor, à tentativa de situar o historiador em um campo político e social mais amplo. Devido a isso, os historiadores vêm se conscientizando de que suas escolhas supostamente objetivas, de técnicas narrativas e formas de análise, também têm implicações sociais e políticas.

Lembramos que o historiador que trabalha com a história cultural tem que saber que ela enfatiza o exame minucioso de textos, imagens e ações, a abertura do espírito diante daquilo que será revelado por estes exames, muito mais do que a elaboração de novas narrativas mestras ou de teorias sociais que substituam o reducionismo materialista do marxismo e da Escola dos *Annales*.

Percebendo as lacunas existentes no trabalho de entendimento das sociedades e de suas representações, a nova história cultural buscou englobar outros tipos de fontes de pesquisa, para que seu fim fosse alcançado de maneira a contemplar as diversas dimensões da realidade. Assim, além das fontes documentais (aqui utilizo o termo enquanto documento oficial) a história passou a utilizar documentos não oficiais produzidos em uma época, característicos de um momento histórico, entendendo que aquilo que foi produzido o foi devido a haverem condições propícias ou facilitadoras para que ocorressem. Burke avisa que os historiadores “precisam ter consciência de que os registros oficiais exprimem o ponto de vista oficial, e assim por diante, e justamente por este motivo estas fontes devem ser diversificadas, com outros tipos de fontes, e reinterpretadas.” (BURKE, 1992, p.13)

Para entender a representação literária em *Xarqueada*, a nova história fornecerá os subsídios metodológicos necessários, ampliando as possibilidades deste estudo. O romance *Xarqueada*, enquanto uma representação da realidade social, só pode ser compreendido no contexto de um período histórico, ao mesmo tempo em que dá significado a ele, denunciando as injustiças, a incompetência política e a exploração do trabalho, críticas que, por sua vez, também revelam muito sobre o período que o autor traz à tona em sua obra e sobre a visão de mundo adotada por ele.

Neste sentido, Peter Burke alerta para o perigo de que o historiador olhe para o passado carregando consigo preconceitos de cor, credo, classe ou sexo, pois, por mais que ele lute para evitá-los, estes estão presentes em seu ponto de vista particular. Para tentar minimizar a interferência dos preconceitos do pesquisador, deve-se aplicar o relativismo cultural à escrita da história e a seus objetos, pois, como se sabe, “a mente humana não

reflete diretamente a realidade, mas sim a percepção de mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra.” (BURKE, 1992, p. 15)

Este trabalho procura compreender como o autor de *Xarqueada* deixa transparecer as suas percepções de mundo, de acordo com posições políticas e concepções da realidade, que supunham também posições prévias. O romance *Xarqueada* compõe uma visão diferente, elencando elementos da realidade a partir de representações intrínsecas a ela. Um romance fascinante, intrigante, emocionante, que conduz o leitor a uma viagem pela ficção, narrando fatos imaginários, mas possíveis no desenrolar da trama, e a inserção dos personagens no contexto criado por Wayne, baseado na realidade saladeril do estado.

Em *O saber local*, Clifford Geertz afirma que as palavras não conseguem esboçar o que vimos ou sentimos em relação a uma obra de arte, mas que, apesar disto, temos a necessidade de comentar, analisar, comparar, caracterizar ou elaborar teorias sobre a criatividade na realização de tal obra. O sentimento de um indivíduo ou de um povo é transmitido pela política, pela religião, pelo comércio, pelo direito e até na forma de organização das práticas cotidianas. Sendo assim, a arte também é produção cultural e nela existem fragmentos de todo o contexto do indivíduo que a produziu e da sociedade em que se insere. (GEERTZ, 2006, p. 143-144)

Uma obra literária pode ser publicada em determinada época e sociedade em que existiram condições propícias para que ela existisse. Assim, a conjuntura colaborou com determinados escritores, editores e leitores. A obra literária, apesar de dominada por uma elite intelectual, na maior parte da história do Brasil, por muitas vezes foi a voz da sociedade, que denunciava e criticava os males a que estava sujeita, desde a administração da nação à ação individual de cada ser social. A partir do estudo de uma obra literária, compreendemos muito mais do que o assunto e tema tratados, pois esta pode abranger um universo inteiro de representações de uma sociedade que está intrínseco na forma ficcional, cabendo ao historiador e ao crítico desvendar este universo e trazê-lo ao conhecimento de todos.

Através da análise do romance *Xarqueada*, verifica-se uma série de representações sociais próprias ao período histórico em que ele foi publicado, sendo necessário, portanto, compreender os sentidos da narrativa e da representação na abordagem historiográfica de uma obra literária.

Helena Bonemy entende a narrativa como uma forma de representação do mundo das relações sociais, que incorpora à ciência o sujeito participante (1990, p. 92). A partir do reconhecimento da História como discurso narrativo, é possível reconhecer a presença do sujeito no ato da formulação científica. A autora vai mais além afirmando que:

Negar à narrativa legitimidade de representação do mundo real é reificar o projeto de uma ciência sem sujeito. Uma história sem sujeito, centrada no objeto, prefiguraria o objeto científico do positivismo, do estruturalismo e dos prisioneiros de uma filosofia da história, no sentido preciso de um *telos* que amarraria vontades e instintos às leis gerais objetivas que determinam as relações sociais”. (BONEMY, 1990, p. 92)

Assim, a ciência aprende que a verdade estará no esforço resultante da descoberta e interpretação de dados empíricos extraídos de fontes documentais das mais variadas, por um pesquisador que imprimirá ao trabalho estilo, enredo e ordenamento particular. (BONEMY, 1990, p. 95) Bonemy lembra que existe um tempo e um contexto para que a narrativa se desenvolva, percebendo que:

A idéia vai se formando gradualmente e se desenvolve em contexto específico. O contexto, as interconexões institucionais, os constrangimentos sociais, são a matriz reveladora do que se passa no mundo social e matriz formadora das idéias e mentalidades que povoam e distinguem o mundo das ciências humanas. (BONEMY, 1990, p. 97)

A história serve à literatura da mesma forma que a literatura serve à história, e ambas bebem na mesma fonte, na própria sociedade, que produz representações que, por sua vez, são apropriadas, reinventadas, analisadas, reconstruídas de acordo com a maneira como cada autor ou historiador se aproxima das fontes e da forma como eles pretendem avaliá-las e utilizá-las em seu trabalho de narrativa, tanto ao resgatar o passado, na escrita da história, quanto ao recriá-lo literariamente.

Devido à quebra do paradigma tradicional, percebe-se que hoje a história vive um tempo de incertezas, passando por transformações no sentido de um maior interesse pelos estudos da história social, em detrimento da história política. Chartier percebe que muitos estudos vêm sendo realizados pelas novas gerações de historiadores, utilizando novas fontes, tais como a literatura, o que gerou uma crise epistemológica, questionando a crença em um passado fixo e determinável, bem como comprometendo a possibilidade da representação histórica, e a capacidade humana de localização no tempo. (CHARTIER, 1994, p. 98)

Para que este trabalho seja realizado de forma a cumprir com os objetivos de analisar o contexto social e cultural de um determinado tempo e espaço, no caso, a década de 30 e a

charqueada no Rio Grande do Sul, utilizando o romance *Xarqueada* como fonte e objeto de pesquisa, faz-se necessária a utilização do conceito de representação. Como estamos trabalhando com uma fonte literária e ficcional, há a necessidade de utilizar ferramentas metodológicas específicas para melhor compreender o passado histórico e cultural do contexto do romance *Xarqueada* como um universo de representações. Assim, a análise das representações será uma ferramenta, avalizada pela nova história cultural, possibilitando uma melhor compreensão da obra, bem como do contexto em que ela se insere.

Este trabalho se torna possível devido ao fato de, como vimos, a Nova História Cultural ter aberto caminhos e possibilidades de análise de documentos diversos produzidos em uma sociedade, sobretudo os não oficiais. A nova história cultural possibilita, como ensina Chartier, identificar de que maneira uma determinada realidade social, em lugares e momentos distintos, é construída, pensada e dada a ser. (CHARTIER, 2002, p. 16-17)

As representações do universo social são constituídas de acordo com os interesses dos grupos que as forjam. Assim, para compreendê-las, faz-se necessário relacionar os discursos com a posição de quem os utiliza. Chartier afirma que os discursos nunca são neutros, estão carregados de estratégias e práticas de acordo com os interesses de quem impõe a autoridade do discurso, buscando justificar ou legitimar seu projeto reformador, impondo aos indivíduos suas escolhas e condutas. Segundo ele, “esta investigação sobre as representações supõe-se como estando sempre colocada num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”. (CHARTIER, 2002, p. 17)

A partir das ideias do autor, entendemos o conceito de representação não como aquilo que dá a ver uma coisa ausente, mas como um processo pelo qual é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação para um determinado universo social, por exemplo, de acordo com os interesses – e também crenças, valores, visões de mundo, projetos – de quem o produz e com aqueles para quem é produzido.

Conforme Chartier, para entender a relação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito torna-se necessária “uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo.” (CHARTIER, 2002, p.24) As formas de apropriação do texto pelo leitor também são social, cultural e historicamente variáveis.

A nova história cultural possibilita a utilização de fontes diferentes daquelas utilizadas pelo paradigma tradicional rankeano, para poder dar conta da escrita da história.

Chartier lembra aos historiadores da cultura que não devem substituir uma teoria reducionista de cultura, enquanto realidade social, por um pressuposto também reducionista, de que os rituais e outras formas de ação simbólica expressam um significado central, coerente e comunal, e que os textos com que trabalham afetam o leitor de diversas formas e individualmente. Os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes, sendo que foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e cabe aos historiadores da cultura criar suas próprias estratégias para lê-los. (CHARTIER, 2002)

A nova história cultural busca entender as representações, sendo elas instrumentos importantes na busca do resgate do tempo passado, em lugares diferentes, e de compreender como se dava a percepção das pessoas acerca de si e do mundo em que viviam. Devendo abarcar o mundo social ou real, e repensar a relação entre este mundo e as representações, há a necessidade de “um espaço de trabalho entre textos e leituras, no intuito de compreender as práticas, complexas, múltiplas, diferenciadas, que constroem o mundo como representação.” (CHARTIER, 2002, p.28)

As obras literárias são muito mais do que ficção, pois carregam consigo as práticas de uma época, a cultura, e a história de um período em que foi possível sua existência, com determinada forma, tema, estrutura, etc. A literatura pode ser vista como representação de uma época, apresentando suas práticas culturais, ao trazer para a ficção todo o seu contexto social e cultural.

A análise das representações, para Sandra Pesavento e Jacques Leenhardt, significa um avanço para os trabalhos que tratam da convergência entre história e literatura, possibilitando o entrecruzamento destas linguagens. Através da perspectiva da representação é possível alcançar uma melhor compreensão do passado, da maneira através da qual, em diferentes tempos e lugares, as pessoas pensavam sobre si e sobre o mundo, formando representações, tanto individuais quanto coletivas, de sua identidade. (PESAVENTO, LEENHARDT, 1998)

Ao trabalhar com representações sociais, tem que se ter em mente que elas não refletem a realidade, nem se opõem a ela, já que não é possível estabelecer uma simples oposição entre imaginário e realidade. No entanto, como mostra Antonio Candido em *Literatura e sociedade*, a literatura é um produto social, é expressão da sociedade, podendo ser mais ou menos influenciada pela estrutura social, de acordo com o artista, seus valores e ideologias, e com as técnicas de comunicação. O artista se orienta segundo padrões de sua

época, escolhe temas, usa determinadas formas e a síntese resultante desse processo age sobre o meio. A literatura como arte e produto social carrega consigo representações da sociedade que a produziu e expectativas de quem a consome. (CANDIDO, 2000)

O que caracteriza a representação é a semelhança entre o representante e o representado. No entanto, isso não significa dizer que são utilizados critérios de veracidade ou autenticidade para determiná-la. As representações do social são determinadas por sua capacidade de mobilizar e criar credibilidade.

Com isso, percebe-se a existência de condicionamentos dados pelas relações de poder que compõem os elementos da coesão social, definindo as identidades coletivas e individuais, os estereótipos pessoais e sociais. Pesavento afirma que é no âmbito do Estado que se dá a adesão a uma determinada identificação social, mas esta é também resultado de um processo que está voltado a atender às demandas do inconsciente coletivo, ao buscar uma origem, um passado, uma missão ou significado. Devido a tudo isso, pode-se dizer que as identidades podem ser atribuídas ou criadas, implicando escolhas que não são fruto de manipulação, mas de uma concordância voluntária a determinados universos de referência. (PESAVENTO, 1998)

O historiador precisa estar atento ao fato de as fontes serem também elas uma forma de representação, ou mais uma leitura do passado. Dessa forma, o fazer historiográfico também é representação, que visa representar de forma plausível a partir das representações preexistentes, buscando combinar elementos na elaboração da sua versão da passividade. A representação afeta o fazer historiográfico tanto no que diz respeito àqueles que testemunharam o passado, quanto àqueles que escrevem sobre ele no presente, relendo-o e reimaginando-o. Na nova história, a veracidade é substituída pela verossimilhança. Uma vez que a verossimilhança é um componente essencial também do fazer literário, a ficção não é o contrário do real, mas uma forma diferente de representá-lo, com possibilidades amplas de criar e inventar. (PESAVENTO, 1998, p. 21)

De acordo com a postura positivista do século XIX, o tratamento conceitual das relações entre história e literatura dá-se de acordo com a hipótese da heterogeneidade, que entende a história como ciência, uma vez que o historiador seria capaz de controlar metodologicamente seus resultados, ao passo que a literatura é resultado da invenção e, por conseguinte, do ato ficcional.

Esta postura positivista está ultrapassada, à medida que existem outras hipóteses, tais como a que diz respeito à questão entre ficção e a história, que possuiriam procedimentos

opostos. No entanto, a oposição se dá na metodologia de constituição dos fatos, e não em seus objetivos. Isto significa dizer que os métodos são diferentes, mas as funções podem ser as mesmas. Jacques Leenhardt, por exemplo, entende que mesmo estratégias discursivas diferentes podem exercer funções sociais semelhantes. (1998)

Portanto, ficção e história são processos diferentes, cada qual com seus próprios procedimentos. Neste sentido, Pesavento, que toma de Ricoeur a noção da ficção como “quase história”, entende que a cientificidade do método histórico conduz à fabulação dos fatos verídicos da história através da forma narrativa, não conduzindo de forma restrita à enunciação dos mesmos: eles devem ser concatenados, ordenados, inseridos em um enredo, e, então, significados. (PESAVENTO, 1998, p.22)

Tanto a história quanto a ficção compartilham do projeto de representação pela linguagem de fatos que aceitam o critério do verossímil. Ambos, o historiador e o ficcionista, representam os acontecimentos como se eles tivessem existido daquela forma, criando um “efeito de real”. Fazer com que se acredite que os acontecimentos realmente se passaram daquela forma fundamenta a criação da verossimilhança, bem como a utilização do efeito da crença na linguagem. No entanto, não é o bastante uma sequência de fatos corretos para que haja o efeito desejado, havendo a necessidade de um cuidado maior por parte do ficcionista ou historiador para que seja cumprida a função imaginária de respeitar o verossímil na consciência individual e coletiva.

Existe, segundo Leenhardt, uma demanda social por representações imaginárias, as quais, tanto a literatura quanto a história, enquanto narrativas, devem se reportar e atender. O que é produzido, como novo, precisa ser avaliado por formas imaginárias conhecidas, servindo de referência. Assim, a verossimilhança contribui para a construção de um imaginário conhecido tanto no visual, quanto na linguagem escrita. (LEENHARDT, 1998, p. 43)

A literatura foi utilizada, nos países democráticos modernos, como fonte exemplar, devido ao fato de que a filosofia do século XIX privilegiava as tentativas de substituição da mimese religiosa e das estruturas pedagógicas da igreja por um discurso leigo. Esta exemplaridade é utilizada a partir do entendimento, pelo leitor, do “mundo da obra”. O escritor possibilita ao leitor, que conhece aquele universo verossímil e mantém relações diversas com ele, conhecer, reconhecer e imaginar comportamentos a partir do mundo ficcional. (LEENHARDT, 1998)

Assim, percebe-se que não basta olhar apenas para a literatura para encontrar seu significado, mas também verificar e vir a conhecer os processos de interpretação envolvidos no jogo entre o real e o fictício, além dos usos sociais a que ela se presta em cada espaço e tempo.

1.3 Pedro Wayne e seu *Xarqueada*

Pedro Rubens de Freitas Weyne, o Pedro Wayne, nasceu em 1904, em 26 de fevereiro, na cidade de Salvador, e foi para Pelotas aos três anos. Ele foi um homem precoce, o que Cristina Maria Rosa, autora de sua biobibliografia, explica a partir de sua origem, sua herança cultural, e sua forte relação com a leitura, a principal fonte de conhecimento da época. Em 1937, com o romance *Xarqueada*, Pedro Wayne traz à tona uma representação realista daquele meio físico-social, condenando as condições de vida e de trabalho nas charqueadas do sul do estado, que são tomadas como tema e objeto. *Xarqueada* é o primeiro romance escrito pelo autor, buscando retratar, através de uma crítica incisiva, esta realidade específica do ambiente da Campanha, em geral idealizado pela literatura como cenário do gaúcho mítico. *Xarqueada* não é um dos romances mais estudados pela pesquisa acadêmica no Rio Grande do Sul, não havendo muitas discussões a seu respeito. O romance, que gerou grande expectativa em torno do seu lançamento, em 1937, é um romance original, que cria uma visão alternativa àquelas até então apresentadas sobre a realidade social da charqueada.

Faz-se necessário, aqui, um breve relato do contexto no qual se deu o desenrolar da vida do autor de *Xarqueada*, Pedro Wayne, para que se possa entender sua relação pessoal com a temática desenvolvida em sua obra. Na mesma época em que sua família fixou residência em Pelotas, acontecia no Rio de Janeiro o primeiro Congresso Operário Brasileiro, no qual foram debatidas idéias socialistas e anarco- sindicalistas. Em 1922, em São Paulo, realiza-se a Semana de Arte Moderna, contemporaneamente com a revolta de oficiais jovens na qual germina o tenentismo. Em 1923, o Rio Grande do Sul reage a Borges de Medeiros, eclodindo a Revolução Libertadora, e o pai de Pedro Wayne envia-o para o Rio de Janeiro, para impedi-lo de se engajar no movimento maragato. Em 1927, Wayne transfere-se para Bagé, enquanto funcionário do Banco Pelotense. Neste mesmo ano, o Partido Comunista é declarado ilegal no Brasil. Em 1928, Pedro Wayne casa-se com Leopoldina Almeida Calo. No contexto político, Getúlio Vargas sobe ao poder no Rio

Grande do Sul. Dois anos depois, na denominada Revolução de 1930, Wayne, enquanto tenente dos corpos provisórios, pega em armas. Em 1931, uma crise do café faz com que baixem os preços, e o governo manda queimar o café estocado. Wayne estréia em livro com *Versos meninos e a lua*, obra editada pela Livraria do Globo. (ROSA, 2009)

Em São Paulo, a Revolução Constitucionalista eclode em 1932, e Wayne envolve-se em contrabando de munições. Para não ser preso, refugia-se no interior do município de Bagé, na charqueada de seu sogro, Don Ramón Calo y Miguens, transferindo-se para a Charqueada São Miguel, onde exercia a função de guarda-livros e atendia o bolicho que supria os empregados do saladeiro. Mais tarde, transferiu-se para outra charqueada, até retornar a Bagé e participar do movimento artístico modernista, que reuniu, nessa cidade da Campanha, artistas plásticos como Glauco Rodrigues, Danúbio Gonçalves, de projeção regional, e Carlos Scliar, que alcançaria renome nacional.

No plano político, em 1933 iniciavam-se os trabalhos da Assembléia Constituinte eleita. Na literatura, Gilberto Freyre lançava “Casa-grande e senzala”, Érico Veríssimo editava Clarissa e Pedro Wayne publicava *Álbum Lembrança da Associação Rural de Bagé*. As suas mensagens publicitárias fogem aos padrões tradicionais, esboçando uma crítica à realidade dos trabalhadores: “ser um bom touro tem muito mais significado para a sociedade do que ser gente sem recursos (...) “O touro tem remédios, alimentos e cuidados, enquanto os homens vivem por aí, não se faz caso.” (apud WAYNE, 1989, p. 10-11)

Em 1934, é aprovada a constituição do país, inspirada na constituição da República de Weimar, da Alemanha. Pedro Wayne, em Bagé, combate veementemente o integralismo em ascensão. O Banco Pelotense, no qual ele trabalhava, vai à falência, e Wayne passa a viver da atividade na charqueada e a trabalhar também como motorista de caminhão, “garção de frege”, vendedor ambulante; mais tarde, foi jornalista, contador, substituto do juiz municipal e plantador de milho. Neste mesmo ano, Pedro Wayne edita, juntamente com Pedro Perez, Fernando Borba e Paulo Thompson Flores, o jornal *ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ*, que foi porta voz da estética modernista em Bagé. O jornalzinho escandalizava pela irrelevância e pela molecagem modernista a pacata cidade daquele dias.

Os poemas de Wayne coligidos em *Dina* são publicados pela Livraria do Globo em 1935. Em 1937, as tropas do governo dissolvem o Congresso, e Getúlio Vargas anuncia a implantação do Estado Novo, e por decreto extingue todos os partidos políticos. A partir da vivência na Charqueada São Miguel, Pedro Wayne, lança o romance *Xarqueada*. O livro

publicado no Rio Grande do Sul chega ao público brasileiro com grande euforia, conforme nota da revista *Boa Nova*, do Rio de Janeiro, de maio de 1937, que dizia na página 11:

Em todas as livrarias XARQUEADA, por Pedro Wayne. Aspectos desconhecidos da vida no Brasil. Um romance numa reportagem. Um livro de estréia que é um sucesso magnífico. O autor esteve empregado como "peão" em uma charqueada, para estudar ao vivo o ambiente do seu romance. (citado em: WAYNE, E., 1982)³

Com o romance *Xarqueada*, Wayne participa do movimento de sua época, em que os intelectuais uniam literatura e denúncia, realizando o belo a partir da crítica, extraindo das relações sociais sua autenticidade e simplicidade. Autores da época como Jorge Amado e Érico Veríssimo faziam parte da rede de relacionamento de Wayne. (ROSA, 2009, p. 28)

A importância dada ao romance em seu lançamento vinha da visão contra-hegemônica sobre a realidade saladeril, e ao fato de o autor conhecer o universo do qual tratava. O romance foi o primeiro de Wayne, e já provocou grande comoção no meio em que foi produzido. Este romance mostra uma visão pouco comum em relação àquela praticada até aquele momento⁴, uma visão de baixo. Wayne identifica características hostis nas representações até então realizadas sobre aquele meio social. Seu romance, ao contrário, mostra o trabalhador sendo explorado por seu patrão, vivendo em condições subumanas, trabalhando até a completa exaustão, e ganhando um mísero salário que não possibilitava nem mesmo uma alimentação digna. *Xarqueada* exprime em que os personagens possuem uma orientação moral, capaz de evidenciar opções éticas, políticas, e afetivas de seu autor, por ser, segundo Rosa, um romance “confessional” de Wayne. Dessa forma, *Xarqueada* pode ser considerado como um romance contra-ideológico, indo de encontro à ideologia regionalista vigente, que enaltecia o gaúcho bravo, e abrindo espaço para o gaúcho “oprimido, sem liberdade, com medo” (ROSA, 2009, p. 83, 84)

O romance de Wayne compõe uma representação de enorme complexidade, avaliando modos de ser e parecer da sociedade interiorana, ao mesmo tempo em que critica a sociedade citadina. Contrapõe o campo e a cidade, de forma a elencar elementos que os distinguem e os diferenciam. Dessa forma, a visão do autor está sempre presente em seus enunciados e na declaração de seus valores, não porque não seja possível fazer ficção sem se comprometer, mas sim, porque, analisando a vida de Wayne, observa-se claramente sua

³ Esta, e outras referências de anúncios da época, encontram-se na edição de 1982, do romance *Xarqueada*, em um prefácio escrito por seu filho, Ernesto Wayne.

opinião sobre a função da literatura, engajada e portadora de uma visão de mundo, o que faz com que sua obra seja inserida no rol das obras conhecidas como romances de 30.

Xarqueada traz uma grande bagagem de conceitos e de representações que tentam traduzir a verdade, ou seja, o texto busca a verossimilhança necessária para produzir seu diagnóstico realista do meio retratado e para difundir sua visão de mundo, o que possibilita que ele cumpra a missão que se dispôs a cumprir na sociedade. Neste trabalho, a obra será utilizada como objeto de análise, buscando entender a forma como o universo saladeril do Rio Grande do Sul foi representado, e qual o sentido ideológico e político adquirido por esta representação. Através de uma perspectiva interdisciplinar, a História e a Literatura serão companheiras na análise proposta, visando atingir o melhor entendimento possível das representações da realidade social trazidas por Pedro Wayne em *Xarqueada*.

O ponto de partida para a análise do romance é o espaço tematizado pelo narrador, que funciona como lugar das relações econômicas e dos conflitos de caráter interpessoal. O romance *Xarqueada* é construído em torno da vida na charqueada. Seus principais temas são o sistema de trabalho que conduz à brutal exploração do operário, a precariedade das relações entre patrões e empregados, a falta de atendimento do poder público às necessidades da população, a corrupção dos costumes e a má distribuição da riqueza, entre outros – que Wayne cria sua peculiar representação do universo social da charqueada, militando pela conscientização dos trabalhadores, por sua organização solidária e pela superação da miséria.

Xarqueada é um romance original na forma como foi construído, pois observa, na realidade histórica, fatores que servem para a composição de seu enredo e personagens. A obra constitui uma importante fonte para a história, por representar o contexto de sua época naquele lugar específico. Assim, a partir das relações entre realidade histórica, ou a história e literatura, a realidade da ficção, pode-se observar a existência de elementos que contribuem para o melhor entendimento de um contexto geral de um período ou de uma realidade. A obra é uma fonte importantíssima para o conhecimento da realidade saladeril de sua época no Estado. Mesmo sendo uma obra de ficção, a riqueza de detalhes criados a partir do conhecimento do autor daquela realidade impressiona ao leitor e o pesquisador que dela se utilizar como fonte.

⁴ Obras com a ideia da “visão de baixo”: Em 1934 Cyro Martins lança *Campo fora*, obra de contos, em 1937, lança *Sem rumo*, romance; e Dyonélio Machado lança *Os ratos*, em 1935, romance.

Apesar da complexidade do tema, o enredo do romance é bastante simples. *Xarqueada* narra a história de Luís, um guarda livros que chega para trabalhar em uma charqueada, no interior do Rio Grande do Sul. Quando chega de trem logo é acolhido por Antônio Carocha, peão da charqueada Santa Margarida, que o leva para conhecer Dionísio, o proprietário, para quem vai trabalhar. Antes de começar o seu trabalho, ainda na casa do charqueador, ele conhece Vera, sua esposa e, em seguida, os moradores da quadra e os trabalhadores da charqueada. Durante esta visita, já percebe as condições de vida e de miséria a que estas pessoas estavam sujeitas, pormenorizando, daí em diante, tudo o que observava. As pessoas percebiam que Luís, mesmo sendo de um cargo superior, nunca tratara com indiferença os trabalhadores da charqueada, e sempre se mostrara muito interessado em discutir e buscar soluções para aquela realidade.

Quando Luís chega à charqueada e conhece os moradores de lá, conhece também a jovem Guriazinha, por quem se apaixona. Vera, a mulher do charqueador Dionísio, aparece como a grande vilã, incentivando o marido a prejudicar os trabalhadores. Outra personagem importante é Daniela, mulher pobre que morava nos arredores da charqueada, de início alvo de investidas de Dionísio, e em seguida sua amante. Destacam-se também as figuras de Januário, um trabalhador independente, Ambrósio, operário da charqueada entusiasmado com a ideia da greve e de Damião, o capataz leal ao patrão e “traidor” de sua classe.

Os trabalhadores não ganhavam o suficiente para se manter e nem a sua família. Alimentavam-se mal, dormiam pouco, trabalhavam até a exaustão. Luís percebeu que os trabalhadores adoeciam porque não tinham as necessárias condições de sobrevivência. A partir de tudo o que havia observado, ele decide tomar alguma atitude, trazendo para esses trabalhadores seus conhecimentos sobre as reivindicações que os trabalhadores do mundo estavam fazendo para a melhora de suas condições de trabalho e salários. Mostrando a real condição de abandono e exploração em que o próprio trabalhador se encontrava, eles mesmos começaram a reivindicar seus direitos e optaram, com a ajuda de Luís e de Januário, um trabalhador avulso, pela greve, paralisando os trabalhos na charqueada. Por fim, o movimento grevista foi um fracasso, e os trabalhadores foram obrigados a aceitar as condições de Dionísio e voltar ao trabalho, por não terem outra opção de trabalho fora dali.

Xarqueada é analisado sob o ponto de vista de seu conteúdo informativo histórico no estudo de José Martinho Remedi (1997). Tal análise é feita a partir do relato das condições dos trabalhadores, buscando nas referências da história, em arquivos e jornais da época a confirmação dos dados apontados na ficção, buscando dados no contexto histórico do

ambiente saladeril do período. Remedi utiliza o romance *Xarqueada* como fonte para uma pesquisa sobre o trabalhador da charqueada e suas condições subumanas. Ele entende que a literatura pode ser fonte para trabalhos históricos na medida em que proporciona, através do estudo das representações, conhecer aspectos que não seriam possíveis de se conhecer a partir da análise das fontes tradicionais. Os quatro capítulos do estudo que tratam de temas pouco nobres como: a exploração do trabalhador da charqueada; a lide da safra; como se dava a produção do charque; homens e mulheres, descrição ligada à safra; e sua vida social representada, no romance, pela cena do baile na charqueada (REMEDI, 1997)

Léa Masina faz referência a *Xarqueada* em um artigo em que ela abrange a parte ideológica do romance, inserindo-o no contexto do romance de 30. Mostra a tradição do romance de 30 em registrar sua ligação com a tradição localista, pretensão histórica, sociológica e política, incluindo o romance de Wayne neste enunciado. A autora lembra que no romance há uma “forte correlação entre os dados do mundo empírico e o desejo de transformar as representações sociais em literárias.” (MASINA, 2000, p. 123)

Maria Eunice Moreira escreveu o artigo *Charqueadas e Xarqueada: a vida saladeril na província gaúcha*. Neste artigo, a autora faz um apanhado geral sobre a história das charqueadas desde o relato dos viajantes, como Saint-Hilaire, que esteve no Rio Grande do Sul, e produziu um diário sobre suas observações, incluindo sua passagem pelas charqueadas. Moreira faz referência ao lançamento do romance e à forma como foi lançado, com grande expectativa. Muito bem lembra que o romance de Wayne coloca o “dedo sobre a ferida da história, da instituição na qual se sustentou a economia gaúcha e do regime capitalista que imperou na relação entre patrões e empregados”. (MOREIRA, 2007, p. 171)

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, que juntos possibilitam a análise das representações políticas, sociais e culturais do universo saladeril, no romance *Xarqueada*.

No primeiro capítulo, a história da indústria saladeril no contexto do romance *Xarqueada* é trabalhada de forma a relacionar o fictício com a realidade histórica da República Velha, no Rio Grande do Sul. Faz-se, assim, uma recuperação da trajetória do setor, desde a fundação da primeira charqueada no Estado até a economia das charqueadas na primeira metade do século XX. Uma leitura de *Xarqueada* deve avaliar o contexto em que o livro foi escrito, em particular no que diz respeito à economia saladeril, no sentido de compreender o romance de acordo com as condições do momento histórico que ele pretendeu descrever. Para tal, tomaremos como base os estudos específicos sobre a economia sul-rio-grandense desenvolvidos por Sandra Pesavento, ainda hoje a maior

referência para o estudo da história da economia saladeril no Rio Grande do Sul republicano, estudos de outros autores e documentos impressos da primeira metade do século XX.

No segundo capítulo, o romance *Xarqueada* é trabalhado conforme sua inserção no ambiente intelectual de seu tempo, explorando sua natureza de romance regionalista de 30, sua posição na cultura brasileira e sul-rio-grandense, e os momentos em que o romance se dedica a refletir criticamente sobre a tradição cultural e a literatura do estado. A exploração do trabalhador é o tema principal de *Xarqueada*, mas aparecem outros temas como a sociedade e sua mediocridade, bem como a política injusta, que não avalia suas ações, explorando os que mais necessitariam de sua ajuda. Assim, é feita a inserção do romance no contexto cultural do Rio Grande do Sul dos anos 1930.

O terceiro capítulo pretende estudar o romance em sua busca da representação fiel e objetiva do real. *Xarqueada* alterna ficção e documento, uma vez que a obra de Wayne é muito ampla, tanto na criação de um enredo e personagens imaginados, quanto nos relatos que faz baseando-se em aspectos reais da sociedade saladeril do período em foco. Quando trata da questão dos trabalhadores, o romance parece fazer uma reportagem daquela realidade, convertendo-se em incentivo e apoio para sua luta por melhores condições de vida, ao narrar, por exemplo, o trabalho exaustivo que caracteriza a realidade dos saladeiros. *Xarqueada* caracteriza-se por ser um romance de crítica social, preocupado com a questão dos trabalhadores da charqueada, seus baixos salários, péssimas condições de trabalho e de vida, e com isso pretende-se diagnóstico da realidade saladeril, no Rio Grande do Sul dos anos trinta. O romance é, no terceiro capítulo, examinado em sua historicidade, valorizando seu aspecto documental e as representações de *Xarqueada* enquanto romance engajado, preocupado com a situação dos operários da charqueada e com suas vidas miseráveis.

No quarto capítulo, o romance é examinado em suas características ficcionais. Como ficção, *Xarqueada* leva o leitor ao emocionante caminho do romance entre Luís e Guriazinha, a situações de crise dos personagens, momentos de tristeza e de alegria. Esse contexto criado no romance favorece o desenrolar da trama e a enriquece de forma fascinante, levando o leitor a imaginar aquele mundo daquela forma. Enquanto romance que se pretende retrato da realidade, *Xarqueada* concentra-se na observação dos fatos através dos olhos de seu autor, refletidos em seu protagonista. Através do enredo, dos personagens, das dinâmicas e dos conflitos presentes no romance, é possível desvelar os significados atribuídos aos elementos da realidade que o autor pretende revelar. Assim, a ficção torna-se uma ferramenta importante desta literatura social, para compreender os significados dos

elementos da realidade que o escritor pretende apresentar. Com isso, demonstro a forma como as personagens e o enredo criado por Wayne possibilitaram o surgimento de um romance complexo e paradigmático, que encanta o leitor que se dedica a ele.

2. CAPÍTULO 1

A indústria saladeril na história do Rio Grande do Sul e o contexto da escrita de *Xarqueada*

2.1 A fundação das charqueadas no Rio Grande do Sul e sua trajetória até o século XX

Antônio Carlos Machado calcula que o primeiro saladeiro rio-grandense é do século XVIII, havendo indícios de que tenha sido introduzido pelos jesuítas após a fundação das reduções. Somente no último triênio desse século a salga da carne se estabeleceu no extremo sul do Brasil em caráter de atividade industrial. Machado utilizou cartas, tabelas, estudos de pesquisadores e informações colhidas pelos viajantes como Saint-Hilaire e Alexandre Baguet para fazer suas pesquisas, percebendo que, por volta de 1800, as tropeadas mantinham em suspensão o saladeirismo. De 1820 a 1830, o saladeirismo encontrou o seu auge, período áureo para o charque e para outros subprodutos da produção pastoril, como couros secos e salgados, peles, sebo socado, cerda, óleo de mocotó, cinzas de ossos, garras, lãs brutas, sabugos de chifres, línguas salgadas, vaquetas, unhas de boi, azeite e couros de água, graxa em pipas ou em bexigas, cola, umbigos, canelas e meios de sola. (MACHADO, 1947, p. 121-122)

Durante a Revolução Farroupilha a exportação de charque continuava em alta, reduzindo-se apenas durante seu período mais crítico, entre 1840 a 1841. Pode-se presumir que a queda do charque como principal produto de exportação do Rio Grande do Sul ocorreu devido à concorrência platina. Em 1865, vários produtos passaram a ser exportados com maior ênfase, especialmente os arreios, as velas de cera, e os artigos fabricados pelos curtumes e correarias. (MACHADO, 1947, p. 122-123)

Com as exportações de charque e dos produtos anteriormente mencionados, ocorreu o congestionamento das vias navegáveis do Rio Grande, dificultando ainda mais, dessa forma, a exportação do charque pelotense, que decresceu no período de 1890-1895. Deve-se esse decréscimo também à falta de mão de obra, pois os trabalhadores estavam lutando na Revolução Federalista, o que levou ao fechamento de diversos estabelecimentos. Logo de início, a indústria saladeril do Rio Grande do Sul sofreu sérios embargos impostos pela

taxação do fisco, principalmente pelo imposto de seiscentos réis sobre cada arroba de carne exportada em navios estrangeiros.

Agrega-se a isso o fato de o charque ser um produto muito delicado, de conservação difícil. Havia certo receio do inverno, devido à umidade que facilitava o aparecimento do “vermelho”, ou seja, o mofo, marca do charque estragado. Também a chamada catinga aparecia no charque estocado durante o inverno. Esses defeitos eram muito comuns, e ocorriam devido à forma de armazenamento do charque, que era empilhado, por vários meses, acentuando-se quando este era removido para área livre, para a secagem sob exposição ao sol. O abombamento, outro defeito do charque, aparecia na forma de manchas verdes e escuras, principalmente no verão, como consequência da falta de talhos ao charquear ou a aplicação de sal reutilizado durante a salga. Outro problema era o ensaboamento, que surgia no charque que continha muita gordura, que entrava em contato com outras peças formando assim uma camada muito espessa de gordura em toda a sua superfície. (MACHADO, 1947, p. 123-126)

Com todos os seus problemas, tanto de escoamento da produção como de taxaço, somados a estas perdas advindas da forma de preparo do produto, ainda assim as charqueadas constituíram força econômica muito relevante para a província e para o futuro estado do Rio Grande do Sul. A charqueada foi um agrupamento localizado, possibilitando o fenômeno da centralização econômico-social, em um período posterior ao que vigorava o tropeirismo, que não era fixo a uma localidade. O sistema econômico charqueador foi aperfeiçoado com o advento do século XIX, tornando-se cada vez mais uma atividade agrupadora de pessoas, devido à necessidade crescente de mão-de-obra. Machado observa que a entrada do escravo negro no Rio Grande do Sul deu-se a partir do final do século XVIII, intensificando-se até a Abolição da Escravatura, em 1888. Segundo ele, “é obvio que sem a coadjuvação do negro as charqueadas não teriam assumido as proporções de todos conhecidas” (MACHADO, 1947, p. 134). É interessante perceber que ele reconhece a contribuição do trabalho do negro, mas ao mesmo tempo coloca-o como coadjuvante.

Para Machado, a charqueada nasceu e se desenvolveu em função da abundância de gado e das condições mesológicas favoráveis, que ajudam a entender certos aspectos da sociedade rio-grandense. A charqueada reuniu em torno de si elementos culturais dinâmicos que, em suas palavras, “apontam para como um grupo de comunhão no sentido mais amplo”, vendo-os como “verdadeiros grupos societários”, contendo um número significativo de elementos culturais característicos. No que diz respeito à vida material, observam-se

casas amplas, mas simples, caracterizadas pela retangularidade das suas linhas, e o desempenho de outras atividades econômicas paralelas, como os trabalhos aratórios desempenhados nos intervalos das matanças, além da característica utilização intensa dos subprodutos. Na vida social, dá-se a africanização progressiva da peonagem, que passa a inspirar a realização de festas de candomblé e batuques. Aos poucos, observa-se um aperfeiçoamento paulatino dos processos de carnear, com a intensificação da divisão do trabalho e a formação de especialistas em salga, curtidura, saponificação, etc. (MACHADO, 1947, p. 136)

As primeiras referências científicas às charqueadas no Rio Grande do Sul foram feitas pelos viajantes estrangeiros que aqui estiveram no século XIX, e que ainda hoje são tomados como base para a historiografia sobre o tema. Auguste de Saint-Hilaire, o mais frequentemente citado, esteve no Brasil de 1816 a 1822 e viajou pelo Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, pesquisando material botânico e zoológico e fazendo anotações muito utilizadas pelos estudiosos de Geografia, História e Etnografia.

No Rio Grande do Sul, Saint-Hilaire hospedou-se na casa do charqueador Antonio José Gonçalves Chaves, em Pelotas. Curiosamente, Gonçalves Chaves foi o autor de um dos primeiros estudos sistemáticos sobre a economia do Rio Grande do Sul, as *Memórias ecônomo-políticas sobre a administração pública do Brasil*, publicadas originalmente em 1822. (CHAVES, 1922) O curioso é que, apesar de ser uma obra voltada para a análise da organização política administrativa da colônia e das suas possibilidades de crescimento econômico através da lavoura, da pecuária e do desenvolvimento do comércio, não há neste texto qualquer referência à atividade à qual se dedicava o autor, a charqueada.

Saint-Hilaire esboçou uma imagem em geral generosa de seu anfitrião, especialmente por sua elevada cultura, mas sua visão das charqueadas destaca seus aspectos mais negativos: “Apesar de ter cessado há meses a matança nas charqueadas sente-se ainda nos arredores um forte cheiro de açougue, donde se pode fazer idéia do que não será esse odor no tempo da matança.” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 74) Alexandre Baguet, que aqui esteve em 1845, dedicou pouca atenção às charqueadas e, como Saint-Hilaire, destacou os aspectos repulsivos do ambiente saladeril: “Ficamos impressionados com a quantidade de urubus e aves de rapina que sobrevoam as charqueadas”. (BAGUET, 1997, p. 45) O mesmo observou Robert Avé-Lallemant, em *Viagem pelo Rio Grande do Sul*, obra que relata sua passagem pelo estado em 1858:

Em toda a região, há um terrível cheiro de carniça! Couros, chifres, cascos, ossos, tendões, tripas, enauseante massa de sangue em putrefação e, além disso, campos inteiros com carne dependurada formavam um verdadeiro monturo em grande estilo e assinalavam o distrito onde se encontra o centro do mais importante ofício da província, que é abater bois e cavalos, principalmente éguas. Uma multidão de abutres sobrevoava a região e cevava-se em sangue putrefato. (AVÉ-LALLEMANT, 1980)

Compreende-se, portanto, que, nas primeiras linhas de *Xarqueada*, Pedro Wayne faça referência, justamente, ao fato de que os viajantes dos trens, quando passavam pela charqueada, imediatamente fechavam as janelas “por causa do fétido insuportável”. (WAYNE, 1982, p. 19) Observa-se que, mesmo entre aqueles que não conheciam o interior do meio saladeril e apenas sentiam o impacto desagradável que ele exercia sobre o ambiente externo, a charqueada era um cenário repulsivo, que remetia a sensações desagradáveis. No romance de Wayne, como veremos, a descrição realista do saladeiro buscará potencializar estas reações negativas, que despertariam a revolta e a indignação do leitor, capazes de conduzi-lo a uma visão menos estigmatizadora e mais solidária acerca do trabalhador da charqueada.

2.2 A economia das charqueadas nas primeiras décadas do século XX

No Rio Grande do Sul da segunda década do século XX, a crise do charque e a decadência do setor ficavam mais evidentes a cada ano. Entre 1913 a 1914, a produção diminuiu consideravelmente, devido às desavenças entre fornecedores/criadores, saladeiros e governo, e também devido à concorrência platina. Os anos de 1914 e 1915 foram bastante movimentados, devido a debates sobre os frigoríficos e as condições de implantação dos mesmos no Rio Grande do Sul. A única vantagem de sua implantação era a condição favorável para os produtos industrializados durante a I Guerra Mundial. Avaliando esta perspectiva, havia aqui a matéria-prima necessária para a industrialização do produto em face da demanda externa em expansão.

Isto dependia de munir o Rio Grande do Sul da tecnologia necessária para a implementação do frigorífico, que deveria ser importada devido ao desaparecimento do Rio Grande do Sul. Além disto, o estado ainda não tinha um rebanho suficientemente aperfeiçoado para este tipo de indústria. Alguns membros da elite local já há tempos se

manifestavam a este respeito. Em 1913, por exemplo, D.M. Riet assinava um artigo em *A Estância* em que afirmava que:

A eloquência dos fatos tem demonstrado plenamente a indiscutível conveniência de reformar por completo os costumes tradicionais, usados pelos nossos criadores primitivos, adotando as práticas modernas utilizadas com notável proveito no Uruguai e na Argentina. Em primeiro lugar, figura o melhoramento das raças; na classe bovina, é de imperiosa necessidade substituir o gado crioulo, de grandes pernas, pescoço longos, chifres grandes, ossos fornidos e tronco relativamente pouco avultado, pelo tipo do gado inglês destinado à produção de carne, de pequenas pernas, pouco pescoço, com pouco chifre, ou sem eles, esqueleto fino, e avultado corpo, proporcionando uma enorme diferença em relação ao peso vivo. (RIET, 1913, p. 7)⁵

No mesmo ano de 1913, em São Paulo, Antônio da Silva Prado havia fundado a primeira companhia frigorífica do Brasil, a companhia Frigorífica e Pastoril de Barretos, com o objetivo de abastecer São Paulo (PESAVENTO, 1980, p. 89-90). Barretos foi, assim, ganhando mercado ao exportar para a Inglaterra. Com a exceção deste primeiro frigorífico, todos os que surgiram no país foram constituídos devido a estímulos externos, com o intuito de abastecer o mercado internacional na sua demanda por carnes elaboradas. (PESAVENTO, 1980, p. 97, 104-107)

Embora o desaparecimento e a pobreza de capitais fossem a regra, havia algumas exceções na economia saladeril do Rio Grande do Sul. Na revista *A Estância*, encontramos uma reportagem assinada por Affonso Espada em que este narra uma visita à Charqueada Santa Teresa, em Bagé, no ano de 1914.⁶ A charqueada pertencia ao Visconde de Ribeiro de Magalhães, sócio da União dos Criadores do Estado, elogiado por suas iniciativas para a modernização produtiva. O estabelecimento situava-se num amplo complexo que incluía também a elegante casa senhorial, um teatro, uma capela e uma escola. A propriedade contava com luz elétrica em toda sua extensão, possuía água encanada, telefone, além de diversas outras atividades econômicas como a horticultura, a fruticultura, a avicultura e oficinas diversas. No seu elogio à elite “esclarecida” do Rio Grande do Sul, o autor salienta, ao mesmo tempo, as qualidades nobres da família e seu trabalho modernizador. Naquele

⁵ Todas as citações literais das fontes impressas passaram por atualização ortográfica, a título de padronização.

⁶ Segundo Boucinha, a charqueada Santa Teresa foi a segunda grande charqueada fundada em Bagé, chegando a ser uma das maiores, senão a maior charqueada fundada no município. BOUCINHA (1993, p.128-129)

momento, a Charqueada Industrial constituía a Anglo Brazilian Meat Company Ltd., assim descrita:

Têm eles todos os melhoramentos modernos, estando esplendidamente montadas e aparelhadas para o fim; trabalham nelas no tempo da safra 800 homens, matam-se diariamente 600 cabeças de gado – ligadas à Estrada de Ferro de Bagé a Rio Grande, tendo entre si comunicação por meio de bondes, serviço de automóvel, etc. São estabelecimentos modernos, utilizando de todos os recursos conhecidos, produzindo por preços muito convenientes todos os artigos e produtos das charqueadas ou saladeiros mais conhecidos.

O Visconde de Magalhães é o principal acionista e diretor da “The Anglo-Brazilian Meat Company Ltd”, os outros diretores, ingleses, distintos e de grande capital estão em Londres. Como industrial de fôlego e de largas vistas, o visconde de Magalhães vai montar em Santa Teresa uma grande fábrica de sabão e de velas. (ESPADA, 1914, p. 307)

No entanto, modernização tecnológica, capitais internacionais e diversificação produtiva não eram a regra da produção de charque no estado. O poder público apoiava a modernização do beneficiamento de carnes, tentando reorganizar a indústria no Rio Grande do Sul através do projeto de criação de um frigorífico nacional, projeto este que vinha sendo defendido por muitos produtores.

O período que antecede os anos 1920 foi marcado pela guerra e suas implicações. A carência de produtos de primeira necessidade na Europa afetou também o mercado periférico, de maneira que os países industrializados converteram-se em importadores. Paralelamente, houve também um estímulo à atividade pecuária para abastecer os mercados dos países em guerra. A Grande Guerra marcou um período de ampliação e impulsionamento do mercado de carnes, tanto na região do Prata, quanto no Brasil. (PESAVENTO, 1980, p. 81)

Na revista *A Estância*, em seu número de outubro de 1914, artigo assinado por Luís Ignácio Jacques observa que a guerra na Europa era uma grande oportunidade para o desenvolvimento industrial dos países sul-americanos e, particularmente, da indústria de carnes:

A indústria de carnes pelo frio – cuja fundação ensaiamos, e de cuja produção argentina estamos libertados nos mercados consumidores mundiais pelo fato de que a guerra aumentou a tal ponto, a procura de carne no mundo, que a Argentina não pôde suprir os mercados que supria – encontra esplêndida ocasião no Brasil! (JACQUES, 1914, p. 303).

Entretanto, mesmo antes da aplicação do projeto da empresa frigorífica observavam-se divergências entre criadores e governo, e também entre criadores e saladeristas, o que se intensificava cada vez mais. O Rio Grande do Sul encontrava-se muito atrasado em relação aos países europeus e aos Estados Unidos, pois, quando ele começava a demonstrar interesse em criar frigoríficos, estes já se encontravam no estágio da exportação de capitais, e percebiam que a implantação de frigoríficos nos países sul-americanos consistia em um investimento extremamente lucrativo. Os frigoríficos de capital estrangeiro foram se inserindo na economia do estado a partir de 1915, quando a classe dominante promovia a pecuária capitalista e dava amparo a este tipo de produção, de forma que os estrangeiros foram adquirindo propriedades no Rio Grande do Sul. O governo do estado, por sua vez, adiantou que seu interesse era promover a implantação do capitalismo na área, e não apenas dar privilégios ou concessões a locais ou a estrangeiros. (PESAVENTO, 1980, p. 125-128)

No período de 1914 a 1918, a Argentina foi a nação de mais notável exportação de carnes frigoríficas, alimentando todas as frentes dos aliados. Com isso, a produção argentina foi sendo aumentada de acordo com a demanda, atingindo um lucro substancial, devido ao alto preço da carne e seu baixo custo de produção. A demanda internacional pelos produtos pecuários, artigos frigorificados e gado, foi incrementada em decorrência da conjuntura da guerra, ao mesmo tempo em que os produtos também foram sendo diversificados. Como exemplo, pode-se citar a carne refrigerada (*chilled beef*), de grande aceitação no mercado internacional da época. (PESAVENTO, 1980, p. 82-8, MARQUES, 1990, p. 36-37)

Este tipo de carne, produzida no Prata a partir de novilhos selecionados e importados da Grã-Bretanha, era mais caro do que a carne tipo *frozen beef*. Os britânicos forneciam os novilhos, tecnologia, capital, e investiam no transporte, recebendo, em troca, o produto a baixo preço. Com a guerra, a carne de qualidade inferior e menor preço – a congelada, ou *frozen beef* e a carne enlatada, ou *corned beef* –, precisou ser produzida para abastecer os exércitos dos países beligerantes, culminando num aumento de preço dos novilhos utilizados para o tipo *freezer* em relação aos de tipo *chiller*. Essa conjuntura possibilitou uma abertura para outros países da América do Sul no mercado de carnes, pois, com seu gado de qualidade inferior, puderam aproveitar os bons preços pagos e visar o mercado de abastecimento dos exércitos em guerra.

Em *Evolução das Charqueadas Rio-grandenses*, Alvarino da Fontoura Marques mostra que, em 1920, dos quatro frigoríficos do estado três eram estrangeiros, localizados

em Rio Grande e Livramento, e todos de capital norte-americano. Esses frigoríficos eram responsáveis por 25% do total das matanças no estado. O único frigorífico de capital nacional situava-se em Pelotas e recebia auxílio da firma *Dickinson*. Sua permanência no mercado foi muito curta, devido à falta de capital de giro. Em 1924, foi comprado pela empresa inglesa *Vestey Brothers* e mudou seu nome comercial para Frigorífico Anglo de Pelotas. (MARQUES, 1990, p. 36)

Pesavento e Marques demonstram que o capitalismo britânico, que anteriormente agia exclusivamente na região do Prata, passa a agir também no Brasil para industrializar a carne. Também aqui atuaram os norte-americanos. Os capitais se entrecruzavam a fim de organizar desde a produção da matéria-prima até a elaboração e a distribuição da carne no mercado. De fato, havia ligações entre investimentos de diferentes procedências, bem como entrelaçamento das atividades econômicas orientadas para a criação de gado, a frigorificação, a construção de estradas de ferro e portos, e a madeira, agindo no Brasil. No entanto, como São Paulo foi o estado pioneiro, com estreita ligação com o capital estrangeiro e facilidade de circulação, o Rio Grande do Sul acabou assumindo uma posição secundária, mesmo possuindo uma zona pecuária com gado de melhor qualidade e mesmo havendo interesse dos criadores em se modernizar. A ajuda do poder público não modificou esta situação. (PESAVENTO, 1980, p. 91-96, MARQUES, 1990, p. 36-37)

No setor saladeril, os produtores enfrentavam a decadência do charque e transferiam seus prejuízos para os fornecedores de matéria-prima. O boi era mais valorizado no mercado externo, mas os industriais gaúchos organizavam-se para realizar convênios forçando a venda da matéria-prima por um preço mais baixo, o que terminava por acirrar os conflitos já existentes.

Baseando-se em noções do positivismo conteano,⁷ que defendia o desenvolvimento técnico das repúblicas positivas, o Estado visava aplicar a idéia de que a liberdade significava oportunidades iguais para todos, sem distinções. Ao Estado só cabia intervir em caso de monopolização e abusos de poder. Com isso, pretendia-se criar no Rio Grande do Sul um governo baseado nas forças de mercado e na livre concorrência. Sendo assim, a política

⁷ A constituição castilhista inspirada no positivismo teve longa duração no Rio Grande do Sul. Segundo Hégio Trindade, de um lado, o bem público segundo o castilhismo é visto de uma ótica antiliberal; de outro, havia uma estratégia de preservação do sistema e de sua legitimação, uma vez que os republicanos eram num primeiro momento frágeis na imposição da nova ordem. Assim, o positivismo de Júlio de Castilhos foi uma estratégia para enfrentar os grupos que tradicionalmente controlavam o estado, fornecendo elementos constitucionais e ideológicos para desenvolver uma modernização conservadora. (TRINDADE, 1999)

do governo positivista não abraçava a causa dos locais e nem a proteção de um determinado produto. Na prática, as coisas não aconteciam da forma como foram idealizadas, pois as grandes discrepâncias entre as empresas concorrentes no mercado acabavam por conduzir a uma situação de monopólio, em que as grandes empresas superiores em tecnologia e em capital acabavam liquidando as menores. A partir daí, aplicava-se o princípio positivista que definia que o Estado orientaria a economia, para evitar exageros do capital, proteger o trabalho e regular as suas relações. Dessa forma, o Estado poderia intervir junto ao setor produtivo para coibir excessos. O governo gaúcho percebeu que rejeitar o capital estrangeiro significaria grandes perdas e atraso para o estado, mas tinha que dar conta de organizar a relação entre o capital estrangeiro e o nacional, para que o processo não culminasse em monopólio estrangeiro. (PESAVENTO, 1980, p. 126-127)

No que diz respeito às charqueadas, estas foram consideravelmente afetadas por este conjunto de mudanças incentivadas pelo capital estrangeiro, pelo governo e pela conjuntura favorável, caminhando em direção ao capitalismo com a criação dos frigoríficos. Como já haviam se instalado no estado frigoríficos estrangeiros, o Rio Grande do Sul era impulsionado a criar uma concorrência nacional para evitar o monopólio e aproveitar as perspectivas de lucro e o otimismo que vigoram até 1919. A partir dos anos 1920, a conjuntura mudou, e instalou-se uma crise econômica e financeira, pois, com o fim do conflito, diminuiu a demanda externa dos produtos pecuários. Como as nações européias se voltaram para a reconstrução interna, os preços dos produtos brasileiros decaíram. (PESAVENTO, 1980, p.175)

No contexto do pós-guerra, o Rio Grande do Sul enfrentava problemas que se assemelhavam aos do Prata, pois, como naquela região, aqui também o setor da economia pecuária era muito significativo e era o maior responsável pelas exportações. Argentina, Uruguai e o Rio Grande do Sul careciam de uma política que lhes permitisse decidir quanto às medidas tomadas para a sua proteção e manutenção no mercado mundial em crise, não conseguindo deliberar sobre seus interesses como os demais estados, os produtores de café. A crise da pecuária foi tanto econômica quanto financeira, à medida que existia um bom estoque de produtos pecuários, em face da proliferação dos frigoríficos no Rio Grande do Sul. Com a volta da economia de paz e a retração do mercado internacional, houve deflação e baixa dos preços dos produtos pecuários. Como consequência da crise de mercado, os frigoríficos diminuíram a matança e o abate nas charqueadas também foi reduzido, levando o Rio Grande do Sul a uma crise nunca vista. (PESAVENTO, 1980, 176-178)

Portanto, o período pós-guerra foi para o estado período de crise, atingindo os frigoríficos, que produziam mais do que a demanda por seus produtos. (PESAVENTO, 1980, p. 181) Outro empecilho verificado neste período foi a falta de navios frigoríficos para o escoamento da produção. Além destes fatores, a concorrência com o produto uruguaio, de rebanho superior e menor custo de produção e também os produtos dos outros estados brasileiros mais próximos aos mercados consumidores, eram fatores negativos para o estado. Neste contexto, o Rio Grande do Sul passou a fazer investidas no mercado interno, diminuindo o seu preço e vinculando-se a casas consignatárias. Mesmo com a ameaça da concorrência, o produto do estado não se aperfeiçoava. Além da crise nos frigoríficos e no charque, havia ainda a questão dos transportes, que, entretanto, não era considerada prioritária pelo governo. (PESAVENTO, 1980, p.182)

No entanto, para Marques, nos anos 1920, as charqueadas ainda predominavam na economia do estado, existindo 33 estabelecimentos em funcionamento. Nesta época, Bagé tinha tomado o lugar de Pelotas como “capital do charque”, uma vez que se tornou a maior produtora do estado. Livramento e Bagé tornaram-se então responsáveis por aproximadamente cinquenta por cento das atividades de industrialização de carne no Rio Grande do Sul. Outras charqueadas como as de Quaraí, de Barra do Quaraí, de Itaqui e São Borja entraram em declínio com a crise que se instaurou no Estado após a Primeira Guerra, devido à redução do poderio econômico inglês ao qual estavam vinculadas, bem como problemas relativos ao transporte e à expansão das estradas de ferro. (MARQUES, 1990, p. 37)

A crise econômica e financeira acarretaria também uma crise política. Em 1923, eclodiu uma nova revolução, com a tentativa de tomada do poder pela oposição liderada por Assis Brasil. Uma parte da classe dominante rio-grandense que não participava do poder político foi às armas contra o partido Republicano Rio-grandense, que exercia um monopólio no Governo. Defendiam a adoção de medidas de enfrentamento da crise econômica, observada desde 1921, e para isto lutavam pela representação política das oposições. (ANTONACCI, 1981)

Gaspar Saldanha, opositor do governo Borges, defendia os interesses dos criadores vítimas da crise, que consideravam o governo culpado do agravamento do problema. O Banco Pelotense também fora afetado pela crise da pecuária, sendo socorrido

pelo governo.⁸ Com a crise, o banco cortou o crédito no momento em que o criador mais precisava, pois ele havia se endividado na busca pelo aprimoramento do rebanho. Este contexto de crise econômica e financeira, que afetava criadores, charqueadores e frigoríficos estrangeiros, e a falência do projeto de um frigorífico nacional demonstraram a incapacidade do Rio Grande do Sul de executar seus projetos. (PESAVENTO, 1980, p.188-9)

A crise internacional, as manobras dos frigoríficos, o predomínio do centro cafeeicultor em relação ao sul pecuarista e o governo Borges de Medeiros, que não solucionava os problemas da pecuária, afetaram a forma como a classe rural pensava. Esta não era mais uma fonte de apoio ao regime borgista, pois, segundo ela, a pecuária não recebia auxílio do governo, que se dizia contra a intervenção direta e os privilégios. A charqueada e a criação da época mostraram-se incapazes de se adequar ao modo de produção capitalista, por não entenderem os mecanismos de funcionamento do capitalismo internacional, a situação de dependência deste setor e do país. Dessa forma, em 1923, após a guerra civil que se instaurou sobre o estado, a oposição não conseguiu depor Borges de Medeiros, conseguindo apenas a promessa de que ele não mais se reelegeria, com a assinatura do Pacto de Pedras Altas. Este estabeleceu um limite a seu poder, impedindo-o de concorrer à reeleição, bem como forçando o regime a revisar a constituição positivista. (PESAVENTO, 1980, p. 228)

Os anos que se seguiram à revolução foram de lenta recuperação, em especial para a implementação dos frigoríficos no Estado, que incrementaram seus produtos trabalhando com carne em conserva, congelada e resfriada. Houve um aumento dos preços do gado, reerguendo a atividade pecuária no Estado. (PESAVENTO, 1980, p. 234) No entanto, o centro do país pensava em solucionar seus problemas de baixa oferta de charque buscando junto ao governo federal a diminuição da taxaço do charque importado. Nesta conjuntura, os charqueadores de Bagé e Pelotas, visando compensar seu prejuízo, entraram com um pedido de suspensão do imposto de importação do gado platino junto ao Ministro da Fazenda. No entanto, essas medidas não conseguiram solucionar o problema dos rio-grandenses. Em 1926, a pecuária gaúcha entra em uma nova crise, pois, como o aumento do

⁸ Fundado a partir de capitais de criadores e charqueadores ligados ao Partido Republicano Rio-grandense, o Banco Pelotense era um dos braços do governo borgista. Na época de euforia econômica, o governo do estado forçou o banco a investir muito dinheiro na Companhia Frigorífica do Rio Grande. Além disto, com a necessidade de ampliar os transportes, Borges precisou do dinheiro do Estado aplicado no banco. No entanto, o período era de retração de mercado devido à conjuntura desfavorável do pós- guerra. O Banco Pelotense também havia sido afetado pela crise da pecuária, sendo socorrido pelo governo. (PESAVENTO, 1980, p.188-189)

número de abates, os frigoríficos acabavam por produzir mais do que a demanda por seus produtos, levando a uma queda de preço, e à paralisação das empresas⁹. (PESAVENTO, 1980, p. 239)

A crise de 1926 atingiu criadores, charqueadores e frigoríficos, alavancou a capacidade de rearticulação da classe dominante rio-grandense e a sua união em defesa de seus interesses. Reunindo-se para resolver seus problemas, ressurgiu o espírito associativo. Criadores e charqueadores lutavam pelos mesmos interesses e, ao final do governo Borges, esperavam desde cima. Acreditavam que seus problemas ficassem nas questões do crédito, transportes e mercado, não propondo melhorias na estrutura produtora. O ano de 1928 assistiu a uma mudança política significativa para o Rio Grande do Sul, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, juntamente com uma nova elite política formada por Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Lindolfo Collor, João Neves da Fontoura, Maurício Cardoso e Firmino Paim Filho, grupo que ficou conhecido pela expressão “geração de 1907”, cunhada por Love (1975, p. 232-233).

Vargas ficou por dois anos no poder, realizando modificações políticas e econômicas e unindo os grupos políticos rivais no Estado. Seu governo foi marcado pela idéia da criação de um frigorífico nacional, voltado para o mercado interno, já que o internacional estava monopolizado pelas empresas estrangeiras. Também este governo preocupou-se com a sindicalização e o cooperativismo patrocinados pelo Estado, auxiliando a pecuária gaúcha e recuando em relação à herança positivista do PRR. Fez ressurgir a FARSUL (Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul), constituiu o Sindicato dos Charqueadores, e fundou o Banco do Rio Grande do Sul. Vargas conseguiu, através da defesa da pecuária e da solução dos problemas econômicos básicos do estado, o apoio das classes dominantes, unindo assim as facções políticas rio-grandenses. (PESAVENTO, 1980, p. 296)

A crise se mostrava ainda mais séria para os charqueadores que, com sua precariedade tecnológica, tinham poucas condições de enfrentar a concorrência. Em 1923, a *Revista do Comércio e Indústria do Rio Grande do Sul* publica um artigo intitulado “A indústria do charque”, mostrando a preocupação dos charqueadores com o avanço dos frigoríficos no estado. “E, além de tudo, essa indústria está condenada: o frigorífico, sejam quais forem as alternativas de um período excepcional de crise, suplantou, em definitivo, a

⁹ A exceção foi a *Armour*, empresa frigorífica de Livramento. Esta era uma das maiores do Rio Grande do Sul, juntamente com as companhias *Swift, Wilson e Anglo*.

charqueada”. (REVISTA, 1923, p. 232) Em 1930, Souza Brandão pregava a mudança da base econômica do Estado:

A charqueada é um conjunto desagradável à vista por ser feio, desagradável ao espírito por ser obsoleto e triste, desagradável ao olfato por ser fedorento; o charque é prejudicial ao estômago por ser indigesto, é absorvente de esforços, porque não enriquece ninguém.

O sul-rio-grandense, que é valoroso e progressista, deve encaminhar seus esforços para a fabricação de um produto mais asseado e mais remunerador. (BRANDÃO, 1930, p. 90-92)

Entretanto, o setor ainda sobreviveria por muitos anos, desempenhando um papel relevante, ainda que decrescente, na economia do estado. Para os charqueadores, entretanto, não havia, em geral, esta percepção do atraso. A charqueada, na década de trinta, momento de referência para a implantação da economia industrial no Brasil, representava a indústria moderna, em oposição aos mecanismos tradicionais da vida rural. Na visão dos proprietários, a indústria oferecia condições excepcionais de trabalho a seus empregados, conforme registra Sandra Pesavento, em *A burguesia gaúcha*:

As fábricas eram descritas como modernas e higiênicas, e o trabalho que se desenvolvia nas diferentes secções era harmônico, num ambiente cordial. Os operários, por seu lado, eram referidos como robustos, sadios e ordeiros. Em suma, um perfeito reduto de ‘ordem e progresso’ sob a batuta de dinâmicos e clarividentes capitães de indústria... (PESAVENTO, 1988, p. 31).

No campo, as transformações podiam ser observadas nos seus pequenos detalhes: o trabalho rural, antes praticado ao ar livre, passava a ser desenvolvido em espaço fechado; o tempo, regulado pelo sol e pelas mudanças climáticas, vinha marcado pelo apito da caldeira e pela idéia de jornada; o pagamento, antes variável, torna-se estável e tem valor diário, transformando o peão sem soldo em empregado assalariado. O quadro delineado sugeria, portanto, uma alteração nas condições de trabalho dos empregados, não apenas no que diz respeito à tecnologia e à organização do trabalho, mas também em relação ao próprio ambiente de trabalho.

Na visão dos pecuaristas, a crise econômico-financeira era basicamente fruto de fatores de crédito, transportes e mercado, unidos à existência de frigoríficos estrangeiros no Rio Grande do Sul. Para os charqueadores, o poder instituído era o responsável pela queda da atividade econômica, mas se mostrava incapaz de combatê-la. Soma-se a tudo isso a dissidência da classe dominante gaúcha, pois criadores, charqueadores e frigoríficos

estrangeiros possuíam interesses diferenciados. Esta constante tensão entre os produtores influenciou as diferentes tentativas de resolver os problemas. Entretanto, não havia uma visão clara da realidade, ou seja, a inserção secundária de uma economia como a brasileira no mercado mundial. (PESAVENTO, 1980, p. 196)

Durante a República Nova, nos anos 1930 a 1937, o Estado continuou apostando na agropecuária, buscando soluções para a crise do setor. A intenção do governo da União era resolver os problemas das economias periféricas, contanto que não afetasse os interesses comuns da nação, para garantir a acumulação de capitais no país. Para isso, o governo buscou incentivar a produção diversificada e integrar o mercado através das economias regionais. O Rio Grande do Sul participava deste processo como fornecedor, para o mercado nacional, de gêneros de subsistência. (PESAVENTO, 1997, p. 106)

No entanto, a classe dominante gaúcha não percebia sua situação de dependência em relação ao governo central. O charque continuava sendo o principal produto exportado pelo Rio Grande do Sul. No entanto, no mercado nacional, o Sindicato dos Charqueadores não conseguia manter o preço estável, devido à concorrência com produtos estrangeiros. A taxaço do sal de Cádiz, um dos principais insumos da produção de charque, era mantida pelo governo central para forçar os charqueadores gaúchos a consumirem o sal nacional que, de qualidade muito inferior, prejudicava a indústria saladeril. Enquanto os charqueadores tentavam articular-se para que o charque estrangeiro não entrasse no mercado nacional, a administração central assinava um acordo de livre comércio com o Uruguai, entendendo que isso baratearia o alimento para o consumo nacional, gerando divergências entre ambos.

No entanto, ao mesmo tempo em que o governo tomava estas providências prejudiciais aos charqueadores do sul, incentivava a frigorificação no Rio Grande do Sul, medida de caráter nacionalista, visando à diminuição da predominância dos frigoríficos estrangeiros no estado. Simultaneamente, incentivava a agricultura, que seria mais rendosa do que a pecuária, incentivando, assim, a produção de trigo, milho, arroz, trigo, cebola e frutas. Em 1932, com a Revolução Constitucionalista, Vargas derrotou a parte opositora gaúcha e paulista, pacificando o estado, e Flores da Cunha organizou um novo partido, o Partido Republicano Liberal, que ficou ao lado de Vargas. O PRL aceitava a tutela do centro, e colaborava com o governo central, sendo composto por agropecuaristas, comerciantes e industriais, profissionais liberais e pessoas que vieram das classes médias. À frente do estado, o PRL tomou decisões para tentar sair da crise econômica. (PESAVENTO, 1997, p. 107-110)

Ao mesmo tempo, havia uma importante discrepância entre os interesses dos charqueadores e do mercado consumidor, uma vez que qualquer política de proteção da indústria nacional de charque que protegesse o setor contra a concorrência estrangeira, encarecendo o produto importado, encontraria oposição nos demais setores da vida nacional. Exemplo disto é um artigo publicado nos *Anais do VII Congresso Rural*, que cita trecho de uma “publicação de natureza científica e de fins especialmente didáticos, para a mocidade de nossas escolas superiores”. (ANNAES, 1933, p. 252) O artigo é assinado por Afrânio Peixoto, catedrático de medicina legal na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, político e escritor regionalista. O trecho demonstra claramente o conflito de interesses entre os produtores de charque do Rio Grande do Sul e o governo da União no que se referia à indústria saladeril:

A carne seca, o charque, é, entretanto, o recurso alimentício do norte do Brasil, que não tem criação e é obrigado a importar esta matéria inferior para a alimentação.

Agrava-se o mal com o elevado custo da mercadoria. O Rio Grande ainda não abastece o consumo nacional. Tarifas protecionistas (agora 800 réis por quilo, todos os direitos incluídos, tendo partido de 40 reis em 1889: pequena prova da honestidade da República, governo do povo pelo povo), taxam pesadamente o charque uruguaio e argentino, de melhor qualidade, aliás, e que as necessidades de consumo obrigam a importar; resulta no preço elevado do produto, que enriquece alguns charqueadores nacionais, a custa da penúria geral. (apud ANNAES, 1933, p. 252)

No ano seguinte, nos anais do VIII Congresso Rural, realizado em 1934, a condição precária da economia charqueadora despertava a atenção dos produtores, sendo a crise associada à precariedade tecnológica do setor saladeril, visto como uma atividade econômica condenada pela falta de incentivos governamentais:

Se não arregimentarmos já esta velha indústria, que vem desde os tempos coloniais, o futuro se tornará sombrio e ameaçador. O charque preparado por processos rudimentares é destinado ao grosso consumo das classes laboriosas, dos centros tropicais de temperatura alta, onde a carne fresca não é possível chegar em boas condições, não tem tido incentivo de aperfeiçoamento, e por isso, dia a dia vem caindo no declive inevitável de uma ruína completa e desastrosa. Não há uma classificação rigorosa; são aproveitadas reses de todas as condições de gordura e de idade, desde a res nova até o boi de carreta, tudo nivelado pela salga, apresentando ao consumidor um padrão aparente de bom produto. (ANNAES, 1934, p. 336-337)

A economia dos anos 30 foi marcada pelo sindicalismo cooperativista, incentivado pelo governo do estado, com o intuito de impedir a manifestação política das classes dominantes e das oligarquias. Essa prática governamental acabava, também, por anular o potencial político das classes subalternas. Na pecuária, grupos de criadores criavam cooperativas para beneficiar seus próprios produtos, o que prejudicava os charqueadores tradicionais. Outros pensavam na criação de um frigorífico com recursos locais. O governo incentivou ambos os grupos de pecuaristas, favorecendo a criação de um frigorífico nacional, inclusive com a criação do Instituto Sul-Rio-Grandense de Carnes, em 1934. Nesse contexto, os sindicatos, que tinham apoio governamental, na forma de isenção de impostos, já mostravam muita força, e para poder competir com eles, os pequenos produtores uniram-se em cooperativas. (PESAVENTO, 1997, p. 110, 111-112)

A política do governo para o charque tentou forçar os produtores a adotar inovações produtivas que representassem uma melhoria de qualidade, e portanto de competitividade, do setor. No artigo “Remodelação das charqueadas”, publicado em 1937 nos *Anais do X Congresso Rural*, Cassiano Lorenzo Fernandes defende que a imposição do governo federal de melhores condições de higiene e racionalização do trabalho na indústria do charque impunha aos produtores um imperativo de investimento que nem todos pretendiam cumprir em curto prazo. Principalmente para aqueles que atuavam somente como intermediários e buscavam apenas o lucro imediato, o alto custo destas medidas representava um atraso na implementação da legislação. O artigo é muito crítico quanto à postura dos charqueadores: “O charqueador em geral tem seguido uma orientação de curtíssima visão industrial, desperdiçando muito daquilo que, bem aproveitado, aumentaria seu próprio lucro. Falta-lhe o espírito industrial e só anima o da especulação!” (ANNAES, 1937, p. 147)

Em função da exigência legal e da predisposição de muitos produtores de evitar a remodelação de suas propriedades, o autor propõe que o trabalho de modernização seja realizado em três etapas, para reduzir as despesas e tornar viável a melhoria do produto: 1) sanear as charqueadas e matadouros 2) racionalizar a indústria: propõem-se modificações na distribuição dos produtos, aumentando a rapidez do serviço e diminuindo o custo; este aproveitamento das miudezas também ajudaria a reduzir o mau cheiro das charqueadas; o autor enfatiza também a necessidade de redistribuição do trabalho, embora não explique no que consiste isto; 3) ao lado do charque, introduzir tecnologia de frigorificação e fabricação de carnes em conserva conjuntamente com o charque, e melhor aproveitamento industrial dos subprodutos. Apesar disto, afirma o autor:

Tem-se falado muito em frigoríficos com a expressão geral e totalitária de uma transformação industrial radical, abandonando a indústria do charque.

Há evidentemente exagero neste modo de pensar.

O charque ainda será por muito tempo alimento de grande parte da população brasileira, principalmente do Norte; o que se impõe fazer é melhorá-lo para superar o concorrente dos estados centrais. (ANNAES, 1937, p. 147)

Apesar da crise da charqueada e da ascensão da indústria da carne frigorificada no Rio Grande do Sul, na década de 40 ainda havia aqueles que, como Fortunato Pimentel, defendiam a importância da produção charqueadora e seu espaço no abastecimento do mercado: “ainda hoje quando o charque cede terreno aos produtos da técnica moderna de conservação e frigorificação, o Rio Grande do Sul encontra na indústria saladeril uma considerável fonte de riqueza.” (PIMENTEL, 1947, p. 163)

O fato é que a charqueada ocupou um papel de destaque na economia do Rio Grande do Sul no século XIX e na primeira metade do século XX, representando uma boa parte da economia do estado. Podemos entender melhor a importância que a charqueada tinha para o estado através das palavras de Walter Spalding, em um artigo denominado “Pecuária, charque e charqueadores no Rio Grande do Sul”, publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* em 1943:

O Rio Grande, pois, nasceu nas estâncias e cresceu nas charqueadas.

Aquelas serviram-lhe de berço e arrimo, estas de alimento e força, infelizmente pouco aproveitado e menos ainda compreendido pelos poderes supremos. E não se diga que faltassem reclamações nesse sentido.

Apesar disso, de todas as dificuldades, a indústria do charque progrediu, sendo sempre, e ainda hoje, em parte, a maior do estado. (SPALDING, 1943, p. 139)

2.3 Xarqueada e a economia charqueadora

Como vimos, o uso de processos muito rudimentares acabava representando não apenas perda de consumidores, como também comprometia o rendimento do processo de produção do charque. É o que se observa a partir da leitura do romance *Xarqueada*, em que é possível observar o quanto seu autor estava inteirado dos procedimentos de fabricação do charque e de seus problemas.¹⁰ Em seu capítulo 23, Wayne faz referência à má qualidade do

¹⁰ A charqueada em que se dá a ação do romance de Pedro Wayne é chamada ficcionalmente de *Santa Margarida*. O romance foi escrito, entretanto, a partir de sua experiência na charqueadas *São Miguel*,

charque, registrando o reaproveitamento contínuo do sal, que causava o “vermelho”, que se espalhava rapidamente pela carne:

Começava a pintar vermelho num lote de carne.

O vermelho é um dos defeitos que mais desvaloriza a carne. E é de tal maneira contagioso, que mal aparece num pedaço, já se alastra, contaminando todos os que estiverem em contato com o afetado. Dionísio falou ao salgador:

– Aquela terceira matança está com vermelho, isso é carne que não foi curada como devia!

O salgador se defendia:

– É o sal, seu Dionísio; o senhor quer aproveitar demais; canjica pra charque não dá, seu Dionísio, eu sempre estou dizendo, esse sal já devia ter passado para os couros, e leva-se a lavá-lo, a lavá-lo, sempre e sempre, usando o mesmo. (WAYNE, 1982, p. 67)

A tentativa de poupar sal acabava, assim, comprometendo a qualidade do produto e os lucros, como argumenta o Conselho Federal de Comércio Exterior, em seus *Estudos Econômicos*. Em 1939, este publicou um artigo que afirmava: “sem medo de errar, pode-se asseverar que os charqueadores, com sua indústria rudimentar, deixam de apurar mais de 30 a 40 cruzeiros por cabeça.” (apud. PIMENTEL, 1947, p. 155) No mesmo ano, o Anuário da Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul publica também um artigo sobre remodelação e higienização das charqueadas decretada pelo Governo federal. Podemos perceber, a partir do trecho que se segue, a preocupação dos charqueadores com a imposição das novas regras de higienização, que demandavam muito investimento financeiro, e a crítica ao governo federal que permitira a instalação de indústrias frigoríficas no estado, o que, segundo eles, culminaria no fechamento das charqueadas:

Tendo surgido agora idêntica situação diante das resoluções tomadas pelo Instituto de Carnes de entrar em ação, na industrialização do boi, mediante a instalação de modernos parques industriais em diversos pontos do Estado, o que de novo criava um impasse à melhoria das charqueadas sujeitas a fecharem antes de poderem, ao menos em parte, amortizar os avultados gastos feitos com higienização e remodelação. (ANNUARIO, 1939, p. 27)

Em *Xarqueada*, Wayne critica a falta de fiscalização nos saladeiros, péssimas condições de higiene e também a ganância e despreocupação do capitalista, que, para aproveitar os bois, não se importava com os males causados pela carne imprópria para o

Progresso dos criadores, Apleby, São Geraldo e Biboca, onde trabalhou como bolicheiro, contador,

consumo. Os saladeristas visavam conseguir prerrogativas junto ao governo para tentar prorrogar o prazo para cumprir as determinações governamentais. No Anuário citado acima, evidencia-se que a questão da higiene nas charqueadas ainda não havia sido solucionada, e era muito preocupante, tanto que o governo federal teve que intervir através de legislação para que fossem cumpridas normas mínimas de condições de higiene na produção do charque.

A imposição feita pela legislação federal data de 1936, ano em que o Ministério da Agricultura passou a exigir uma série de melhoramentos destinados ao saneamento básico dos estabelecimentos saladeris. Com a normatização foi estipulado um prazo de dois anos para que as regras fossem colocadas em prática. No entanto, o ministério cria novas instruções, que proibiam as charqueadas que não estivessem com a situação regularizada de matar na safra seguinte. Este fato causou grande alvoroço no meio saladeril, pois o custo com a regularização de acordo com as novas regras era muito alto, em torno de 200 contos de reis.

Em 1936, havia 40 charqueadas no Estado, e os charqueadores, juntamente com o governo estadual, pediram prorrogação neste prazo, diretamente ao governo Federal. Seu pedido foi atendido e o prazo prorrogado até a safra subsequente. As medidas exigidas pelo governo federal eram as mínimas necessárias para o saneamento das charqueadas. Essas medidas estavam relacionadas com: tratamento da água utilizada; construção de redes de esgotos subterrâneas; isolamento adequado aos depósitos do produto; pavimentação do piso de todas as dependências a serem utilizadas na produção; calçamento de currais e espaços destinados a secagem. (MARQUES, 1990, p. 58-59) O romance de Wayne documenta a precariedade técnica da indústria saladeril ao demonstrar sua pobreza tecnológica e suas más condições de higiene.

O setor saladeril era, entretanto, heterogêneo em termos da disponibilidade de capital para renovação de seus equipamentos. No caso da charqueada descrita por Wayne, vimos anteriormente o quanto o reaproveitamento do sal, por exemplo, para fins de economia de insumos, acabava por prejudicar a qualidade da produção. É o que observa o narrador do romance, novamente, ao comentar, a respeito dos equipamentos:

Muitos, considerados imprestáveis por estabelecimentos mais precavidos, eram vendidos em segunda mão para outros que se fundavam e começavam suas instalações viciadas, aproveitando, por mais baratos,

administrador, além de exercer serviços auxiliares. (ROSA, 2009, p. 109)

utensílios condenados sob o aspecto da segurança dos que o manejavam.
(WAYNE, 1982, p. 49)

Neste contexto de crise e lenta decadência, alguns charqueadores percebiam que precisavam se modernizar, mas a resistência à renovação tecnológica e o apego aos velhos métodos rotineiros ainda eram consideráveis. Pedro Wayne faz a sua representação do charqueador gaúcho na figura de Dionísio, um homem rude e grosseiro, antigo trabalhador de charqueada que enriquecera nos tempos de prosperidade do setor, e que mantinha no seu estabelecimento as técnicas precárias de produção. O narrador do romance, por sua vez, mostra-se saudosista em relação aos anos passados, como o ano de 1925, quando as coisas, segundo ele, eram diferentes. Naquele momento, era possível aos trabalhadores auferir boa remuneração. Vimos anteriormente que, a partir de 1924, o governo tomou medidas para tentar solucionar a crise que se instaurou na economia gaúcha no período pós-guerra. Em 1925, o que acontecia na charqueada gaúcha era o processo de tentativa de se reerguer após a crise, que, em 1926, veio a afetar novamente esta economia. Na visão de Wayne, com o passar do tempo as charqueadas passaram a produzir muito menos, enquanto os charqueadores esbanjavam em luxos, buscando imitar os europeus.

No fragmento a seguir percebemos como a crise das charqueadas era interpretada por Wayne, que atribuía à organização classista dos proprietários uma regulamentação da atividade que prejudicava a produção e que tinha suas piores consequências sobre os trabalhadores. Deve-se notar também a postura nacionalista assumida por ele, em sua crítica à renovação tecnológica que, a seu ver, representava a transposição à realidade brasileira de práticas que não faziam sentido na conjuntura nacional, devido à escassez de divisas que limitava a possibilidade de investimento de larga escala em máquinas e equipamentos modernos.

Como quando no ano de 1925 a matança, no Estado, fora de um milhão e muitas mil cabeças abatidas. Não havia a limitação imposta agora em número e tempo pelo Sindicato dos Charqueadores... hoje seria diferente. Os golpes desastrosos sofridos pelos charqueadores, fazendeiros, trazendo-lhes consideráveis prejuízos, abalaram também as condições de vida dos operários, as possibilidades de juntarem alguma coisa. As charqueadas, por exemplo, passaram a matar muito menos do que faziam anteriormente. Diminuiu o número de dias e de empregados em suas tarefas. Entre outras causas, contribuiu principalmente para essa catástrofe a **mania de imitar os americanos do norte**... Transformaram seus estabelecimentos industriais e pastoris dentro dos moldes *yankees*. Alegando que, com as demonstrações norte-americanas, quanto mais aperfeiçoadas as máquinas, mais modernas as instalações mais produziam e renderiam. O que não deixaria de ser exato desde que pudessem contar

com a facilidade de movimentar dinheiro que há nos Estados Unidos. Para lá, servem os argumentos, pois existe a superabundância de dinheiro. Excesso de ouro. Aqui, porém, o caso é outro, há escassez. O dinheiro com lastro ouro existe em muito menos quantidade do que lá, e está em sua maioria preso. Acumulado. Morto. E não se pode com êxito jogar com os mesmos meios comerciais usados num país cujos fatores de equilíbrio de mercado são totalmente diversos do nosso. (WAYNE, 1982, p. 69-70 - grifo nosso)

Além das medidas anteriormente citadas, o governo pós-30 foi marcado também pela legislação social, regulamentando as relações entre empregados e empregadores. Essa legislação representava um retrocesso para o processo capitalista em andamento, mas as pressões e greves das classes operárias foram muito constantes durante toda a República Velha. A legislação foi pensada para diminuir os conflitos e acalmar a classe operária. As primeiras leis foram bem recebidas pelo operariado, mas com o avanço deste processo percebeu-se que elas serviam como uma forma de controle da classe subalterna, através do poder dos sindicatos. Isto fez com que novamente a classe operária se reerguesse no movimento operário. (PESAVENTO, 1997, p. 113)

No momento em que Pedro Wayne escreveu *Xarqueada*, a produção saladeril do Rio Grande do Sul decerto havia já perdido muito terreno para os novos produtores do mercado nacional e para os frigoríficos. No entanto, de fato sua relevância na economia e na sociedade sul-rio-grandenses continuava sendo considerável. Mais importante para Pedro Wayne era, entretanto, adotar uma nova perspectiva que permitisse abordar este objeto de uma forma renovada, ou seja, a partir da observação das condições de vida e de trabalho dos operários das charqueadas.

3. Capítulo 2

Xarqueada na história cultural do Rio Grande do Sul

3.1. *Xarqueada*, romance regionalista

Tomando como objeto uma região específica do Rio Grande do Sul, centrando sua narrativa nas peculiaridades deste espaço, e enfocando experiências características de uma comunidade rural, o romance *Xarqueada* pode ser considerado uma obra regionalista. O regionalismo, uma das tendências mais prolíficas e duradouras da produção cultural brasileira, é universal e moderno, e se manifesta em culturas tão diversas quanto a alemã, a norte-americana e a italiana, por exemplo. Ele pode se apresentar tanto como movimento consciente por parte de grupos de letrados que defendem o programa de uma literatura rural, quanto na forma de obras isoladas que convergem com sua proposta. Ao longo da história, o regionalismo tem se mostrado uma literatura voltada para o registro de manifestações culturais, práticas, costumes, mentalidades, características das comunidades ditas pré-modernas. (CHIAPPINI, 1995, p. 1-2)

O regionalismo demonstra uma percepção moderna das transformações observadas entre os grupos sociais tradicionais em função da influência do êxodo rural, da industrialização, da atualização tecnológica. Pode adquirir uma tonalidade mais ou menos saudosista e idealizadora, embora a dimensão documental – ou seja, a descrição objetiva da realidade do mundo rural – seja também decisiva e tenda frequentemente a direcionar a narrativa aos aspectos sociais negativos deste ambiente: a pobreza, o atraso, o preconceito, o conservadorismo. Ligia Chiappini observou que o regionalismo vive majoritariamente às margens do que em geral é consagrado como “grande literatura”, por mesclar-se às linguagens da etnografia, do folclore, da pedagogia, o que tem conduzido constantemente a uma apreciação crítica desfavorável do gênero. (CHIAPPINI, 1995, p. 1-2)

De fato, a dimensão documental do regionalismo caminha paralelamente com conteúdo inventivo, pois ele cria um espaço ficcional que opera através de uma simbolização de um universo histórico, social e geográfico de fato existente. O gênero pode também ser caracterizado pela oscilação entre uma tendência romântica, que tende para a idealização e a nostalgia, e uma tendência realista, que se prende ao registro etnográfico e à reportagem do cotidiano. (CHIAPPINI, 1995, p. 4-6) No caso específico de *Xarqueada*, a tendência

realista, em seu viés naturalista, é de fato bem mais acentuada, mas podem ser identificados, como observaremos mais adiante, traços românticos significativos.¹¹

Para compreender os modelos de representação da realidade rural vigentes na literatura da época de Wayne, é fundamental compreender o sentido do regionalismo como gênero de produção cultural que muito ultrapassa o campo do literário. Anne-Marie Thiesse entende que o discurso regionalista mais comum é aquele fundamentado pelas oposições campo, natureza, autenticidade, tradição *versus* cidade, modernidade, decadência. A autora sugere, ainda, que se some a esta oposição básica o cosmopolitismo e o nacional, pois, assim “obtem-se a fórmula do regionalismo que fornece suporte às propagandas fascistas, que exalta os valores do campo e o retorno a terra contra as perniciosas influências estrangeiras.” (THIESSE, 2010, p. 5)

Esse discurso regionalista aborda a corrupção física e espiritual do mundo tradicional pelo mundo moderno, sendo extremamente conservador, por criticar a modernidade como um tempo de degeneração. Este seria um regionalismo que objetiva reencontrar a tradição, que se mantém atualizada em detrimento da “falsa cultura” da modernidade, que denuncia em suas linhas. No entanto, se for acentuada “a oposição Periferia/Centro, teremos, sob suas múltiplas inflexões, as reivindicações das culturas minoritárias contra a hegemonia do poder político e cultural.” Ou seja, teríamos aí a criação de um espaço cultural aberto ao questionamento das manifestações culturais e políticas oficiais. (THIESSE, 2010, p. 5)

Durante a primeira metade do século XX, as configurações que enfatizam a relação entre o povo, a tradição e o nacional exercem uma importante influência sobre a história cultural e ideológica deste período. O povo, através da cultura popular, teria guardado e transmitido ao longo do tempo as tradições, os valores e a herança nacional, desde a formação das identidades nacionais que, segundo Thiesse, são utilizadas como inspiração pelas culturas modernas. No final do século XVIII e durante o século XIX na Europa, houve uma movimentação em direção à coleta e valorização das tradições, culminando na constituição do folclore, “termo que designa ao mesmo tempo a cultura popular tradicional e o saber específico aplicado a ele”. (THIESSE, 2010, p. 5-6)

Dessa forma, percebe-se que a valorização da cultura popular existe muito antes do termo regionalismo, e que este está ligado à construção do nacional devido a sua ligação

¹¹ Na expressão de José Maurício Gomes de Almeida, o uso de conceitos naturalistas revelaria a “genealogia estética do romance social nordestino, que pode ser visto como um verdadeiro neo-realismo.” (ALMEIDA, 1999, p. 221) O mesmo se observa quanto ao romance de Wayne.

com o povo rural enraizado nas províncias, e não com as grandes capitais. Sendo assim, supostamente ele recolhe as informações vivas da cultura popular. A busca pela cultura original, no século XIX, de fato influenciou as concepções de cultura nacional moderna, contribuindo para a valorização das manifestações regionais. Assim, as nações modernas valorizam em suas representações a diferença e a unidade, englobando as diversidades para formar uma nação coesa. (THIESSE, 2010, p. 6)

No entanto, o que é valorizado e divulgado como cultura popular, que serve de fundamento para as culturas comuns nacionais, não é a cultura real do campesinato europeu, que se apresentava miserável e disposto a emigrar para as cidades ou para o novo mundo.¹² Thiesse afirma que “a cultura popular promovida é o produto de invenções de tradições,¹³ ou, ao menos, de seleções e rearranjos dos costumes rurais.” Ela entende que as sociedades atuais constroem seu futuro referindo-se ao passado, “mas se trata de um arcaísmo *ad hoc*, concebido para se desenvolver e se adaptar à modernidade.” Os folcloristas chamam atenção para a preservação do passado, preservando as tradições antigas em uma linguagem coerente com a modernidade, e devido a isso eles lançam esforços para reviver estas tradições, sentindo-se responsáveis por realizar um trabalho de sentido patriótico. (THIESSE, 2010, p. 6)

A ação *revivalista*, relacionada à vontade de reviver o passado, pelos folcloristas do século XX, engendra uma fase diferente daquela do século XIX. Isto porque, no final deste século, com as identidades nacionais constituídas, surge o tema da decadência, associado a um sentimento de perda do sentido de comunidade e da cultura representativa da autenticidade nacional, o que, por sua vez, aponta para a necessidade de “purificação” da cultura popular. Os movimentos regionalistas que se organizam nos anos 1900, tais como a Federação Regionalista Francesa, criada em 1900, e os movimentos nativistas ou “*Heimatbewegungen*” dos países germânicos “erigem o regional em lugar por excelência do gênio original ainda preservado e da Natureza como fonte viva de regeneração para a cultura

¹² A tendência idealizadora é comum no regionalismo. Keith Thomas observa, ao se referir ao bucolismo da literatura rural inglesa, onde “o culto ao campo era, sob vários aspectos, mistificador e escapista”:

“[a] maioria deles pintava o campo como imune às tensões sociais; ignorava as razões econômicas da pequena nobreza para conservar-se no campo e manifestava extrema relutância a mencionar os aspectos práticos da vida campestre.” (THOMAS, 2010, p. 356)

¹³ Conceito cunhado por Eric Hobsbawm: “Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (HOBBSAWM, 1984, p. 10)

nacional.” (THIESSE, 2010, p. 6) Neste contexto, dá-se ênfase ao povo. Surge assim um problema, assim apresentado por Thiesse:

Como aculturar à cultura nacional, fazer entrar dentro de uma comunidade transclassista, um povo cuja cultura viva, real, significa justamente um problema? O proletariado urbano, mais particularmente, parece duplamente perigoso, já que sujeito ao mesmo tempo a contestar a desigualdade social e econômica lançando-se ao internacionalismo revolucionário e a mergulhar com prazer na degradação de uma cultura de massa em pleno crescimento. O povo do campo, e particularmente seu componente feminino, parece inclinado a ceder aos apelos encantadores da cidade. (THIESSE, 2010, p. 6-7)

Esta oposição campo-cidade, operacionalizada pela literatura regionalista, e o imperativo de “purificar” a cultura popular, são temas muito frequentes em *Xarqueada*, o que demonstra a preocupação do autor em valorizar a autenticidade da cultura popular e defendê-la da contaminação da cultura urbana.

A cidade, avançando, levando-lhes os costumes, também lhes substituíra os trajes. Capotes militares. Ponchos. Capas. Casacos de casimira bem talhados. Pijamas com os alamares descosidos, caem não caem. (...) dólmas simples. Dólmas de bolsos despregados, vendo-se nos ombros a marca deixada pó cadarços arranhados, mostrando que fora graduado. (...) Fazendas caras, desbotadas e puídas, que haviam saído novas dos balcões envernizados, experimentadas com duas ou três provas diante das opiniões abalizadas dos espelhos bem informados, confraternizando com brins ordinários e mal cortados. Roupas quase em molambos, dadas a troco de pequenas fainas aos que as estavam usando. (WAYNE, 1982, p.20)

Wayne critica a população do interior em sua tentativa de se igualar à da cidade, tentando imitá-la. Além do episódio relatado no trecho anterior, a crítica aparece novamente durante o romance quando são descritas as mulheres da charqueada, através da observação do narrador, que condena sua busca frustrada de imitar as mulheres da cidade, o que acabaria tornando-as ridículas.

Entre as moças, havia as de aspecto simples, com vestidos de chita, cortados e costurados sem pretensões a acompanhar a moda, sapatos de salto baixo e no rosto apenas um pouco de pó. A maioria, porém, procurava imitar as da cidade, se pintava, mas faltando prática para isso, deixavam as faces com duas nódoas vivas, como se estivessem atacadas de erupções violentas, localizadas. Os lábios perdiam os contornos e se alargavam numa grotesca mancha vermelha melosa, os olhos horrorizavam, afundados num naufrágio escandaloso de tinta preta. Quase todas vestiam seda barata com enfeites de cores berrantes, com cauda de arrasto no chão de assoalho; os pés desajeitados, metidos nos saltos altos, faziam-nas caminhar com as pernas duras, pisando cautelosas. (WAYNE, 1982, p. 63)

Esta dicotomia campo/cidade, adotada por Wayne, é ressaltada também por Raymond Williams, que enfatiza o poder destas palavras, observando a forte ligação com a terra que nos sustenta e a capacidade de realização humana representada pela cidade, como um modo de vida diverso. Ele percebe que o sentido dado aos termos “campo” e “cidade”, caracteriza-se, para o leitor atual, como uma frequente manifestação de uma “crise de valores”, pois o universo campestre é utilizado como crítica ao capitalismo. (WILLIAMS, 1989, p. 11, 57) Entende-se, por isto, no contexto do romance de Wayne, a frustração do autor frente à inautenticidade dos camponeses que, através da cópia, submetiam-se aos valores modernos da cidade e enfraqueciam a possibilidade de crítica ao *status quo*.

Segundo Williams, o ideal do sedentarismo foi capaz de fundamentar uma “estrutura de valores” que deu origem a percepções constantes e densas relacionadas com a identificação do sujeito a seu lugar de origem e a tudo o que a ele se relaciona. (WILLIAMS, 1989, p. 120) Pode-se inferir que Wayne partilhou desta ideia ao construir seu romance *Xarqueada*, pois, a partir da leitura dos trechos citados anteriormente, pode-se perceber que este romance utiliza a dicotomia campo/cidade de forma a ver o processo de urbanização como decadência e fonte de todos os males sociais: a superficialidade, o artificialismo, o cosmopolitismo, a vaidade. Este mito tem grande importância no pensamento moderno, fundador daquela “estrutura de sentimentos” que conduz a um recuo à comunidade natural, orgânica, e que pode conduzir a uma crítica à modernidade industrial. (WILLIAMS, 1989, p. 120)

Quando Pedro Wayne lançou *Xarqueada*, o regionalismo era já uma tendência consagrada e tida como o gênero de produção cultural mais representativo do estado. A formação no Rio Grande do Sul de uma literatura própria teve início em meados do século XIX, com os romances *A divina pastora* (1847) e *O corsário* (1851) de autoria de José Antônio do Valle Caldre e Fião. No entanto, somente na década de 1870, com o Partenon Literário, pode-se falar em literatura própria do Rio Grande do Sul, pois no período que antecede a criação desta entidade, fundada em 1868, existiam apenas manifestações literárias que não podem ser consideradas como um sistema literário organizado. (LEHN, 2001, p. 109)

A partir do final da década de 1860 até o início da década de 1870 forma-se um sistema literário gaúcho, em que a literatura passa a não ser apenas produto de “iniciativas individuais, para se transformar num produto que apresenta elementos comuns à obra de todos os autores distribuídos por vários municípios do Estado.” (NUNES, 2001, p. 134-135)

O Partenon Literário ajudou a consolidar o regionalismo no Rio Grande do Sul, sendo uma de suas realizações mais conhecidas a obra *O Vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre, romance que busca descrever a relação do homem gaúcho com o meio em que vive, documentando suas práticas, costumes, valores.

As manifestações artísticas produzidas por este grupo buscaram associar a Província à produção literária da nação brasileira. Dessa forma, o local não se opõe ao nacional, e sim colabora para a definição deste. O fazer literário gaúcho se torna mais um elemento da nacionalidade, mimetizando, dessa forma, as tendências do centro do país, ao buscar assemelhar-se a elas. Neste contexto, a literatura vive de semelhanças e não de separação: no romance regionalista romântico, os conflitos de ordem política, econômica, cultural e classista entre os gaúchos são amainados, igualando negros, peões e fazendeiros, que seriam aliados em torno do objetivo comum de defender o pampa. Assim, o romance contribui para a construção de uma imagem coesa da sociedade.

Esse período romântico da literatura sul-rio-grandense teve continuidade e se afirmou na cultura do estado. No período realista – consolidado a partir da publicação *Recordações gaúchas*, de Luís Araújo Filho, em 1905 –, assistiu ao surgimento de duas tendências: por um lado, a valorização do local, da vida no campo, do homem campeiro, seus costumes e tradições, na linha de *O Vaqueano*; por outro, manifestações da busca de novos parâmetros e modelos explicativos para a compreensão da vida em sociedade, por meio das teorias evolucionistas e da linguagem naturalista em voga no período.

Ao mesmo tempo, o regionalismo consagra-se como um programa, um projeto autoconsciente e imbuído de uma percepção acurada sobre a mudança histórica, em particular no que dizia respeito à decadência das comunidades rurais. Para Maria Eunice Moreira, “a história da literatura sul-rio-grandense vai delineando os signos que a orientam e, simultaneamente, vai tecendo uma outra história, que é a própria história de seu percurso enquanto discurso sobre a literatura.” Entende-se que, enquanto a literatura produz suas obras, a historiografia faz sua crítica. Desta forma, o elemento “regionalismo” foi definido como “signo orientador do processo literário” podendo olhar tanto para o passado, “e definir o elemento a ser preservado” quanto para o futuro, “para orientar os escritores sobre a tarefa com a qual eles pretendem se comprometer.” (MOREIRA, 2007a, p. 274-280)

A ideologia regionalista foi sendo construída a partir da história do estado, e pela representação literária dela. Cyro Martins chama de regionalismo o fazer literário influenciado pelo sentimentalismo. Ele entende que, no Rio Grande do Sul, o regionalismo

assumiu o papel de propagar o espírito heróico, que, desde a nossa formação, devido às defesas de nossas fronteiras, permaneceu como motivo para a “superestimação de nós mesmos”.

E a literatura, que se originou dessa exaltação coletiva, foi uma literatura de afirmação, assinalando de preferência o lado belo da vida, o heróico e o romanesco. Foi o regionalismo. O nosso regionalismo nada pedia, bastava-lhe o facho da tradição, empapado de pitoresco e luzindo façanhas. Contentava-se com exibi-lo como uma floração arrogante de vitalidade. Caracteriza-o um desejo machista de expansão e domínio. (MARTINS, 1944, p. 8)

Por isto, Martins cunha o termo “localismo”, que definiria uma literatura mais afinada com seu projeto:

Bem diferente é o espírito que anima a literatura localista, mais prosaica, mais inclinada aos temas do cotidiano e ao estudo das depressões coletivas. Enquanto o regionalismo sublima as suas virtudes na glorificação do indivíduo, do tipo, do arquétipo e, no nosso caso, do “monarca das coxilhas” – o localismo evidencia os defeitos e as crises do grupo social em foco, sugerindo a reparação dos danos. (MARTINS, 1944, p.8)

Luísa da Mata Lehn, por sua vez, entende que o regionalismo foi fruto das transformações sociais e políticas que ocorreram no Brasil. Dessa forma, as primeiras referências regionalistas enfatizavam a relação do homem com o meio, e com o decorrer do tempo a literatura regionalista passou a denunciar os problemas sociais. Pode-se dizer que o regionalismo “é algo que não pode ser colocado em segundo plano na literatura brasileira, pois as suas obras nos dão subsídios para conhecermos melhor as diversas nuances da vida social brasileira.” (LEHN, 2001, p. 108) É o caso de *Xarqueada*, um romance com alto teor documental, construído em torno de uma representação, que se crê o mais fiel o possível, de um determinado ambiente social, dado a conhecer, por meio da literatura, a um público amplo.

No entanto, somente nos anos 1900 a ficção regionalista frutificou de forma a impor sua força e caráter, afirma Carlos Dante de Moraes. A influência romântica já estava mais dissipada, fazendo com que se olhasse com mais atenção para a realidade, “sua aspereza rude, na simplicidade primitiva dos seus tipos humanos”. Uma das características surgidas a partir daí o destaque conferido à inserção do homem no meio, na sua tipicidade e expressão. (MORAES, 1959, p. 188) O regionalismo gaúcho foi um projeto no qual os homens das letras do Rio Grande do Sul se empenharam para criar a uma identidade para o povo que aqui ocupou e conquistou seu espaço. Nas palavras de Cláudio Omar Nunes,

(...) foi um projeto destinado a construir uma identidade para a sociedade que conquistou, ocupou e, durante a segunda metade do século XIX, procurou organizar e desenvolver o território do Rio Grande do Sul, chamando os homens de letras para si a consecução deste projeto. (NUNES, 2001, p. 132)

Nos anos 1920, a literatura do Rio Grande do Sul ainda era conservadora, tanto do ponto de vista estético quanto ideológico, uma vez que o modernismo, com seu elemento revolucionário, não havia ainda sido apreendido pela literatura do estado. Zilberman lembra que, para a promoção de uma determinada realidade rural e certo tipo humano, a narrativa regionalista teve suas características relativas a personagens, espaço e tempo remanejadas, fazendo um contraponto à burguesia urbana que, com o passar dos anos, foi responsável pelo deslocamento dos poderes políticos e econômicos em direção à cidade e à indústria. (ZILBERMAN, 1992a, p. 75)

Segundo Lígia Chiappini Moraes Leite, o “mito do gaúcho-herói tinha como referente o homem do campo, da zona da pecuária, sendo expressão da ideologia da classe que detinha o poder antes de 1890”. (LEITE, 1978, p. 161) Uma das variações do mito é o “monarca das coxilhas”, e através dele “a tradição privilegiou uma determinada imagem do gaúcho: o macho guerreiro, destemido na luta contra o inimigo ou as forças da natureza, que percorre a imensidão do campo inseparável de seu cavalo.” (CHAVES, 1991, p. 68) Outra variação do mito do gaúcho é baseada em *O gaúcho*, de José de Alencar, a versão “centauro dos pampas”, e seus atributos básicos eram a “força, beleza, nobreza, coragem, altivez, pundonor, brio, fundidos numa solda moral, ‘a consciência’ da liberdade.” (CHAVES, 1991, p. 71)

As mudanças sociais do período republicano, vistas pelos conservadores, foram expressas pela literatura regionalista, nas obras de Alcides Maya, João Simões Lopes Neto, Amaro Juvenal, Darcy Azambuja, autores que passam para suas obras uma visão saudosista e de descontentamento com a situação político-social do estado e com a decadência da região da Campanha gaúcha.¹⁴ Neste momento, no Rio Grande do Sul, a literatura tanto

¹⁴ Alcides Maya foi, segundo Cyro Martins, um precursor em seu fazer literário, pois, segundo ele, Maya (...) se emancipou da província pela cultura, ao voltar-se para os rincões da meninice, procurando armar a sua ficção sobre o documentário do pago, amparou-se não somente na experiência pessoal, mas ainda na história e na legenda, conferindo às suas páginas um sentido de epopeia. (MARTINS, 1944, p.1)

Martins alerta para o fato de que a literatura produzida por Maya não é de fácil compreensão para o leitor comum, pois o escritor pratica uma linguagem requintada. No entanto, “suas narrativas guardam uma profunda e comovente harmonia com a realidade campeira.” Segundo ele, o regionalismo é antes de tudo uma “atitude sentimental”, postulando sua atitude de “entusiasmo em face da região e da sua legenda.” Alcides Maya se insere no regionalismo, como um “homem do mar alto da cultura”. (MARTINS, 1944, p. 1-6) Apesar

mapeia o tipo de sociedade que se estabelece no período da formação do estado, com a subida ao poder do Partido Republicano, quanto registra o depauperamento do homem do campo, a perda do poder econômico das estâncias e charqueadas e a falência do modelo social que embasava o mito.

Segundo Zilberman, a literatura produzida nas primeiras décadas do século XX foi responsável por ultrapassar as características mais ufanistas da literatura regionalista deste período e manter vivo o regionalismo herdado de Simões Lopes Neto, em que havia a preocupação “em alcançar uma consciência total entre narrador e a situação narrada”, inserindo seus narradores no meio rural e contando histórias a partir das experiências vividas pelos homens do campo.¹⁵ Deve-se destacar, ainda, a preocupação do autor em posicionar os personagens em condições de igualdade, igualdade essa incentivada pela equivalência dos espaços: o galpão e a varanda são igualmente espaços de narração de histórias. “Este recurso diegético faculta ao autor atingir uma unidade que se instala acima da repartição social, já que todos compartilhavam igualmente a condição de ouvintes”. Através dos processos narrativos, a suposta “democracia rural” consagrava-se como uma das marcas da ideologia política do Rio Grande do Sul. (ZILBERMAN, 1992a, p. 76-77)

O trabalho de Wayne representa o gaúcho de uma forma muito diversa da imagem tradicional e das primeiras décadas do século XX, incorporando a “circunstância social dentro da qual se insere a personagem e que determina seu comportamento”. (ZILBERMAN, 1992b, p. 15) No entanto, no capítulo vigésimo sexto de *Xarqueada*, observa-se a caracterização do personagem Januário a partir dos lugares comuns do regionalismo, em seu elogio do gaúcho como homem rebelde, amante da liberdade, ousado, engajado instintivamente em revoluções armadas, embora, segundo o autor, não fosse movido pelo desejo de sangue, pois “tinha nas veias o protesto altivo dos antepassados viris, a lutar contra os invasores dos seus domínios, que vinham para escravizá-los a regimes estranhos (...)” (WAYNE, 1982, p. 76).

Da mesma forma que em *Xarqueada* vemos um romance com alto teor documental, é possível encontrar símbolos regionais específicos da cultura gaúcha como os quero-queros, um dos símbolos do estado. No capítulo 29 do romance, o narrador descreve uma cena simbólica da paisagem do Rio Grande do Sul, ao descrever o movimento dos quero-queros

da admiração por Maya, como alternativa a esta tendência, Martins cunha o termo “localismo”, que definiria uma literatura mais afinada com seu projeto. (MARTINS, 1944, p.8)

que “chamam” a personagem Guriazinha para fora de casa quando Luís se aproxima. (WAYNE, 1982, p. 81-82) A inserção dos animais na narrativa é eloquente da valorização dos elementos da natureza como participantes da experiência humana; neste caso, evoca-se um dos mais consagrados símbolos da identidade regional, um pássaro cujo comportamento defensivo tornou-se a metáfora da própria condição do Rio Grande do Sul no Brasil.

Assim, vemos que o autor, apesar de crítico do regionalismo, está ainda ligado a seus ideais, mantendo em algumas passagens do romance, como nestes exemplos, mitos do regionalismo tradicional. No entanto, os ideais de Wayne podem ser identificados mais apropriadamente aos ideais que se fazem presentes na década de 30, devido ao fato de que ele pouco utilizou os conceitos e propostas da tradição. Como Cyro Martins, Aureliano de Figueiredo Pinto e Ivan Pedro de Martins, Pedro Wayne enfoca a desagregação econômica das grandes propriedades rurais, fato gerador do desemprego do campeiro e da necessidade de sua transferência para a cidade, desarticulando o mundo gaúcho tradicional, abordado pela perspectiva daqueles que sofreram o impacto deste processo. Dessa forma, estes autores se negam a reforçar o mito do gaúcho herói que surge em *O gaúcho*, de José de Alencar, expressando o desgosto e a decadência resultante das mudanças na estrutura tradicional da economia rio-grandense.

3.2 Xarqueada, romance de 30

O chamado “romance de 30” assume uma postura diferente do regionalismo tradicional, pois busca descrever os fenômenos sociais e compreendê-los, ao representá-los literariamente. Consideram-se participantes do movimento conhecido como “romance de 30” os romances de temática social que foram escritos no período que se inicia em 1928, ano da publicação de *A bagaceira* de José Américo de Almeida, e nos trinta anos a ela subsequentes. O romance de 30, do ponto de vista temático, visou documentar a variedade regional do Brasil, sendo acolhida a diferença e tendo em comum a intenção do registro e o depoimento social e político. Assim, sua visão é, acima de tudo, de caráter sociológico, o que confere à temática regional uma nova direção. Neste contexto, o romancista de 30 se interessa pelo conhecimento de seu país, para diagnosticar seus problemas. O romance de 30

¹⁵ Como Zilberman, Moraes também defende a importância de Simões Lopes Neto no ciclo regionalista, uma vez que sua prosa resumiria “todo o nosso regionalismo típico ou ortodoxo”, que visionava apenas o homem do campo, em seu *habitat* natural, e com seu linguajar pitoresco. (MORAES, 1959, p. 188)

pode ser entendido como parte integrante, produto e reflexo dos primórdios do Brasil moderno, que se superpunha ao Brasil arcaico/agrário. O moderno era marcado pelas estruturas urbano-industriais de um capitalismo cujos centros situavam-se no exterior, mas que, com o advento da I Guerra começaram a olhar mais para seu próprio país. (ZILBERMAN, 1992b, p. 14-15)

Para compreender o surgimento do “romance de 30”, é necessário fazer referência à situação social e política do Brasil no panorama pós-guerra, momento em que com as relações com a Europa estavam interrompidas e que a intelectualidade brasileira se vê desiludida com a civilização europeia.

Isolados das matrizes originais do pensamento, os intelectuais debruçaram-se sobre o mapa do Brasil. E a “realidade brasileira”, um dos conceitos-chave da época, invade as áreas humanas (histórica, política, sociológica, antropológica) no afã de revisar o País, mediante um olhar notadamente documental e crítico. O advento do Modernismo de 1922 e a renovação ideológica que processa, inclusive pela legitimação do cânone europeu, deixam patente o mal estar que causa, à intelectualidade da época, a negação da própria história. (MASINA, 2000, p. 112)

O Brasil, com sua pluralidade, passa a fazer parte de um projeto de autoconhecimento de âmbito nacional, sendo a documentação da realidade social e humana, diversificada através das regiões, o *modus operandi* básico deste projeto. Disso decorre a temática localista, dominante nas narrativas, abrindo mão do ufanismo para dar conta da própria história e da compreensão da contemporaneidade. As obras passam a retratar as peculiaridades de um Brasil dividido em enormes áreas de subdesenvolvimento e de pobreza, cujos problemas vão servir de enredo romanesco, numa perspectiva do reconhecimento do atraso e da frustração em face dos rumos e do alcance do processo de modernização. O romance busca, então, registrar os movimentos de pessoas no espaço físico-social e o impacto das mudanças sociais modernizadoras, como a urbanização e a industrialização. Os autores do romance de 30 se definem ideologicamente e separam a estética e a política em seus textos. A expressão romance de 30, segundo Léa Masina (2000), possui a temática localista e regional, agrária ou urbana, que formam um painel amplo do Brasil, a partir de uma perspectiva lógica e política. (MASINA, 2000, p. 112)

Dacanal observa que o grupo dos romancistas de 30, apesar de não ser homogêneo, possui características que poderiam ser resumidas em: busca da verossimilhança, seguindo os preceitos da ficção realista/naturalista da Europa e do Brasil; no que toca à estrutura narrativa, o romance é apresentado de forma linear; uso de uma linguagem que respeita o

“código culto” urbano; o romance de 30 delimita as estruturas históricas e suas características econômicas e sociais; os personagens são integrantes destas estruturas, aceitando-as, lutando contra elas, ou sendo suas vítimas; as estruturas históricas do romance são geralmente agrárias; o romance tem uma característica crítica ou mesmo panfletária, em relação às estruturas políticas, sociais, históricas e econômicas apresentadas; o otimismo, que poderia ser considerado como ingênuo, faz parte do romance de 30, à medida que este busca, a partir do diagnóstico da realidade, criar uma consciência capaz de conduzir a sua superação:

Se há miséria, os conflitos e violência existem, tudo isto pode ser eliminado, principalmente porque o mundo é compreensível. E, portanto, retornável, se preciso e quando preciso. Basta a vontade dos indivíduos e/ou do grupo para que a consciência, que domina o real, o transforme. (DACANAL, 1986. p.15)

Ao escrever sua história do romance de 30, Luís Bueno analisa toda a construção deste gênero a partir de seus precursores, elencando suas diferenças em relação aos autores que participaram da Semana de Arte Moderna dos anos 20. Naquela ocasião, os autores preocupavam-se principalmente com a renovação estética, enquanto com o romance de 30 a preocupação maior era com a questão ideológica. (BUENO, 2006, p. 58) Bueno alerta sobre a dificuldade de se admitir uma relação de continuidade entre projetos estéticos e ideológicos ligados à visão e à consciência do país, entre as gerações de 20 e 30, avaliando que a linha ideológica dos modernistas da Semana de Arte Moderna era diferente daquela assumida pelos romancistas 30. A forma de ver o Brasil, ou a ideia de “país novo”, marcava a utopia dos modernistas e também dos romancistas de 30.¹⁶ Entretanto, os romancistas de 30 adiaram esta utopia devido à sua consciência de subdesenvolvimento, mergulhando na “incompletude do presente”. (BUENO, 2006, p. 59)

Ainda segundo Bueno, outros fatores diferenciam os romancistas de trinta dos modernistas do período anterior, como a linguagem que os modernistas praticavam, uma linguagem mais coloquial, visando uma aproximação com a realidade do Brasil, diferentemente da realização estética praticada pelos romancistas de 30, através de um único manifesto estético, o *Boletim de Ariel*¹⁷, publicado na principal revista literária do período. (BUENO, 2006, p. 66-67)

¹⁶ O termo “país novo” foi criado por Candido (1989)

¹⁷ Diferentemente da *Revista de Antropofagia* ou da *Klaxon*, usada pelos modernistas de 22, em que havia um projeto e um grupo regular de autores, o *Boletim de Ariel*, era apenas um empreendimento comercial da editora Ariel. (BUENO, 2006, p. 66)

A arte produzida no decorrer da vigência do romance de 30 no Brasil não poderia seguir qualquer movimento utópico, pois a ideia de país novo vinha caindo em descrédito, dando lugar a uma visão crítica da realidade. Segundo Bueno, “a arte da década de 30 não poderá, portanto, abraçar qualquer projeto utópico e se colocará como algo muito diverso do que os modernistas haviam levado a cabo” se constituindo numa arte pós-utópica. (BUENO, 2006, p. 68) Outro elemento importante do romance de 30 é a exploração da figura do fracassado, utilizada por seus autores com toda a sua energia de criação, o que demonstra a particularidade do realismo praticado neste momento em relação ao praticado nas décadas anteriores. (BUENO, 2006, p. 76-77)

No romance de 30, a percepção de que o país era atrasado canalizou as forças dos escritores em direção à escrita de romances que se assemelhavam a uma produção documental, voltada para a observação de um aspecto injusto da realidade ou para a configuração da mentalidade que ajudou a criar este atraso. Os escritores dos anos 30 comportavam-se de forma diferente da praticada pelos utópicos do período anterior, sendo uma produção mais autônoma, em que cada autor debruçou-se sobre algum aspecto do presente, dificultando a leitura de um aspecto geral na produção, a partir de uma única obra. Para entender, por exemplo, a recorrência do personagem fracassado neste tipo de romance, é necessário analisar muitas obras do período. (BUENO, 2006, p.79)

O engajamento político do romancista de 30 é um fator muito importante para entender o contexto do romance e do romancista. Havia uma pressão muito grande pelo engajamento político dos intelectuais brasileiros neste período. Segundo Bueno, tal se dava ou pela situação política interna, ou pelo fato de a intelectualidade brasileira sentir-se ligada à Europa, tendendo a ver da mesma forma a falência do liberalismo. No Brasil do período pós-primeira guerra, e com o advento do governo Vargas, que tendia a aproximar-se dos ideais praticados pela extrema direita europeia, os intelectuais do período inclinavam-se a duas opções: a extrema direita ou a extrema esquerda. A partir das afirmações e da análise empreendida por Bueno, podemos inferir que o intelectual da época que não estivesse engajado não era bem visto. E, dessa forma, não se admitia qualquer meio termo. Esse pensamento não estava restrito a apenas alguns “jovens comunistas exaltados”, mas caracteriza, assim, “um movimento de toda uma geração”. (BUENO, 2006, p. 33-35)

O romance de 30, segundo Hohlfeldt (1998) documentava a inserção do Brasil no sistema capitalista mundial. Devido a isso as obras se caracterizam como “narrativas memorialistas, narrando, de um lado, a derrocada dos herdeiros tradicionais, incapazes de

compreender o novo mundo e seu diferenciado código de valores”, e, de outro, demonstram a ascensão de novos grupos. “O romance de trinta assume plenamente um enfoque materialista, que busca a denúncia e a compreensão dos fenômenos que narra e aborda”. (HOHLFELDT, 1998, p. 107, 108)

Compreende-se, assim, a inserção do romance de Wayne no contexto cultural de sua época. Na visão do crítico literário Wilson Martins, *Xarqueada* deve ser compreendido como representante de uma produção literária engajada nas causas trabalhadoras, e que busca desempenhar uma função transformadora das consciências e, portanto, de forte cunho político. Seria, assim, representante de uma

“ficção populista e proletária” abundante no país naquele período, juntamente com romances como *A terra come tudo*, de Luís Martins, *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, *Subúrbio*, de Nelo Reis, *Navios iluminados*, de Ranulfo Prata, de Fran Martins, *Sem rumo*, de Cyro Martins, *A Barragem*, de Inês Duarte, *Brejo*, de Cordeiro de Andrade, e *Safra*, de Abguar Bastos, além de *A Morta*, “ato lírico em três quadros”, de Oswald de Andrade. (MARTINS, 1996, p. 98)

Este período da década de trinta, em que ocorrem as modificações que vão alterar as bases ideológicas do poder, repercute profundamente na literatura voltada para a exploração do regional. No início da década, a literatura regionalista influenciada pelos modelos literários da República Velha, que se encerrava na política, tinha as opções de manter os mesmos temas ou partir para uma temática que englobasse as mudanças que vinham ocorrendo, no campo social e político. Assim, a literatura regionalista sofre as repercussões das mudanças sociais e das modificações das bases ideológicas do poder, tendo que ser entendida dentro deste novo contexto histórico e ideológico. Analisando este contexto no Rio Grande do Sul, Moreira (2007) observa que:

A partir da década de 1930, acompanhando a evolução do romance brasileiro, a literatura rio-grandense assume um caráter documental, gerando obras de contundente crítica social, enfocando especialmente a região da Campanha, berço do regionalismo. Se recuperam os elementos característicos do Regionalismo, despem-no de sua visão ufanista, substituindo a tendência festiva pelo desvelamento das desigualdades sociais. (MOREIRA, 2007a, p.164)

Léa Masina situa o romance gaúcho de 30 no contexto da literatura nacional, demonstrando que aquele está ligado a esta, ao manter a continuidade da literatura voltada para a narração do cotidiano campeiro e da interação entre homem e natureza. (MASINA, 2000, p. 109) Segundo ela, a literatura rio-grandense seguiu duas vertentes: “a primeira,

temática, centralizada na campanha e na figura do gaúcho, preocupada em documentar a fixação do homem na terra; a segunda, ideológica, fazendo coincidir, num mesmo recorte, a tradição localista e a pretensão histórica, sociológica e política.” (MASINA, 2000, p. 109-110) Neste sentido, é no contexto da vertente ideológica que se insere o romance gaúcho de 30. A linguagem praticada por este tipo de romance aproxima o discurso jornalístico e o literário, culminando em uma nova narrativa, “em que os elementos da realidade empírica, fruto da observação e das vivências de cada escritor, enformam um tipo de romance neo-realista, que submete o conteúdo jornalístico e documental à ficcionalização.” (MASINA, 2000, p. 110)

Masina resume a expressão romance de 30 ao dizer que ela se refere à produção literária que busca descrever com fidelidade as realidades locais e regionais do país, fossem elas urbanas ou rurais, a partir de um ponto de vista político e sociológico. No entanto, a autora faz ressalvas e alerta para a impossibilidade de encaixar o romance de Cyro Martins, por exemplo, neste conceito. Para ela, o romance de 30 no Rio Grande do Sul

(...) retoma a temática da campanha, destituindo-a da idealização e da ótica ufanista para narrá-lo sob o ponto de vista da denúncia social; apreende a mobilidade do homem do campo para a cidade; denuncia as condições adversas e o abandono em que vive o operário e o trabalhador rural; investiga o universo proletário e pequeno-burguês de uma classe média campeira e cidadina cujos valores transformam-se à medida que mudam as condições de vida e de trabalho; inventaria as mazelas sociais; avalia questões políticas e denuncia a perpetuação do poder repartido entre as oligarquias, avaliando as suas consequências. (MASINA, 2000, p. 121)

Segundo Masina (2000), para entender o romance gaúcho de 30 é preciso entender a relação do homem com a terra. No Rio Grande do Sul, a literatura seguiu duas vertentes, sendo a primeira com a temática voltada para a Campanha e a figura do gaúcho, com a preocupação de fixação do homem à terra; a segunda, com viés ideológico mais nítido, é marcada pela tradição localista e a pretensão histórica, sociológica e política. “O regionalismo literário, com o domínio da idealização do gaúcho e da campanha, dá conta da primeira vertente; o romance de 30 desenvolve a segunda, ampliando-a para o espaço urbano”. (MASINA, 2000, p. 110) O romance *Xarqueada* foi fortemente influenciado por esta segunda visão acerca das realidades regionais e locais. E com isso, para a autora, na década de 1930 que o Rio Grande do Sul se destaca politicamente no cenário nacional.

Xarqueada exemplifica o questionamento da prática dos romancistas regionalistas convencionais, ao produzir sua denúncia da triste realidade de um estabelecimento saladeril

no Rio Grande do Sul, recusando-se a ocultar a dura realidade. No romance, os personagens são vistos como pessoas sujeitas às desventuras do mundo em que vivem, ao contrário do que se observa na obra de muitos escritores voltados para a representação da vida no campo.

O regionalismo, investido da missão de união de todos para a defesa do pago, assume nos anos 1930 outra direção. Neste momento, modificam-se as bases ideológicas adotadas pelo gênero até então, sob influência das mudanças ocorridas no Brasil daquela época. Estas estavam relacionadas à queda da República Velha, e às modificações na estrutura política relacionadas à ascensão de Getúlio Vargas ao poder. O governo de Vargas incentivou a industrialização e promoveu uma maior participação das camadas urbanas no poder. Entretanto, este era ainda um processo incipiente, tendo-se mantido a dicotomia campo/cidade, como na República Velha. A literatura de 30 foi bastante diferenciada da do período anterior, com visão oposta daquela do romantismo ufanista, inclusive do início do século XX. (MOREIRA, 2007b, p. 81,82-83)

Influenciados pelas mudanças na sociedade brasileira, e de forma afinada com ficção nacional, alguns nomes desta literatura de 30 no Rio Grande do Sul, como Cyro Martins, Pedro Wayne, Aureliano de Figueiredo Pinto e Ivan Pedro de Martins, apresentaram, em seus romances regionalistas, questionamentos sobre a real condição da sociedade da Campanha, afastando-se da visão elogiosa e da índole festiva, comuns no regionalismo do período anterior. A literatura produzida por estes autores entre 1935 e 1945 foi marcada pelo realismo. Na visão de Maria Eunice Moreira, os textos produzidos nos anos 1930 estão relacionados com “a época que as gerou [, pois] a ascensão das massas urbanas e a nova estratificação social possibilitam, de modo geral, a mudança de orientação do romance regionalista brasileiro.” (MOREIRA, 2007b, p. 87)

O romance de 30 no Rio Grande do Sul inaugura uma nova fase na história da literatura regional, em que a visão nostálgica e ufanista perde espaço para a perspectiva documental, crítica, ainda que esta ainda fosse marcada por certa ingenuidade. (MASINA, 2000, p. 117) O olhar crítico dos romancistas direciona-se às desigualdades características das relações de trabalho e à concentração da propriedade rural na Campanha, que representa o poder hegemônico do Estado. Em questão estão também os processos produtivos advindos do progresso capitalista e a possibilidade de resistência à ordem estabelecida.

Ivan Pedro de Martins, em *fronteira agreste*, Pedro Wayne, em *Xarqueada*, Cyro Martins, em *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova* registram, quase didaticamente, as relações do homem com a sociedade, sob a ótica

dos desajustes sociais e políticos, ao mesmo tempo em que apreendem o impacto de uma vida urbana que se intensifica. (MASINA, 2000, p. 119)

Estão presentes nos romances de 30 as mudanças históricas do Brasil e do Rio Grande do Sul, representadas pela presença de massas urbanas, pela consciência de classe, pela transformação nos modos de produção no campo e na cidade, pelo advento da indústria e pelo êxodo rural. (MASINA, 2000, p. 117) O romancista de 30 dá importância à definição da práxis literária, mostrando-se consciente de questões fundamentais, como a função da literatura, o papel do escritor e as relações entre ideologia e arte. Assim a denúncia dos males sociais, como a miséria e a fome, a descrição dos trabalhadores das indústrias e do campo, a visão do indivíduo proletário e de suas mazelas serão os temas predominantes. (MASINA, 2000, p. 120)

No Rio Grande do Sul, o romance de 30 retoma a temática da campanha, destituindo-a da idealização e da ótica ufanista para narrá-la sob o ponto de vista da denúncia social; apreende a mobilidade do homem do campo para a cidade; denuncia as condições adversas e o abandono em que vive o operário e o trabalhador rural; investiga o universo proletário e pequeno-burguês de uma classe média campeira e cidadina cujos valores transformam-se à medida que mudam as condições de vida e de trabalho; inventaria as mazelas sociais; avalia questões políticas e denuncia a perpetuação do poder repartido entre as oligarquias, avaliando as suas consequências. (MASINA, 2000, p. 121)

Xarqueada apresenta características próprias do “romance de 30”, podendo ser analisado levando em consideração a fluidez dada por Pedro Wayne no decorrer da obra, em sua busca por representar a realidade social no texto literário de forma verossimilhante. O romance cumpriria uma função desmistificadora, em relação ao mito da democracia rural. Ele traz uma visão crítica a respeito do sistema saladeril sul-rio-grandense, sendo às vezes quase um relato sociológico, mostrando a degradação da classe proletária submetida aos padrões e ao mandonismo político. “Neste sentido, há no romance o registro literário do abandono a que se encontra relegada a população da Campanha, após os tempos heróicos de fixação no território, que a narrativa regionalista privilegiara”. (MASINA, 2000, p. 125)

No que diz respeito a esses “tempos heróicos”, Décio Freitas lembra que nenhuma dominação social se dá sem uma dominação ideológica e, no caso do Rio Grande do Sul, a maior construção neste sentido está relacionada ao processo de produção pastoril. Segundo ele, os ideólogos do pastoreio alegam que esta produção é constituída a partir de um processo natural baseado no uso de um recurso disponível e abundante, o gado, dessa forma dispensando a intervenção do trabalho social, ou servindo-se muito pouco dele. Como

Zilberman, Freitas percebe a influência da ideologia na literatura e também a avalia neste sentido quando diz que “a literatura e o folclore poetizam toda a vida do peão gaúcho – sua choça miserável, seus farrapos, seu monótono menu carnívoro, seu suposto donjuanismo.”¹⁸ (FREITAS, 1980, p. 8)

O caso do gado chimarrão, para esses ideólogos, seria a prova da produção sem trabalho. Esse gado, tanto bovino quanto equino, foi deixado pelos conquistadores do território em grandes quantidades, e ao longo do tempo foi se reproduzindo independentemente de qualquer trabalho humano. Freitas lembra que o gado por si só não caracteriza valor, apesar de representar uma riqueza e muita utilidade para o homem, mas para ser possível consumi-lo havia a necessidade de trabalho humano. E afirma ainda que para o gado chimarrão adquirir valor seria necessário o trabalho social. (FREITAS, 1980, p. 10) Sendo assim, a teoria econômica de valor é negada, pois a natureza, e não o trabalho social, seria a fonte de valor na produção pastoril. E assim, como a acumulação de capitais se daria por processos naturais, “não haveria dominação e exploração no pastoreio.” (FREITAS, 1980, p. 7) A literatura regionalista, ao idealizar a formação histórica do Rio Grande do Sul, teria contribuído para difundir esta ideologia. Segundo Ernesto Wayne, “assinalava *Xarqueada*, um marco pioneirístico no regionalismo gaúcho, pois, pela primeira vez, despia-se o gaúcho das vestes coloridas que lhe enfiara José de Alencar, e era situado na realidade contemporânea.” Tratava-se, segundo ele, de uma resposta sulista ao romance social do Nordeste, de Jorge Amado, Graciliano e José Lins do Rego. (WAYNE, 1972, p. 24-25)

3.3 A crítica ao regionalismo em *Xarqueada*

A busca da verossimilhança caracteriza a construção de *Xarqueada*. No caso do romance de Wayne, o lugar da charqueada existe, as relações sociais, econômicas, políticas e culturais propõem-se a produzir uma análise sociológica da época em questão e do contexto histórico do Rio Grande do Sul abordados em *Xarqueada*. Não se trata apenas, contudo, de registrar estes aspectos, mas revesti-los de novas significações, ou seja, interpretá-los segundo o ponto de vista dos interesses dos trabalhadores. No romance, Luís chega ao ambiente rural vindo da cidade, encontrando um tipo de relação econômica pré-

¹⁸ Para exemplos dessa visão na literatura gaúcha, ver FREITAS, 1980, p. 8-9.

estabelecida pela indústria da charqueada em que ele foi chamado a trabalhar. Passa, assim, a alertar os trabalhadores de seus direitos e de sua força coletiva, afirmando que as coisas não precisam ser da forma como estão postas. Exemplo disto é que, fazendo um contraponto social e cultural ao pensamento que prevalecia, Luís corteja Guriazinha, mesmo sabendo que ela foi de outro homem, não sendo mais bem vista moralmente por aquela sociedade dos anos 30, do interior do Rio Grande do Sul, do universo da charqueada de Bagé, ao qual pertencia.

Em uma conversa com o personagem Januário, observando a miséria em que viviam as pessoas na charqueada, Luís critica as estruturas históricas, chamando atenção para os trabalhadores sem vínculo das redondezas, que não eram empregados da charqueada. Januário, “(...) rústico criado continuamente vendo se dar aquelas cenas, não tinha noção das razões que as motivavam. Achava que sempre tinha sido assim, era da vida, explicava.”. Luís segue questionando: “Por que há tanta miséria? Você já pensou em saber por quê?” (WAYNE, 1982, p. 29) O diálogo surge no romance como uma forma de criticar as relações das estruturas vigentes, e de buscar uma tomada de consciência pelos trabalhadores para que este sistema fosse transformado.

A linguagem da obra é culta, conforme os padrões do romance de 30, não havendo a tentativa de reproduzir a linguagem oral dos trabalhadores. O romance é produzido de forma a manter certa linearidade dos acontecimentos no decorrer da narrativa, sendo esta também uma das características próprias deste tipo de romance engajado.

No enredo do romance *Xarqueada* há uma cena que questiona o mito da “democracia dos pampas”. Os personagens se encontravam no boliche, mas não para contar causos. Ao mesmo tempo, não eram todas as classes que se encontravam lá. No romance de Wayne os personagens encontravam-se para falar da exploração que sofriam, das más condições de trabalho e dos baixos salários praticados na charqueada. No romance de Wayne, não há aquele espaço democrático de conversação tão comum nos romances e contos regionalistas; pelo contrário, o boliche, onde os trabalhadores se reuniam, era o lugar onde estes trocavam suas experiências e suas queixas contra os patrões.

Dia em que a charqueada não estivesse matando, reuniam-se no boliche. Ali era o ponto de convivência. (...) Tia Catita, com os olhos espantados e a voz rouca de sempre, se queixava do patrão, e ainda o mandara depois cortar lenha um pedaço da tarde. Recusara-se o capataz a apontar-lhe o dia no ponto ou dar-lhe alguma gratificação; nem lhe haviam servido sequer o prato de almoço. Outros, acostumados com aqueles gestos dos chefes, não se apiedavam do amalucado, e ainda zombavam dele (...). (WAYNE, 1982, p. 76-77)

Wayne cria um protagonista, Luís, que era um guarda-livros, trabalhador letrado e especializado que, apesar de ocupar uma posição muito superior à dos operários da charqueada, se juntava a eles. O narrador faz questão de mostrar que tal comportamento não era normal naquela realidade. “Os trabalhadores, acostumados à arrogância e ao desprezo com que eram tratados pelos que ali pegavam um posto mais elevado, sentiam-se sensibilizados pela simplicidade do novo ‘escrivão’. Ele se chegava como um companheiro de trabalho.” (WAYNE, 1982, p. 42)

Vemos que, em *Xarqueada*, o escritor faz questão de desmitificar muitos dos mitos difundidos pela literatura regionalista. Sua visão da realidade saladeril não é semelhante à encontrada em outras obras regionalistas, pois seu discurso vai na contramão do tradicional regionalismo, ao comprometer-se com a defesa da causa dos trabalhadores. O livro de Wayne tem, no entanto, diversas características que podem levar-nos a considerá-lo como um herdeiro, ainda que bastante crítico, da literatura regionalista, sobretudo em seu viés de observação sociológica. (MOREIRA, 2007b, p. 80-81)

Como vimos, o regionalismo tomou para si a responsabilidade de educar o povo, evitando a contaminação de sua “legítima” cultura pela cultura de massas. No livro de Pedro Wayne há um trecho de crítica cultural muito representativo deste processo de idealização do mundo rural, visto como tradicional, puro e autêntico, pela literatura voltada aos assuntos gauchescos. Segundo ele, observava-se, ao contrário, que muito havia já mudado na cultura do sul do estado, em relação à cultura popular “incontaminada” dos velhos tempos. O tom utilizado por ele para referir-se à literatura regionalista do Rio Grande do Sul é a ironia:

Hoje, na Campanha, a não ser algum velho saudoso, ou algum regionalista letrado, é muito raro alguém se lembrar de chimarritas e outras marcas antigas. Acompanham e sabem as músicas mais recentes. Estropiam as maneiras mais modernas de dançar, mas a questão é que preferem estas. Entre risotas, e somente como motivo de pândega, tomam parte numa polca de bastão ou num ‘*shottish*¹⁹ se largando’. (WAYNE, 1982, p. 64)

Neste momento, a idealização da vida e do homem do campo é desautorizada pelo olhar documental, que registrava o processo de mudança cultural decorrente da influência dos hábitos urbanos no campo. Em vários momentos do romance, o narrador assume a postura de um repórter, voltado para descrever com exatidão os costumes, hábitos, práticas e mentalidades de uma região dotada de características próprias, a serem comunicadas ao

leitor. Como uma das principais fontes de riqueza do estado, a charqueada era também um dos mais marcantes elementos de sua vida social. Além disso, a força dramática do trabalho em condições sub-humanas no setor saladeril transformou-o num tema literário de grande apelo para a literatura gaúcha, que pretendia, em sua inclinação naturalista, reportar a realidade de modo fiel.

Além de encaminhar a sua narrativa de forma a buscar ser um relato da realidade, Wayne aproveita o ensejo para criticar o regionalismo tradicional, bem como o público leitor desses romances, quando narra a chegada do personagem Luís na Casa Grande, onde vivia Dionísio, o proprietário da charqueada. Lá, observa a mulher do proprietário, Vera, a grande vilã do romance, que se casara por interesse. Neste momento, o narrador explicita uma concepção de literatura:

Pela porta aberta divisa uma mulher moça, com um cãozinho felpudo no colo, embalando-se numa cadeira. Lia um livro. Não podia ver bem, mas que nos pode interessar um livro do qual uma mulher gosta? Aquela atenção tão apegada na leitura que lhe dava um alheamento, para o que mais fosse, absoluto, era a crítica mais desfavorável que podia um autor sofrer. (WAYNE, 1982, p. 23)

O narrador demonstra uma visão negativa e machista do público feminino ao qual se dirigia uma certa literatura, descrita por ele como sinônimo de alienação, uma literatura que, ao invés de aproximar o leitor da realidade, o faz fugir dela, alhear-se, passar a viver na dimensão fictícia da trama imaginativa, e não na realidade. Esta sim seria, para ele, objeto digno da literatura. O romance de Wayne é o contrário disto, ou seja, nega a imaginação e pretende retratar a realidade de seu objeto de estudo. Neste sentido, é válido pensar o romance de Wayne como obra característica do romance de 30, romance de crítica social, cujo objetivo almejado, através da representação da realidade, é denunciar as mazelas a que estão sujeitos os membros menos favorecidos da sociedade.

Para um escritor como Wayne, a fidelidade ao real era certamente decisiva para avaliar a qualidade de uma obra literária. Em outro trecho do romance, o narrador mais uma vez é irônico ao referir-se ao regionalismo. Naquele momento, ele afirmava que a literatura regionalista era responsável pela visão amplamente difundida do trabalhador da charqueada como um tipo “desordeiro” e “altivo”. O personagem Luís lembra que a imagem que fazia dos empregados de charqueada, antes de conhecê-los e conviver com eles, era a de tipos

¹⁹ Como no original. Provavelmente, *scottish*, gênero de dança introduzido no Brasil em 1851, e que deu origem ao xote. (Diniz, 2007, p. 74)

capazes de matar somente para aproveitar, para cruces de sepulturas, os restos da madeira que havia sido cortada para fazer cabos de enxada:

Não só porque acreditara na literatura regional, como porque achava lógico que homens, fazendo profissão de sangradores de bois e retalhadores de carnes vivas, tivessem alma com garras de feras e instintos assanhados, despedaçando-lhes ferozes os sentimentos mais comuns. Uma classe, diante da qual os tigres e hienas tivessem grau dez no comportamento. Não tinha sido, agora confessava, sem um certo receio que havia chegado ali. Mas não os encontrou. Andavam pelas cidades, nos contos e novelas e ainda não haviam chegado por lá. (WAYNE, 1982, p. 131)

De fato, a leitura de alguns contos regionalistas demonstra isto. O conto “Charqueada”, de Alcides Maya, publicado em 1911 na coletânea *Tapera*, representa a vida saladeril na perspectiva de que o ambiente é determinante do homem. Segundo Maya, o homem que mata por trabalho adquire o hábito de matar. “Charqueada”, de forma naturalista, descreve a rotina dos saladeiros:

Da alvorada à noite, ali dentro, a morte impava em golfantes caudais de cruor sadio, nutrindo nas coxilhas de grama fina, corado de luz viva nas radiosas manhãs do pampa; a abatidas as reses, estrebuchantes no saguão vermelho, a morte, dilúculo a dilúculo, impava cá fora, extravasando, a borbotar, do alargamento do lajeado, para as rampas áridas, o líquido das lavagens. Escumavam a ferver os tutanos no óleo crasso das graxeiras; derretiam-se a vapor e gorduras espessas; coloriam-se de coágulos os tanques rasos; purpleavam nos varais retalhadas mantas gordas; e, soberana e sinistra, a morte impava, fertilizando a terra, vibratilizando o ar, pompeando triunfal no chorume das plantas, no rosado das faces, na energia dos gestos, na voz altíssima de mando, na densa nuvem dos tavões, no revôo regrejante dos corvos envolvendo o matadouro ecoante de mugidos. (MAYA, 2003, p. 75)

Descrevendo o ambiente da charqueada de forma naturalista, apresentando um ambiente fétido, de aspecto sombrio, o conto retrata também a rotina da matança, quando clareia o dia e começa o labor, o carnear, sempre observando o sangue, a podridão, dando ao leitor a impressão de estar lá, vivenciando aquele ambiente, observando a realidade. Maya descreve o sangue atingindo o rio e manchando suas águas, e faz um contraste entre os ambientes, aquele ambiente sóbrio da matança e do sangue, com o ambiente belo das “(...) margens verdes, com alternativas de balseira e pântano, o Vacacaí, por serenos pendores, de novo deslizava límpido até aos relevos prados que além o emolduram”. (MAYA, 2003, p. 76)

A descrição da paisagem encontrada neste conto de Alcides Maya é diferente do que era praticado e característico do paisagismo da literatura regionalista gaúcha. Maya descreve

a paisagem como algo que é repugnante: “Faltava àquelas terras, incessantemente calcadas à passagem das tropas destinadas ao corte, a frescura das relvas virgens (...)”. Marlene Madaglia Almeida, em *Na trilha de um andarengo*, traduz a problemática dos aspectos paisagísticos nas obras regionalistas de Maya. Nelas estariam presentes, além da narrativa e da representação do estado de espírito do autor, as “paradas descritivas”. No entanto, a autora percebe que suas descrições não conferem com o praticado na época por autores influenciados pelo estilo *belle-époque*, pois, ao invés de representar as paisagens como componentes decorativos, o autor escrevia um texto que parecia filmá-las, deixando transparecer os aspectos mais reais e rudes do meio. (ALMEIDA, 1994, p. 130)

Além da descrição do grotesco ambiente da charqueada, Maya encerra o conto com uma passagem que retrata a propensão assassina do trabalhador da charqueada, determinada pelo meio:

E seria assim a vida inteira, e todos os verões correria assim, ali perto, rolando grúnios vermelhos e resíduos roxos, o rio murmuro, tão claro de nascente a dessedentar por entre ribas flóridas os rebanhos tranquilos; e assim à luz radiante nas alvoradas estivas, tão doces à indecisa coloração das primeiras barras, e na fecunda rutilância dos sóis merídios e na poesia serena das tardes de ouro, **o homem continuaria a matar, a matar, a matar...**” (MAYA, 2003, 78. Grifo nosso)

Em *História Literária do Rio Grande do Sul*, João Pinto da Silva trata com especial atenção este conto de Alcides Maya. Segundo ele, o conto era uma das composições mais fortes de *Tapera*, ao pretender retratar a vida brutal dos carneadores sempre cobertos de sangue, o aspecto sombrio dos saladeiros, bem como o cenário “selvagem de um dia de matança”:

(...) a tristeza augural do gado, à espera, nas mangueiras, quando ouve, em sobressalto, o berro doloroso, o berro que solta o animal ferido, ao cair nas taboas movediças do curro, estreito e ensanguentado, – todos esses pormenores, evocados magistralmente, adquirem impressionante beleza, um cunho de Arte superior. (SILVA, 1930, 153)

O elogio ao conto de Maya demonstra o quanto esse tipo de literatura regionalista era bem aceito pela crítica da época, tendo sido Alcides Maya o primeiro gaúcho aceito na Academia Brasileira de Letras. E, da mesma, forma pode-se inferir que a ideia propagada pelo conto era igualmente popular. No entanto, João Pinto da Silva critica o fato de Maya escrever sem ter participado da vida na charqueada, sendo apenas um observador. Diz o crítico:

Hávamos de vê-lo, personagem, parte ativa na faina trágica, mortífera, entre os charqueadores, de “xiripá”, avental de algodão branco, todo sangrento, com a faca de folha larga retalhando a rês abatida. O episódio, em vez de ser o que é, seria, ao fim, um fragmento autobiográfico; terminaria, não como termina, com um grito ansioso de saudade, de tristeza, ou, talvez, de revolta. (SILVA, 1930, p. 154)

Através desta crítica de João Pinto da Silva, observamos o quanto a fidelidade ao real e, se possível, a efetiva inserção do narrador no ambiente que descrevia eram valores apreciados na avaliação de uma obra literária. O mesmo realismo de Maya é encontrado no conto “Carneador”, de Roque Callage, que descreve a vida do carneador Xiru Silveira, chamando atenção, novamente, para o determinismo do homem pelo meio. O tipo descrito por Callage é de um homem que trabalhou por doze anos em uma charqueada e que era dado ao vício do álcool. Era respeitado e temido devido “à agilidade homicida da sua carniceria temperada (...)”. (CALLAGE, 2000, p. 45) Seu comportamento é tido como um resultado do hábito de matar, adquirido no trabalho da charqueada.

Também fora dali (do ambiente da matança), na rancheira das chinas, ele se impunha sempre lascivo das comadres. (...) Tudo era, decerto, uma resultante da faca perversa... sabia de sobejo como se matava. Fizera-se homem nas pedras ensanguentadas da cancha, acompanhando, com vivo interesse, toda a existência brutal dos carneadores tangados à estopa, a correrem de um lado para outro, vibrando o aço feroz, com a certeza dos suplicadores afeitos, desde a infância, ao extermínio da vida. (CALLAGE, 2000, p. 46)

Segundo o que consta no conto, as mortes não afetavam o Xiru:

Era-lhe indiferente ver, todos os dias, aquelas grandes vidas que caíam fulminadas nas lajes úmidas, depois do golpe violento do desnucador enforquilhando entre as varas do brete...

Nada! Pouco se lhe importavam aquelas cenas dolorosas e longas. Uma lei de vida como outra qualquer... “o gado que se aguentasse”, dizia, “pra isso era gado”. (CALLAGE, 2000, p. 46)

A violência representada por Callage no personagem Xiru, de uma brutalidade tamanha e de muito sangue frio, mostra muito da visão que se propagava na literatura da época sobre o carneador. A morte era algo com o que se habituara e que se tornara comum, uma vez que fazia parte do meio em que nascera e vivera, tornando-o insensível em relação ao sofrimento. Mais que influenciar, o meio determina o comportamento e a mentalidade de Xiru, homem agressivo e pronto para usar a faca “sem emoção, quase automático”. Por isto, às vezes ele se enfurecia sem grandes motivos aparentes, e apunhalava certamente e com

ódio suas vítimas: “Dessa influência do meio, dessa lei fisiológica do homem, o altaneiro perverso formou-se, integrando-se, definitivamente, numa página de crueldade, diante da imolação permanente da vida...” (CALLAGE, 2000, p. 46)

Em seu conto sobre a charqueada, Callage descreve cenas brutais de violência, ao evocar a alegria dos carneadores diante da matança. Para o escritor, eles tinham prazer em matar e, “tendentes ao crime”, eram maus, pois o meio os fizera assim:

Anos de vida assim bastariam para projetar na estrada ou no balcão perigoso das vendas, o mesmo homem que se agitava lá dentro, entre a cancha e o brete. À mínima coisa explodia, tal qual era, no ódio violento dos nevrosados, tendentes ao crime, prontos ao primeiro impulso. (...)

Era positivamente mau. O meio assim o fizera. Só se retraía num cansaço de bandido, quando via, de olhos semicerrados, o sangue *coloriar* na ponta do “ferro”. Despontava em flagrante, naquela vida, o tipo anormal do delinquente, esbatido duma sombra de pavor, pelo ambiente rubro da charqueada... (CALLAGE, 2000, 47)

O conto descreve o processo pelo qual passou Xiru até se tornar um criminoso. Para Callage, Xiru Silveira tornou-se um criminoso, com tendência a matar, predisposto ao crime, e que quando não matava vivia o “ócio” e a saudade do tempo da matança:

Impunha-se, como inalterável necessidade, a tarefa longa da carnificina onde fruía os melhores dias da existência brutal e incerta... Outra vida e outro meio, ao contragosto de enunciadas teorias, ser-lhe-iam, como de fato o foram, uma brecha na sua predisposta tendência de matador. (CALLAGE, 2000, p. 47)

O sentido da violência na obra de Callage ajuda a compreender o conto. Luciana Murari percebe que a República Velha foi ao mesmo tempo, “um período de ressignificação das antigas guerras gaúchas – sob o ponto de vista do republicanismo e da criação da identidade regional, num momento de exacerbação do federalismo –, e de acentuada tensão política.” Na esfera da literatura, esta tendência à radicalização das demandas políticas e ideológicas da literatura conduzia a um exagero das representações da brutalidade. (MURARI, 2009b, p.8)

Na obra de Callage, a violência é valorizada na formação da identidade gaúcha desde que no contexto da guerra, ou seja, da luta por ideais, pela defesa da terra e da liberdade. Por um lado, o espírito sanguinário e desprovido de grandeza criaria matadores profissionais, que Callage, em sua literatura, identificava com o borgismo e com o caudilhismo. Por outro lado, manifestava-se o elogio ao espírito guerreiro, este sim coerente com a identidade

regional, identificado com as Guerras Guaraníticas, as Revoluções Farroupilha, Federalista e Assisista.

Os inimigos dos valores regionais são, de fato, aqueles que lutam pelo poder e têm prazer na violência, como o carneador do conto de Roque Callage. Em suas obras, o escritor denunciava a traição da vocação guerreira do estado, evocada por ele a partir de eventos consagrados pela escrita histórica e literária como a natural expressão da identidade gaúcha, e valorizada como um meio legítimo de restituição dos valores gauchescos da liberdade. (MURARI, 2009b, p.8) A violência desprovida de ideais era, assim, definida como repulsiva.

É este o caso do conto *Carneador*, que traz a visão típica do discurso regionalista hegemônico da época, em que o carneador adquire a predisposição para o crime e, por ter sido criado em um meio onde a morte é comum, continuaria a matar mesmo em outro meio, por ter incorporado a violência como um hábito, pois: “Não houve a mudar um único aspecto... Era o mesmo homem de bombachas de riscado nacional, de chapéu sempre quebrado na nuca, na insolente atitude dos bandidos, com a larga faca atravessada numa grosseira bainha de couro cru...” (CALLAGE, 2000, p. 48)

É justamente contra a visão do carneador assassino e violento que se insurge Wayne ao referir-se ao regionalismo gaúcho, especialmente porque isto difundiria uma visão preconceituosa e incorreta do trabalhador. No entanto, numa cena do romance, o protagonista Luís observa o movimento dos trabalhadores da charqueada, com “arrepios de repugnância” (WAYNE, 1982, p. 46). Para ele, a cena despertava uma certa decepção, ao observar a completa indiferença dos trabalhadores em face do sofrimento dos animais. Até então, ele acreditava que os homens mais sofridos, sujeitos às maiores torturas físicas, teriam seus sentimentos de piedade potencializados pelo conhecimento da dor que sentiam em si mesmos. Mas, ao contrário, demonstravam a mais completa indiferença pelo sofrimento dos bois, e realizavam suas tarefas mecanicamente e sem demonstrar compaixão. Neste momento, afirma:

Praguejavam com essa alegria feroz que revela o gozo do bandido, torturando a sua presa, se tremia o couro já meio despegado. Tinham ditos de deboches se, ao cortarem a língua do animal ainda vivo, esse tentava uma reação sacudindo os músculos expostos. Ao irem transformando, começando pela cabeça, o corpo todo numa forma vermelha em carne viva, afundando no sangue, riam sozinhos, como quem está num momento de felicidade completa. Mas Luís via que por viver essa gente contendo-se durante muitos desaforos e afrontas, se tornava requintadamente selvagem. Continuavam vítimas, a revolta calada se infiltrava por todas as fibras e

envenenavam-lhes os sentimentos. Acumulava-se em crueldades. Qualquer inclinação boa que tivessem ficava contaminada”. (WAYNE, 1982, p. 46).

Há uma aparente contradição entre estas observações e o que é afirmado na crítica à literatura regionalista. A diferença parece ser que o narrador vê aquela cena da charqueada como um “desabafo” dos trabalhadores, que despertava neles “o gozo dos bandidos”, e impedia que eles fizessem qualquer coisa para minorar a dor dos bichos. Mas, como se sentiam inferiores a todos os demais, sua revolta limitava-se aos animais, argumenta o narrador. Já o regionalismo atribuía aos trabalhadores da charqueada um instinto anti-social decorrente da violência de seu trabalho.

“Mar de sangue”, conto publicado por Viera Pires em sua coletânea *Querência* segue o mesmo padrão dos contos regionalistas anteriormente citados, condenando o trabalhador da charqueada. O conto trata do “cruento panorama de um saladeril em safra” que “repugna e apavora”, descrevendo o ambiente da charqueada de forma a mostrá-la como um ambiente pernicioso, em que o trabalhador habituava-se a matar. Neste ambiente, a indiferença em face ao sofrimento dos animais afeta, segundo o narrador, o sentimento de piedade para com os seres humanos. Vejamos o trecho a seguir:

Os que ali trabalham, na faina inferior e se lhe acostumam, adquirem a indiferença e o endurecimento resultantes do calo profissional. Acontece frequentemente que este endurecimento e esta indiferença pelo sofrimento dos animais abatidos, vão pouco a pouco atacando e impedindo o sentimento de piedade para com os próprios seres humanos. Não raro, do carneador sai o bandido que se amatula sob a caudilhagem dos contrabandistas e da capangagem dos adventícios eleitorais. (PIRES, 1925, p. 26)

Portanto, também este escritor vê a charqueada como ambiente modelador de uma mentalidade cruel e assassina, que se originava na matança dos bois e que os tornava indiferentes também ao sofrimento humano. Logo, os operários das charqueadas vinham alimentar a bandidagem dos caudilhos no sul do Brasil. O conto de Viera Pires transmite a ideia de que, mesmo liberto da vida de carneador, o trabalhador se torna um “mandatário”, em busca de um “mandante”. Ou, ou ainda, se lança por conta própria em “avançadas criminosas”.

Segundo ele, da mesma forma como o carneador facilmente convertia-se em criminoso, também os criminosos seriam frequentemente engajados no trabalho das charqueadas, “os sem eira nem beira, os mandriões da campanha, os guris fujões das estâncias”. Neste sentido, o autor faz uso da linguagem científicista, que associava o crime à

degeneração biológica, “que criava toda a escumalha de infelizes e degenerados revessada pela seleção social”.²⁰ Ou seja, o argumento de Vieira Pires soma, à lógica do determinismo do meio, defendida por Callage, uma ideia de que o ambiente das charqueadas era atraente para os criminosos, em particular os fugitivos que, naquele lugar, se confundiam com os demais trabalhadores. Logo, reforça-se a visão hegemônica da literatura regionalista da época, como nos contos de Maya e Callage, em que o carneador é dado ao crime e, mesmo que ele saia do ambiente da charqueada, ainda assim é levado a matar.

A estigmatização do trabalhador da charqueada, e a difusão de uma imagem negativa deste pode estar, por outro lado, relacionada à progressiva sensibilização do homem moderno em relação aos maus-tratos infringidos aos animais. Em *O homem e o mundo natural*, Keith Thomas observou a imagem pública negativa de açougueiros. Segundo Thomas, os açougueiros despertavam suspeitas, “não apenas pelo ruído, cheiro, sangue e poluição envolvidos em suas atividades, mas também devido a uma aversão generalizada ao próprio ato de matar.” (THOMAS, 2010, p. 416) Os contos regionalistas citados acima podem ser lidos tanto como uma visão negativa das classes trabalhadoras pelas elites, quanto como a expressão de uma generalizada condenação da brutalidade das charqueadas.

Neste sentido, as ideias desenvolvidas por Vieira Pires no contexto de sua literatura regionalista são coerentes com a atuação do autor como representante da classe dos proprietários e empreendedores rurais. O autor era também o editor da já citada revista *Estância*, um órgão voltado para a defesa dos interesses da agropecuária, e de cunho fortemente modernizador. Isto nos auxilia a compreender seu posicionamento em face da charqueada. Neste sentido, é significativo que o conto *Mar de sangue* seja finalizado com as seguintes afirmativas:

Eis enfim completa a trajetória fatal: – o campo cria, o saladeiro abate, o Rio Grande lucra.

Pois é certo que flutuam e sobem nas marés daquele mar sinistro, a riqueza e o progresso do Rio Grande. (PIRES, 1925, p. 34)

Parece haver, neste sentido, uma crítica moral a uma das grandes fontes de riqueza do estado, o que ao mesmo tempo demonstrava seu atraso tecnológico. A posição assumida pelo escritor no artigo *Utopia que vence*, publicado no volume de outubro de 1915 da referida revista, demonstra sua entusiástica defesa da utilização de métodos produtivos aperfeiçoados de beneficiamento da carne – em especial, através da instalação no estado da

²⁰ Sobre as teorias científicas que associavam a criminalidade à degeneração biológica, ver MURARI

indústria frigorífica. Esta indústria representa, para o autor, um marco no progresso do Rio Grande do Sul, que teria efeitos instantâneos e inevitáveis, em direção a uma evolução de sua vida econômica e social. A instalação de frigoríficos representaria, ao mesmo tempo, um grande impulso para o melhoramento da pecuária:

Os métodos de criação logo variarão para melhor, orientados pela lei inflexível da concorrência. A pecuária rotineira será fatalmente eliminada pela emulação de progresso, por uma imposição da luta pela existência, em que vencerá o mais forte e o melhor. (PIRES, 1915, p. 739)

Estas ideias demonstram que um setor tradicional como, em geral, era o setor saladeril, era tido como aquilo que deveria ser superado no futuro, por meio do uso da moderna tecnologia. Compreende-se, portanto, a representação repugnante da charqueada como um símbolo deste atraso, pois ela era ainda, um dos setores mais importantes da economia do estado.

No romance *Xarqueada*, Wayne descreve um carneador diferente daquele descrito nos contos anteriormente analisados. O carneador de *Xarqueada* é um homem sofrido, calejado pelo trabalho, mas sem outra opção, sem perspectivas. Ele é um trabalhador que vai à exaustão para poder dar o que comer para a sua família, explorado ao extremo pelo patrão ganancioso, ganhando um pagamento insuficiente para uma vida digna. Compreende-se, assim, a crítica amarga de Wayne, engajado nas causas dos trabalhadores, à sua representação no discurso hegemônico. Era necessário, portanto, criar uma nova representação.

Isto é exatamente o que ocorre em *Xarqueada*, um romance realista que denuncia as condições do trabalhador da charqueada nos anos 30 no Rio Grande do Sul. No romance há outras referências e visões do autor sobre o problema, todas muito evidentes, críticas expressamente elaboradas, o que, muitas vezes, dá ao leitor a sensação de estar diante de um receituário de como agir em determinadas situações e como não agir em outras. Wayne questiona os valores sociais, focando sua crítica sobre eles. Assim, vemos que, na década de 30, com o fim da República Velha, a literatura incorpora as mudanças ocorridas na política e também os reflexos da nova ordem sobre a sociedade. A literatura regional passa a ter, portanto, outras preocupações, devido às transformações político-sociais que vinham ocorrendo em função da aceleração dos processos de industrialização e urbanização, o que se observa também no contexto sul-rio-grandense.

(2007c, p. 169-181).

4. CAPÍTULO 3

Xarqueada: o romance como documento

4.1 Literatura e documento

A literatura dos anos 30 no Brasil adquiriu um aspecto peculiar, devido à preocupação especial que dedicou à questão da relação homem/ sociedade/ realidade. O romance de 30, como ficou conhecida esta literatura engajada, preocupada com sua função social, abriu caminho para uma nova perspectiva da realidade, vista através da ficção. Os autores desse período dedicaram-se com vigor à desconstrução de alguns mitos produzidos pela literatura brasileira até aquele momento. Um desses mitos, criados mais especificamente pela literatura do Rio Grande do Sul, fazia referência ao trabalhador da charqueada que, como vimos no capítulo anterior, era mal visto pela literatura, que responsabilizava seu ofício por determinar a criação de um homem dotado de um pretense instinto assassino.

Este capítulo vem trazer uma análise de *Xarqueada* como documento. Neste ponto, o romance de Wayne é riquíssimo em pormenores, buscando retratar de forma fidedigna a realidade de uma charqueada nos anos 30, em Bagé, no Rio Grande do Sul. Wayne cria um romance que se caracteriza por uma forma de expressão que exemplifica seu engajamento político e sua visão de mundo. Ao analisar *Xarqueada*, percebe-se de forma explícita o entrelaçamento entre a obra e a vida de seu autor.

Em 1932, enquanto vivia de sua atividade como autônomo, após ter trabalhado no Banco Pelotense, Pedro Wayne transferiu-se para Bagé, na charqueada de seu sogro, para atuar como contador. Segundo Cristina Maria Rosa, foi nestas circunstâncias que ele travou conhecimento e teve uma experiência direta da atividade saladeril, descrita em *Xarqueada*. (ROSA, 2009, p. 109) Este romance é considerado por Rosa como a obra mais importante de Wayne, por fazer parte do movimento de alguns intelectuais da época que “tomaram para si: unir literatura e denúncia, fazer o belo como criticidade, extrair das relações sociais via escrita, o que elas tinham de latente e, ao mesmo tempo, singelo.” (ROSA, 2009, p. 28)

Wayne era um homem politizado, corajoso e profundamente sensibilizado pelo sofrimento, seu e dos oprimidos em geral. Em 1943, escreveu a conferência “A absoluta animadora”, onde discute o papel do artista diante das urgências do mundo. Segundo ele, o artista não deve filiar-se a partidos, pois eles são efêmeros, e vão cedendo lugares a outros que os substituem. Diz ainda que o maior mal de todos os séculos é achar que quem não pensa de forma igual à deles (os artistas) está errado. (ROSA, 2009, p. 27)

(...) Pedro Wayne reconstitui, no interior do Rio Grande do Sul, o funcionamento daquele que, até sua época, constitui o principal motor da economia da metade sul do Estado – os saladeiros – para mostrar e denunciar a exploração do assalariado rural, a violência do sistema e as alternativas de mudança. (ZILBERMAN apud. ROSA, 2009, p. 13)

Nesta mesma linha de raciocínio, o romance se incorpora a uma tendência ampla que, segundo Mônica Velloso, era característica da vida cultural brasileira, pois, no percurso da história político-intelectual brasileira, as diversas correntes de pensamento conceituaram a literatura como “portadora e/ou refletora do mundo social”. (VELLOSO, 1988, p.239) Dessa forma, pode-se dizer que a literatura pretendia produzir de certa forma um reflexo condicionado pela ordem social. Velloso acrescenta, ainda, que foram poucos os autores que romperam com este paradigma e buscaram formas diferentes para pensar a relação da literatura com a sociedade. (VELLOSO, 1988, p. 239) No entanto, a concepção tradicional de que a literatura deveria proceder dessa forma é, segundo a autora, muito simplista, pois concebe a literatura como “mero testemunho da sociedade, como uma espécie de documento destinado exclusivamente ao registro dos fatos.” (VELLOSO, 1988, p. 239)

Como um romance preocupado com a realidade e a documentação dos eventos da realidade, com a relação entre homem e natureza, seus instintos e desejos, *Xarqueada* exemplifica a característica da literatura brasileira de seu tempo, pois seu autor partilha da visão de que a literatura tem uma função, diferente daquela que o próprio Wayne ironiza como literatura de autor “legue-legue”²¹ (WAYNE, 1982, p. 23). O escritor aposta, então, em uma visão da literatura como documento da realidade, em que o caráter descritivo do romance remete ao registro e à análise sócio-histórica, dentro do paradigma firmado pelo romance realista-naturalista (BASÍLIO, 2002, p. 397)

²¹ O termo não foi localizado. No entanto, pode estar relacionado, se referente à literatura, com o termo similar “lengalenga”, ou seja, conversa, narrativa ou peça de oratória enfadonha e monótona; ladainha, cantilena. O que é demorado, fantasioso. (HOUAISS, VILLAR, 2001, p. 1741) Ou ainda, se referente aos autores desses romances, como Wayne os descreve: “Embebida profundamente nas descrições amorosas, parecia aspirá-las, entrar em suas tramas, desmaterializar-se para virar personagem alimentada a tinta de

A perspectiva adotada por Wayne vai ao encontro do que Luiz Costa Lima chama de “veto ao ficcional”. Ele observa que a literatura, apesar de ter um caráter não documental, não abandona a qualidade de documento.

A literatura tem caráter de não documental, e ao mesmo tempo tem qualidade de documento, pois qualquer gesto, qualquer manifestação e, portanto, também qualquer texto, envolve uma pluralidade documental, devido a atestarem que são de realização possível, e a maneira como se realizam atesta a possível interação de seu agente. A documentalidade incorporada a tudo o que o homem toca é de variação infinita. (LIMA, 1986, p. 192)

Isso significa dizer que a criação humana em literatura não está de acordo com a intenção de sua produção, e que, conseqüentemente, o que se faz documenta o que foi feito, o conhecido, e também dá forma ao que está além do conhecimento, o desconhecido. Segundo ele, a literatura latino-americana está marcada por um veto, o veto ao ficcional. Este veto interfere no discurso ficcional, limitando-o pelo que Lima chama de “regime zeloso de sua verdade”, ou seja, a ficção acaba por se submeter aos defensores de uma verdade, muitas vezes a verdade institucionalizada. (LIMA, 1986, p. 187)

Segundo ele, analisando o romantismo brasileiro percebe-se o culto da observação da natureza intercalado com o culto de uma figura observável, ou o “eu” do poeta, de acordo com a expectativa europeia. Este primado da observação restringiria, diz ele, a mobilidade do teatro mental, bem como o jogo ficcional. Ou seja, esta literatura prima pela observação, ao invés de primar pela imaginação. Assim, o *corpus* canônico do veto ao ficcional está diretamente relacionado com o culto à verossimilhança, e ela, por sua vez, com o privilégio da observação. (LIMA, 1986, p. 211)

Por isto, na literatura brasileira a separação entre romantismo e realismo não teria acarretado antítese, como houve nas literaturas europeias. O romantismo brasileiro carregava características tais como a observação da natureza, que tinha um valor importantíssimo, bem como a observação da pátria e do trópico, de maneira que a observação substituía a reflexão. Lima afirma que aqui não existia uma formação filosófica e também não havia público interessado neste tipo de literatura. Devido a isso, havia pouca ou quase nenhuma diferença quanto ao realismo que estava por vir. Observa-se no realismo brasileiro a permanência do primado da observação, pois, mesmo tendo abandonado o que Lima define como o “culto

impressão, e a imaginação barata de romancista legue-legate.” (1982, p. 23). Neste caso, legue-legate pode estar relacionado a leguelé, sinônimo de João Ninguém. (HOUAISS, VILLAR, 2001, p. 1737)

adocicado das lágrimas”, permanecia nele a ênfase no documental, e a literatura passava a ser dirigida por um saber “científico”. (LIMA, 1986, p. 213)

Na década de 1930, período em que surge o romance *Xarqueada*, o que se pode observar é justamente uma tendência muito forte às publicações de ficção vinculadas de uma forma ou de outra à observação da realidade, dos problemas sociais e da política, geralmente de um ponto de vista crítico. *Xarqueada* apresenta características típicas do romance de 30, podendo ser analisado levando em consideração, por exemplo, a fluidez do texto, em sua busca por representar a realidade social na obra literária de forma verossimilhante. Desta maneira, o romance cumpriria uma função desmistificadora em relação ao mito da democracia rural, por exemplo, como vimos no capítulo anterior.

É possível entender o quanto, desde o romantismo, a ferramenta da observação serve ao moralismo que, por sua vez, deriva do cosmopolitismo, estando comprometida com o olhar europeu, internalizando-o, de forma a criar a relação entre moralismo e observação. Esta, conseqüentemente, atua como uma função repressiva sobre a linguagem. Luiz Costa Lima (1986) entende que a literatura brasileira assume um compromisso, sendo próprio de sua formação “passar a ver algo da maneira como se supõe ser a maneira desejada por alguém mais poderoso, que dirige nossa própria compreensão.” (LIMA, 1986, p. 215)

Além disto, deve-se ter em mente que o escritor mantém um compromisso com o momento histórico em que vive, sendo possível a partir daí a leitura da história no texto literário através da análise das representações por ele produzidas. A leitura pode ser realizada de forma plausível por um pesquisador que se valha da análise das representações do texto, confrontando-as com outros elementos da vida social, cultural, política e econômica do período. No entanto, não devemos buscar a história na literatura, e sim, temos que encontrar a sua historicidade, o que, segundo Flávio Loureiro Chaves, é dialeticamente válido. (CHAVES, 2004, p. 13)

Mesmo considerando que a literatura brasileira siga a projeção do primado da observação, consolidando o cânone da literatura testemunhal na prática literária e crítica das primeiras décadas do século XX, ainda assim ela não reflete a história: é uma construção ficcional, utilizando elementos presentes na sociedade, o que muitas vezes confunde o pesquisador desavisado que a interpreta sem tomar os devidos cuidados em relação ao entendimento de suas representações, avaliando-a como retrato da verdade.

Mesmo mantendo-se em mente que, desde o século XIX, a ideia de um projeto nacional na literatura está apoiada no primado da observação, na formação de um

compromisso, sendo modificada apenas a incidência do moralismo, ainda assim, a literatura deve ser vista como ficção, como “representação do mundo”. Segundo Lima, poderíamos perceber o moralismo de extração romântica, que mantinha a fidelidade ao decoro e aos “bons costumes”, ao lado doutro, de extração realista-naturalista, pronto a representar as cenas mais cruas desde que delas fossem extraídas a miséria e a exploração que os brasileiros sofriam. Em ambos os casos, não seria abandonado o princípio canônico de que a literatura deve nascer da observação da terra e dos costumes. (LIMA, 1986, p. 217-218)

Neste tipo de literatura, o caráter documental é enfatizado, em detrimento da sua formação discursiva específica, que é a sua força ficcional. Os escritores, no Brasil pós-independência política, ficaram relegados à função de fixar traços particulares da natureza e dos costumes desta sociedade, estando sujeitos a um modelo com direcionamento tanto político quanto literário. Dessa forma, o escritor buscava contribuir para a formação do sentimento de identidade nacional e a constituição do perfil nacional, ao contrário da demanda de diferenciação em relação à sociedade formulada por publicistas e poetas liberais europeus. Lima lembra que esta subordinação dos escritores fez com que se criasse “uma pressão em favor da documentalidade, da literatura de testemunho, que acabava por empanar e comprometer a possibilidade de entendimento da literatura como forma discursiva.” (LIMA, 1986, p. 231)

Lima afirma, ainda, que a literatura brasileira está subordinada ao mercado e conseqüentemente, à demanda, sendo que o que é produzido o é devido ao fato de ser o esperado desta produção literária. Dessa forma, os escritores brasileiros não agiram a partir da projeção do seu eu, mas sim de acordo com os projetos e teatros mentais, estando limitados ao “ângulo de refração de seu empírico”, não cedendo à sua alteridade e restringido-a ao horizonte de sua própria escala de valores. (LIMA, 1986, p. 231-232)

No decorrer do século XIX, a ciência permaneceu inebriada pelo progresso. A história, por sua vez, estava vinculada ao nacional e não muito preocupada com a sua objetividade científica. Assim, os documentos e os fatos ganharam força devido a sua capacidade de restituir a integralidade da vida real tal como foi. O documento, segundo Lima, era reverenciado pelo historiador, como anos antes os fiéis reverenciavam os santos e as palavras bíblicas. A história factual influenciava a produção literária do século XIX, tanto interna quanto externamente. Internamente, afetava a produção literária, fazendo com que o gênero dominante, o romance, assumisse antes uma linha em que a literatura foi se mostrando como uma sucursal da história. Externamente à produção literária, a influência se

dava devido ao fato de que a maneira mais sistemática de estudar a literatura consistia em catalogá-la a partir de uma diacronia nacional. Dessa forma, o culto ao fato mostrava-se na literatura, tanto que, para que ela fosse levada a sério, precisava ser dissecada como registro de eventos. (LIMA, 1986, p. 233)

No entanto, a literatura não tem por objetivo ser verdadeira. O discurso por ela produzido não se apresenta como prova, documento ou testemunho do que houve, pois este discurso encerra o que *poderia* ter havido. Os documentos constituem um material primeiro para o historiador, que necessita filtrá-los e coordená-los, pois nenhum uso do documento é neutro, e eles adquirem um peso de acordo com a função da interpretação que se lhe empresta. Para a história, o documento desempenha um papel decisivo, ao passo que para a análise do discurso literário ele desempenha um papel secundário, ainda que não dispensável. Devemos ter consciência de que não é possível inferir, a partir dele, a configuração do teatro mental que forma o seu objeto. (LIMA, 1986, p. 199-200)

4.2. *Xarqueada*: etnografia e reportagem

“*Xarqueada* exemplifica a transposição, quase imediata, de uma leitura sociológica da realidade histórica para a obra de ficção.” (MASINA, 2000, p. 123) Esta afirmação de Léa Masina praticamente resume o romance de Wayne, pois, através da escrita do romance, ficam claros seus ideais e a função que a literatura possui no seu entender. O romance de Wayne é uma reportagem da vida na charqueada, das condições precárias em que trabalhavam e da exploração que sofriam os operários.²² Wayne aproveita o ensejo do romance para divulgar o seu conhecimento sobre a vida presente no ambiente saladeril, tendo ele vivido em uma charqueada em Bagé, o que permitiu a ele ambientar o seu romance de forma mais verdadeira possível.

Como vimos, o escritor aproveita a ferramenta literatura – no caso, o seu romance – para tecer críticas aos romances regionalistas e românticos ufanistas, produtos de uma literatura não engajada em que a realidade era simplesmente esquecida. *Xarqueada*, ao contrário, é uma apologia dos movimentos de emancipação do operariado. Com um caráter

²² O termo reportagem está sendo utilizado neste texto em um sentido bastante amplo, como uma prática de investigação da realidade, ou como um discurso originado desta prática. O livro de Wayne não é, entretanto, um romance-reportagem, conforme o termo utilizado por Rildo Cosson, definido como uma reportagem romaneada, ou como o encontro das linguagens do jornalismo e da literatura. (COSSON, 2001, p. 13)

altamente ideológico, incentiva a luta por melhores condições de vida para os trabalhadores, o “amor livre” da moral instituída, a naturalidade no comportamento, o respeito entre as classes sociais, ao mesmo tempo em que critica a futilidade dos romances não engajados, a mulher burguesa e sua artificialidade, o governo, a política, e o regionalismo literário tradicional, que não conhecia a realidade, da qual tratava pelo que teria de pitoresco.

O caráter documental do romance de Wayne pode ser exemplificado ainda no início da narrativa, quando é feita a primeira referência à charqueada: a única informação que Luís tinha do lugar é que, passando por ele, os viajantes baixavam a janela por causa do mau cheiro: “parecia que havia no ar, dissolvidas em amoníaco, todas as catingas que existem, tão penetrantes e nauseabundas emanações exalavam” (WAYNE, 1982, p. 19) A este trecho segue-se a chegada de Luís à estação de trem e sua observação sobre a indumentária das pessoas, que misturavam as roupas tradicionais e grosseiras dos gaúchos com “roupas finas da cidade”, o que fazia com que eles parecessem “exércitos em retirada” que iam se cobrindo com os uniformes dos inimigos. (WAYNE, 1982 p. 20)

O romance de Wayne demonstra, em vários trechos, sua pretensão a narrativa etnográfica:²³ com um olhar distanciado, são reportados os costumes, os modos de vida, os intercâmbios, o convívio, as práticas da população rural que vivia em torno da charqueada. É o caso, por exemplo, do que ocorre no quarto capítulo, quando se abordam as visitas dos trabalhadores solitários aos ranchos em que viviam os amigos e os companheiros de trabalho. Neste ponto, o autor faz a primeira referência ao comportamento sexual da população, antecipando o que viria a seguir, ainda que neste caso as visitas não fossem condicionadas pelo desejo de encontrar mulheres.

Um aspecto do contexto social que recebe bastante atenção do autor é a questão sexual, tanto no que diz respeito às práticas sexuais, quanto à moral relativa a elas, sobretudo quando em questão estava a condição feminina. Os instintos humanos os aproximam, em sua visão, dos animais. Os resultados eram a intolerância da sociedade para com os que transgrediam a moral social, as ligações clandestinas e os muitos filhos que morriam à míngua, desamparados, uma vez que não havia postos de socorro médico. A censura moral, na visão de Luís, não atingia, entretanto, as mulheres da elite, favorecidas pelo dinheiro que permitia a elas obscenidades e adultério. Não se trata tanto da condenação moral das moças

²³ A etnografia é uma prática científica voltada para a descrição dos hábitos e práticas, da visão de mundo e do conhecimento vividos simultaneamente pelos participantes de um dado contexto, por meio do registro dos eventos observados durante a pesquisa. (WIELEWICKI, 2001)

pobres, quanto da hipocrisia que não permitia a elas o que permitia às ricas. (WAYNE, 1982, p. 42-43)

Em face da proibição moral da atividade sexual demonstrada no romance, um terreno mais afastado da quadra onde viviam os trabalhadores da charqueada acabou se tornando “abrigo dos amantes clandestinos, seguros de poderem tranquilamente consumir seus ardores”. (WAYNE, 1982, p. 37) A mesma finalidade, de local de encontro às escondidas, era atribuída à mina abandonada. O sexo é narrado, dessa forma, como a mera expressão de um instinto, saciado às escondidas e rapidamente, sem restrições morais, sem conforto ou qualquer referência a afeto.

Assim, no romance, o narrador atribui aos que rejeitavam Guriazinha, por não ser virgem, uma mente estreita, mostrando aqueles que a consideravam uma mulher “inclinada” naturalmente ao pecado, devido a ter se “perdido”.²⁴ Ao mesmo tempo, outras moças que também não eram virgens tinham que manter as aparências para não serem julgadas da mesma forma que Guriazinha. Para Luís, as causas disto eram “fatores de origem social”, que faziam com que elas fossem “impelidas a dar o tal passo em falso, forçadas pela maneira hostil com que são tratadas e a necessidade de se alimentar e vestir.” Exemplo disso é que, quando alguns homens da quadra tentam chamar a atenção de Guriazinha, que os trata com indiferença, ela é tratada de forma pejorativa: “– Essa cadela se faz de santinha para se dar valor!” (WAYNE, 1982, p. 56)

Luís se mostra um “repórter” da vida da campanha em seus mais variados aspectos. Apesar de ser um observador interessado, ele não participa daquele universo cultural e o observa à distância, como um objeto capaz de despertar curiosidade por ser característico de um ambiente específico. Talvez por isto, o autor demonstre bastante interesse por descrever detalhadamente as roupas dos personagens; neste caso, embora as roupas sejam velhas e desgastadas e não tenham o garbo da vaidade gauchesca, acentua-se sua originalidade:

Vestia um chapéu velhíssimo, todo esburacado, por onde saíam mechas de cabelo preto e liso, camisa xadrez, de cujo peito um cacho de alumínio de medalhas de santo pendiam enfiadas para segurança, as bombachas exageradamente largas sustentadas na cintura por um cintoguaiaca roto, atrás do qual espetava barras de solda, pedaços de arame grosso, limas, a garrucha de dois canos e longo facão de mato. O espalhafatoso de sua indumentária e o pitoresco de sua conversação,

²⁴ Segundo Michelle Perrot, de acordo com os valores da Igreja Católica, “a virgindade é um valor supremo para as mulheres e principalmente para as moças. A Virgem Maria, em oposição a Maria Madalena, é seu modelo e protetora. Ela é, ao mesmo tempo, concebida sem pecado (dogma da Imaculada Conceição, Pio IX 1854), e concebe sem o homem ‘pela intervenção do Espírito Santo’”. (PERROT, 2007, p. 64)

abordando, com vivacidade, casos do lugar, tecidos com expressões da região, interessavam vivamente Luís. (WAYNE, 1982, p. 28)

O romance de Wayne pode ser definido como uma denúncia da exploração dos trabalhadores da charqueada, e a sua revolta contra essa exploração refletida em um movimento grevista. Através da denúncia e da crítica social, Wayne expõe “a relação entre o patrão e o trabalhador enquanto fundada num conflito de classe”. (ZILBERMAN, 1985, p. 32) Esta é uma tendência dos romancistas gaúchos, como Cyro Martins, e Érico Veríssimo, que passam a não apenas manter sua análise a partir do enfoque no meio rural, mas também, como faz Wayne, passam a centrar seu interesse no peão, ou trabalhador da charqueada. (ZILBERMAN, 1985, p. 32)

A relação entre patrão e empregado apresentada no romance está intimamente ligada à forma de pensar do autor. A descrição da retomada do trabalho na charqueada utiliza o tom de reportagem: detalhista, o narrador descreve a preparação do ambiente para o início do abate. A figura em destaque neste momento é o capataz Damião, espécie de representante dos patrões, que reproduz a brutalidade com que eram tratados os trabalhadores, e que é assim descrito: “lenço de palha de seda no pescoço, revolver 38 atravessado na frente, ostensivamente, tamancões pesados, calçando aquela arrogância que era uma figura nojenta, dando ordens aos gritos, insultando, vexando”. (WAYNE, 1982, p.35) Sua figura é uma das mais negativas do romance, porque ele, trabalhador braçal, aparece como um traidor de seus pares, encarregado de vigiar e reprimir os demais.

Pedro Wayne aproveitou o ensejo do romance para divulgar seu conhecimento sobre o meio saladeril, apresentando sua visão sobre aquele mundo, trazendo à tona suas observações sobre a sociedade e as condições de vida a que estavam sujeitos aqueles trabalhadores. Como exemplo disso, a relação entre patrão e empregado é enfatizada várias vezes no romance, por exemplo, no momento em que Luís observa o estoque de charque, e faz a seguinte observação: “as grandes mantas pesadas pendentes das longas filas dos varais zombavam da miséria daquela gente, deixando ver de longe, lá das portas acanhadas dos ranchos sujos, o doirado brilhante da gordura que o sol polia, derretendo-a levemente”. (WAYNE, 1982, p.92) Luís observa, assim, que por um lado há fartura, e que esta é fruto do trabalho dos operários da charqueada, fato que se contrapõe à realidade em que vivem. Os trabalhadores viviam de um salário miserável, e com ele não podiam comprar carne, apenas os restos da matança, pedaços do pescoço, vísceras, etc.

Diferentemente dos outros trabalhadores da charqueada, Damião, o capataz de Dionísio, é o exemplar do trabalhador que se orgulha da produção da charqueada como se esta pertencesse a ele. Enquanto o panorama das pilhas de charque é descrito com um entusiasmo que prenuncia a admiração do capataz, esta cena de abundância de alimento é contrastada imediatamente com a descrição dos trabalhadores, “figuras movediças dos homens uns atrás dos outros, empurrando carrinhos, desgraciosas e magras, davam a impressão de espantalhos que iam e vinham”. (WAYNE, 1982, p. 36) Soma-se a isto a observação de suas roupas esfarrapadas, de seus pés descalços, das faixas que atavam na cintura para tentar aliviar as dores nas costas. Neste ponto, são revelados e assim registrados, os salários dos trabalhadores, que variavam conforme a resistência física deles, dos que trabalhavam do nascer ao pôr-do-sol aos mais fracos.

Na expressão do autor, eram “motores humanos mal alimentados” que moviam os carrinhos que transportavam a carne. Ao contrário das varas que sustentavam a carne posta a secar, “os homens não tinham o direito de ceder. Aquele que não resistisse, riscava-se-lhe o nome do livro do ponto”. (WAYNE, 1982, p. 93) Não são poupadas críticas aos métodos desumanos de trabalho no ambiente saladeril, sendo as tarefas comparadas a suplícios, seja pelo peso que tinham que suportar até a permanência durante horas em uma mesma desconfortável posição. A condenação dos patrões torna-se explícita, apelando para o sentimentalismo e para uma metáfora eloquente, que assimila a exploração do trabalhador à mineração, em que a riqueza surgia no meio da mais dolorosa miséria: o enriquecimento do patrão era fruto do trabalho de uma mina em que não somente a riqueza era arrancada, mas tinha que sê-lo com “sangue e dor”, vida e desespero, porque era essa a combinação que lhe dava melhor quilate: pedaços de corpos de crianças e lágrimas corrosivas de mães. (WAYNE, 1982, p. 94)

O romance elabora, assim, uma narração pormenorizada das tarefas desempenhadas no ambiente saladeril, ressaltando, em alguns momentos, o trabalho de crianças, “magrezas extremas de indivíduos de 11 a 14 anos” que realizavam tarefas auxiliares, mas penosas o suficiente para demonstrar sua fraqueza e o desgaste precoce de seus organismos. Enquanto isso, Luís observa o movimento dos trabalhadores com “arrepios de repugnância”. (WAYNE, 1982, p. 47) A partir das vivências de sua estada na charqueada do sogro em Bagé, Wayne escreve um romance em que a verdade representada na ficção estende-se muito além da cor-local, dentro do modelo do romance realista/naturalista balzaquiano, modelo também seguido por Zola, baseado na observação e análise, “apontando o dedo para

as feridas e para as causas dessas feridas, estabelecendo, pois, como se diz, a ‘história clínica’ da sociedade.” (BASÍLIO, 2002, p. 398-400) Esta “história clínica” remete, por exemplo, à descrição feita por Wayne da matança dos bois, episódio em que o autor descreve de forma pormenorizada, no interior do texto de ficção, as práticas de trabalho da charqueada, exatamente tal como elas se dariam na realidade.

O romance de 30, literatura engajada de cunho social, da qual Wayne participa de forma muito contundente, muitas vezes tem de fato uma entonação apologética que pode ser também observada na literatura das décadas de 1910 e 1920. Em uma referência ao protagonista Luís, que visa aproximar aos demais trabalhadores, Wayne caracteriza-o de forma a indiferenciá-lo dos demais, pois, apesar de ser ele um trabalhador qualificado, a rotina da charqueada fazia com que Luís se tornasse abatido, esgotado, magro e não muito diferente dos operários – o que ajuda a firmar a imagem da solidariedade entre eles e do democratismo do guarda-livros. Em outro episódio dramático, uma criança que trabalhava na charqueada (e que tinha apenas 5 anos!) desmaia de repente, por não resistir ao frio, mal agasalhada e molhada, sendo reaquecida para voltar a trabalhar. Neste momento, sob a influência de Luís, o pensamento dos operários já havia mudado: sentiam revolta e acreditavam que sua penúria teria que acabar: “com esse ânimo, se incitavam e encorajavam. A maioria já tinha consciência de que estava sendo tratada desumanamente”. (WAYNE, 1982, p. 113)

Outro trecho do romance em que surge a questão das más condições de vida dos trabalhadores refere-se ao personagem Franquelim, o espírita que já havia sido citado anteriormente no romance, mas que nesse episódio recebe uma caracterização mais generosa, uma vez que o autor reconhece sua “missão de prestar assistência”, embora considere ridícula sua fala pernóstica, que incorporava erroneamente termos complexos absorvidos nos livros da doutrina. À fala consoladora do espírita, segue-se o raciocínio militante enunciado por Antônio Carocha, peão de Dionísio, que acreditava ser necessário acabar com as benzeduras em troca de melhores condições de vida para o trabalhador: comida, assistência de saúde, limitação das horas de trabalho, habitação decente e higiênica. (WAYNE, 1982, p. 113-115) Não caberia à caridade eventual fornecer algum alívio aos necessitados, e sim à estrutura estatal e à legislação social.

Neste sentido, a descrição das casas dos operários das charqueadas busca questionar a imagem positiva que, segundo o narrador, era associada à região da campanha, “onde até hoje só se tem falado na fartura de mantimentos e nas propriedades do ar. Citados os

confortos de que dispõem os mais afortunados: o churrasco escorrendo sangue assado nos espetos toscos ao lado do leite sobrando, da manteiga fresca e dos ovos de casa”. (WAYNE, 1982, p. 33) Como contraponto, o narrador descreve os pobres ranchos de torrão, precariamente escorados com madeira velha para resistir aos ventos, e paredes frágeis com buracos mal tapados por palha, casas escuras de chão batido onde os moradores mal podiam defender-se do frio e da chuva.²⁵

Segundo a descrição minuciosa do romance, as casas dividiam-se em três peças. A do centro, que abria para a rua, fazia às vezes de cozinha e de sala de visitas, tendo no centro um fogareiro feito com uma lata de querosene aberta e aceso com o carvão de pedra da mina vizinha, abandonada. Suas “louças” eram latas velhas de goiabada recolhidas no lixo, enquanto as de azeite tornavam-se panelas. Alguns possuíam bancos, mas muitos utilizavam para sentar-se de pedaços de troncos altos de árvore. Nos cômodos laterais, os quartos, estendiam-se pelegos e trapos que serviam como cama; alguns faziam camas rústicas de ramos trançados de árvores e de madeira. Por estarem dentro do terreno da charqueada, não podiam criar animais, e o que se produzia no terreno vizinho era reservado ao consumo do charqueador e de sua família. (WAYNE, 1982, p.33) O romance vai, assim, à contracorrente da imagem literária de um campo idealizado em sua simplicidade e rusticidade, o que escondia a precariedade das casas, a ausência de conforto e a extrema limitação material.

No que diz respeito à vida social, um exemplo de seu registro é o episódio em que o protagonista vai a um baile nas redondezas, que na verdade só ocorre devido ao fato de que naquela noite a charqueada não trabalhava devido à suspensão da tropa de gado para o abate. A cena do baile é descrita pelo narrador novamente com olhar etnográfico que enumera e descreve: como se organizava a festa, o que se comia e bebia, a disposição do espaço, as roupas dos convidados. Neste contexto, ele critica a tentativa das moças da zona rural de imitar a aparência das moças da cidade, descrevendo a maior parte das convidadas como figuras ridículas, sobretudo quando comenta sua maquiagem e vestuário, lembrando a representação dos caipiras pela cultura de massas. (WAYNE, 1982, p. 63)

Em *Xarqueada* é comum a crítica à “contaminação” das populações rurais pela cultura urbana, uma cultura artificial e viciosa, não apenas no sentido do desvirtuamento dos hábitos e valores do campo, mas também no sentido de apontar a infidelidade da cópia, que é sempre tida como inadequada ou mal-realizada. Neste ponto, o autor faz a crítica, citada no

²⁵ Também segundo Souza Brandão, as habitações dos trabalhadores da charqueada eram “uma combinação de cafuas que têm birra com a higiene e com a estética.” (BRANDÃO, 1930, p. 94)

capítulo anterior, à idealização do meio rural pelo regionalismo tradicional, que buscava criar uma imagem pura da cultura popular, limpando-a, de modo irrealista, da influência da cultura estrangeira e da cultura de massas. Segundo ele, os ritmos tradicionais não eram mais ouvidos, pois preferiam músicas da moda: “Estropiam as maneiras mais modernas de dançar, mas a questão é que preferem estas”. (WAYNE, 1982, p. 64)

O bolicho, como ponto de convívio dos trabalhadores, é outra referência encontrada no romance sobre a vida social dos trabalhadores, sendo o lugar onde eles, até então indiferentes à política, eram atraídos pela causa da greve. “Ambrósio, inspirado, historiava greves em fábricas na cidade, que tinham dado resultados” (WAYNE, 1982, p. 77) No mundo, no Brasil e no Rio Grande do Sul, movimentos grevistas ocorriam de forma semelhante à representada por Wayne, e serviram como exemplo para o romance.

A primeira greve que, segundo Beatriz Ana Loner, foi significativa para a luta pela melhoria das condições de vida do trabalhador no Rio Grande do Sul ocorreu em 1906, em Porto Alegre. Foi liderada por Francisco Xavier da Costa, abrangendo várias categorias, tendo como objetivo as oito horas de trabalho semanal. Esta greve avançou sobre várias categorias de operários, durando vinte e um dias. Com a união dos empresários e a formação de uma comissão de negociação, foi possível oferecer aos operários a jornada de nove horas diárias de trabalho. Como consequência desta greve, foi fundada a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS). (LONER, 2007-2009, p. 509-510)

Nos anos de 1911 e 1912, continuava a campanha pelas oito horas, abrangendo Pelotas e Bagé. Na greve de 1917, em Porto Alegre, o Estado agiu de forma mais branda com os grevistas, pressionando os empresários para que fosse realizada uma negociação. O estado intervinha por vezes no movimento, devido à tese positivista de incorporação do proletariado à sociedade, mas agia de forma oscilante, algumas vezes de forma paternalista, enquanto em outras entendia que as questões entre os patrões e empregados deveriam se restringir à esfera privada e da repressão. (LONER, 2007-2009, p. 511-512)

Como explica Loner, as greves do final da década de 20 “surgiram pela combinação de vários fatores, alguns provocados pelo fim da Primeira Guerra – que trouxe crise econômica, desemprego ou redução salarial, aliada a uma carestia crescente”. (LONER, 2007-2009, p. 516) Outra face desta situação é o que ocorreu com o movimento operário, que avançou através da organização sindicalista, da influência nas associações e de sua abrangência geográfica. Para a autora, a greve geral de São Paulo, no ano de 1917,

impulsionou um ciclo grevista muito importante para o Brasil, envolvendo várias cidades e centenas ou milhares de trabalhadores, alastrando-se por outros locais e categorias.

Em 1919, ocorreu uma greve geral no Rio Grande do Sul, motivada pelo grande aumento do custo de vida, que foi reprimida pelo governo. (LONER, 2007-2009, p. 520) Mas os anos 20 trouxeram referenciais novos aos trabalhadores, sendo que no final da década houve participação decisiva dos comunistas, favorecendo a organização sindical e a mobilização popular, principalmente em Porto Alegre e Pelotas. Propunham a sindicalização por empresas e não por categorias, uma nova postura em relação ao Estado, organizando os trabalhadores para aproveitar os benefícios conseguidos até então, como o direito a férias. (LONER, 2007-2009, p. 513)

Da mesma forma, Sílvia Petersen e Benito Schmidt observam que o movimento operário no estado caracterizou-se, nos anos 1917-1919, pelas greves gerais de grande alcance. Segundo seu estudo, entre os anos de 1884 a 1920, foram identificadas 140 greves em Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre, Jaguarão, São Leopoldo, Uruguaiana, Cachoeirinha, Margem do Taquari, Bagé, Passo Fundo, Livramento, Santa Maria, Caxias, Cacequi, Montenegro, São Jerônimo, Alegrete e Gravataí. (PETERSEN, SCHMIDT, 2004, p. 221) Estes movimentos demonstram o vigor da mobilização operária nas primeiras décadas do século XX, e fazem parte do panorama de intensas lutas sociais do período, que foram o pano de fundo para a escrita do romance.

Assim, Wayne privilegia questões trabalhistas (como matéria do romance), e abordagem etnográfica (como estratégia textual, técnica). Esta é retomada no episódio que reporta os costumes relativos ao jogo do osso, o que incluía a linguagem dos jogadores, as superstições e os expedientes utilizados pelos donos da cancha para enganar os apostadores. Os personagens retratados neste episódio do romance são homens de boa posição, exceto o marido de Daniela²⁶, um jogador compulsivo, que devido ao seu vício acaba em uma situação pior do que a retratada no início do romance. A situação de miséria conduz à degradação do personagem que, inicialmente para tratar de sua saúde, em seguida para manter seus vícios, obriga a mulher a se prostituir. Além da miséria, a degeneração pelo vício é um tema muito abordado na trama do romance, sendo criticado de forma bastante contundente através deste personagem.

²⁶ Assim como o marido de Tia Antônia, seu nome nunca é citado em *Xarqueada*, embora ele ocupe um espaço importante na narrativa.

A decadência social de Daniela e seu marido os coloca numa posição inferior àquela que possuíam quando eram miseráveis, mas ainda respeitáveis, o que demonstra o tom moralizante do romance. Ao final de sua trajetória de completa decadência, Daniela prostitui-se de qualquer maneira e por qualquer quantia (às vezes não paga), para os trabalhadores da charqueada. Para o narrador, Daniela era uma vítima dos homens, e não a culpada pela contaminação de tantos de seus clientes pela sífilis. Mas também, para ele, ela era suspeita de ser uma degenerada, contraponto que demonstra a ambiguidade do autor. Seu marido se torna um ladrão, para financiar o jogo, o que faz com que ele seja expulso dos bolichos e da cancha. (WAYNE, 1982, p. 126-128)

Além da greve, outra causa defendida no romance é uma forma de compromisso amoroso assumida pelos protagonistas, o “amor livre”, defendido por Luís, que consistia no casamento não oficializado, nem pelos cartórios, nem pela Igreja. No contexto em que um padre chega para celebrar casamentos, Luís argumenta batendo no coração: “– Quem casa de verdade é esse aqui. Não precisamos doutro sacramento, senão o do amor sincero”. (WAYNE, 1982, p. 103) O narrador vê na Igreja a reprodução das divisões sociais: o batizado de crianças segue uma hierarquia, primeiro os filhos dos proprietários, depois os dos trabalhadores. O autor define também isto como mais um privilégio num mundo de desigualdades, “como se fossem dois os deuses que ali seriam administrados”. Na visão do romance, o padre é mais um a explorar os pobres, alegando que o sacramento só teria valor se pago. Ele seria um aliado dos poderosos, uma vez que, “combatia as ideias igualitaristas como ‘ideias estrangeiras’, inimigas da religião, da pátria e da família”. (WAYNE, 1982, p. 102-103)

4.3 A crítica política

O romance de Wayne também possui uma vertente de crítica política, e já nas primeiras páginas é narrada a trajetória de João Espíndola, o João das Ervas, pequeno proprietário, criador de gado, acossado pelo grande estancieiro que ambicionava suas terras. Em 1923, com a Revolução Assisista, o governo requisitou os cavalos de Espíndola, enquanto as tropas de passagem carneavam seus novilhos, vacas e bois de trabalho. Em troca recebia vales, que nunca eram reembolsados. Com a falta de animais de trabalho, não podia prosseguir a colheita, mas mesmo assim tinha que pagar impostos e sustentar a família de mulher e oito filhas. Para repor os animais, hipotecou a propriedade. Até 1926, prosseguiram

os conflitos e as requisições, pois, embora a guerra tenha terminado oficialmente no mesmo ano de 1923, combates localizados continuaram acontecendo. “Chegavam os do governo a matar animal no campo a tiro, só por malvadez”. (WAYNE, 1982, p. 21)

Para piorar a situação de João Espíndola, seu gado foi atacado de febre aftosa. Com o vencimento da hipoteca, o vizinho estancieiro se apossou de suas terras. Depois, disto, Espíndola empregou-se temporariamente como foguista numa charqueada e, para aproveitar o tempo, estudou as propriedades curativas das ervas, atendendo as pessoas em troca apenas daquilo que pudessem dar. Sua atividade de curandeiro era movida, diz o narrador, mais pelo desejo de ajudar do que para obter retorno; assim se tornara o João das Ervas. Um dia, abalado pela fome da família, roubou um cordeiro do rebanho do estancieiro. Descoberto, foi espancado pelos policiais e expulso do município.

Luís, revoltado, raciocinava; então João das Ervas, vítima do governo que lhe levada os animais de que vivia, explorado pelo estancieiro rico e desalmado que ficara, valendo-se duma situação angustiada, com todos os seus bens, era punido pela mesma autoridade que o despojara de dezenas de bois e cavalos, por uma queixa dada, por causa dum cordeiro, pela pessoa que se apossara de tudo o que era seu? (WAYNE, 1982, p.22)

De fato, o governo é um dos principais “vilões” do romance, como também da narrativa de guerra *O Drama das Coxilhas*, publicada por Roque Callage em 1923. A obra de Callage é uma espécie de propaganda da Revolução, que não havia ainda acabado quando o livro foi publicado, e estava engajada na causa das oposições, realizando uma crítica feroz ao governo. Segue trecho da obra de Callage:

Certo dia, de assalto em assalto, uma escolta da Brigada Militar, às ordens de um régulo civil, chegara à casa de humilde colono já avançado em anos, cuja fortuna consistia na mulher, meia dúzia de filhos, uma carroça e quatro mulas puxadoras. Sem a mais ligeira conversa, sem a mínima satisfação, sem o mais comezinho principio de urbanidade devida, o grupo penetrou na alheia propriedade, de lá retirando as duas parelhas de muares que em seguida foram conduzidas ao depósito de presas.

– De nada valeram as súplicas e os rogos do casal. Não houve nada que demovesse a escolta do seu intento. O velho colono chegou mesmo a prometer o seu voto para um pleito próximo qualquer, se lho reintegrassem na posse daquilo que era seu, ganho com sacrifício, à custo de muito suor.

Retrucou o chefe do grupo numa atitude de escárnio:

– Não me amole, ouviu? O governo não precisa de voto de gringo... E fique bem quieto, bem calado. Hoje foram as suas mulas; amanhã irão as suas filhas! ...

Era a lei das requisições (CALLAGE, 1923, p. 79-80)

Da mesma maneira que o texto de Wayne, o trecho de Roque Callage é melodramático, focando a desolação, criada pelo contexto da guerra e pela política governamental. O romance de Wayne enquanto ficção possui um caráter de exemplaridade, assemelhando-se à narrativa de Callage, pois se baseiam em uma sucessão de eventos que de fato aconteceram e que são narrados de modo realista. Ambas as narrativas estão no limite do ficcional e do documental, pois não é possível afirmar se na narrativa de Wayne ele está registrando algo de que fora testemunha ou algo que ouviu de terceiros, ou se Callage está registrando uma experiência vivida na guerra. As obras de reportagem se assemelham a essas obras de ficção, e dessa forma o limite entre a realidade e a ficção se torna muito tênue.

Xarqueada, como romance de 30, demonstra, através da vida da personagem Guriazinha, também as disputas políticas que caracterizavam a história recente do Rio Grande do Sul, sobretudo desde a Revolução Federalista.²⁷ A personagem obtém considerável progresso material em relação à sua infância pobre, abalada pelo assassinato do pai, homem honesto e devotado à família, por um chefe político que não aprovava o lenço colorado no seu pescoço. Como observa Love (1975), com a vitória castilhistas em 1895, o ódio permanente estabeleceu-se na política gaúcha até quase o fim da República Velha; os veteranos da guerra dominaram o estado por 33 anos e brutalização da classe rural baixa, especialmente o gaúcho, contribuiu para uma extrema polarização política no Rio Grande do Sul. A política partidária tradicional do Rio Grande do Sul, que causava o sacrifício dos pobres nas lutas de poder no estado, é a antítese da política voltada ao bem-estar do trabalhador e à pedagogia dos direitos trabalhistas exercida por Luís entre os operários da charqueada. Isto explica que o romance tenha sido muito bem recebido pelo público da época, que valorizava os romances engajados, de autores com conhecimento das realidades regionais e capazes de exercitar a crítica política, como o romance de Wayne.

Uma conversa no bolicho oferece a ocasião para que o narrador retome a crítica ao governo, desta vez acusando a corrupção dos guardas aduaneiros, que ameaçavam impedir a matança do gado por irregularidades burocráticas ou procedência ilegal, que podiam ser verdadeiras ou não. A discussão dá ensejo a que Luís dê sua opinião:

Achava que o culpado do contrabando era o próprio governo.
Taxava umas exorbitâncias. Os fazendeiros e os charqueadores pagavam

²⁷ A Revolução Federalista iniciou-se em 1893 e foi encerrada em 1895, e objetivava o retorno dos liberais do Partido Federalista ao poder, uma vez que, com a proclamação da República, o governo do estado havia sido ocupado pelo Partido Republicano. (LOVE, 1925)

10\$000 por cabeça para os guardas fecharem os olhos às irregularidades e ganhavam ainda dinheiro. E olhe que eram 10\$000 por cabeça de gado. Se os impostos fossem menores não convinham aos proprietários tais entendimentos. Teriam mais conveniência em fazer a coisa direita do que andarem tratando de contrabando. Entraria maior renda. Os cofres das repartições não seriam prejudicados como eram. Haveria honestidade. Por outro lado também, era do produto dessas burlas que viviam os funcionários. Do contrário, como poderiam ser manter com as misérias que ganhavam? (WAYNE, 1982, p. 41)

O Estado falhava também quando em questão era a criação de uma estrutura de assistência social e serviços públicos, como vimos acima através do elogio do narrador a Franquelim, o espírita pernóstico, mas caridoso. Em *Xarqueada*, a fala do médico municipal, transcrita em discurso direto, acusa a falta de um atendimento público de saúde, mas expressa ao mesmo tempo o egoísmo do médico, que justifica apenas suas necessidades particulares. A precariedade do atendimento à saúde então existente é flagrante, pois Tia Antônia não tem acesso ao tratamento que procurava para seu filho, que havia sido mordido por uma cadela hidrófoba, o que a leva ao desespero. Neste ponto, o quadro que representava Deodoro na parede da repartição é traduzido pelo autor como a frustração da república, o que remete ao significado político do conceito e sua precoce frustração no Brasil. Essa frustração pode ser entendida a partir do que Maria Célia Paoli, entende pela primeira experiência brasileira na tentativa de reconhecer cidadania, que foi o republicanismo liberal, que em sua execução ocorreu de forma completamente contrária a sua significação, pois houve:

(...) a negação, pelas classes dirigentes do país recém-republicanizado, das possibilidades políticas de diferentes grupos sociais em aspiração a ter um papel constitutivo na formação das então novas esferas de interesse e direitos a serem negociados no âmbito governamental.” (PAOLI, 2003, p. 175-176)

A precariedade do ambiente de trabalho no saladeiro é enfatizada em vários momentos do romance, mas a dependência dos trabalhadores pobres da região em relação às charqueadas é também um aspecto importante de sua denúncia, como no capítulo em que o narrador descreve o momento em que a charqueada iniciava o trabalho de uma safra. Segue-se uma narração pormenorizada do sistema de trabalho em que sobreviviam os moradores da charqueada durante os períodos de inatividade, em que se engajavam na agricultura, na pecuária ou na mineração, em serviços ocasionais. Mas, por outro lado, também poderiam não conseguir nenhum trabalho que lhes garantisse a sobrevivência, de modo que

amargavam a fome. Por isto, o retorno à charqueada é narrado em tons dramáticos que apelam a imagens de degradação, desagregação e desumanização:

Chegavam em grupos.
Restos de roupas em pedaços de corpos.
Fragmentos em fragmentos.
Andrajos de pano cobrindo andrajos de pele e osso.
(WAYNE, 1982, p. 35)

O narrador denuncia a falta de fiscalização veterinária na propriedade de Dionísio, o que novamente remete ao papel que ele atribui ao governo. Ele considerava esta uma medida necessária para a proteção dos trabalhadores. Depois de um dia de trabalho na matança, eles tinham as pontas dos dedos inchadas, inflamadas, disformes e tomadas por feridas, “chagas feias, como esses cogumelos que se abrem no meio da podridão.” (WAYNE, 1982, p. 55) Estes males provinham do trabalho com gado doente com febre aftosa, que fora sacrificado primeiro. Os charqueadores alegavam que o sal e o sol eram capazes de descontaminar a carne. No entanto, mesmo a carne fresca contaminada pela febre era vendida. Mas os homens mesmo assim, sob a pena da demissão, trabalhavam.

Pegavam febres violentas. Cobriam-se de pústulas. Caíam-lhes as unhas. Havia também a parte da carne destinada a ser consumida fresca, e que vendiam para esse fim, sem o menor cuidado. Por essas ocasiões, grassavam, com intensidade de verdadeira epidemia, as disenterias infecciosas. (WAYNE, 1982, p. 55)

Em *Xarqueada*, a precariedade técnica da produção do charque é bem evidenciada: a velha caldeira funcionava precariamente, e os empregados temiam que ela viesse a explodir e causar danos e mortes, como já acontecera nas charqueadas União e Santa Gertrudes. O narrador observa que “não havia uma fiscalização técnica que revisasse as condições de recipientes tão perigosos”, o que mais uma vez acentua a atribuição ao Estado de um dever de controle e fiscalização que ele exercia muito precariamente, em particular quando a questão era a saúde do trabalhador. (WAYNE, 1982, p. 49)

Ao lado da crítica política à indiferença do governo e dos proprietários em relação à classe trabalhadora, *Xarqueada* faz referência a aspectos diversos da realidade saladeril como um meio social particular, pretendendo-se documento daquela realidade. A partir das observações do autor, o romance é uma representação da vida dos trabalhadores e de suas condições subumanas de trabalho e de vida. Enquanto documento, o romance retrata situações ficcionais que poderiam ser verdade em um contexto da charqueada dos anos 30,

no Rio Grande do Sul. Esse caráter documental empreendido no romance possibilita a leitura, pelo historiador, do contexto apresentado pelo romance na realidade saladeril do período, buscando, através da fonte romanesca, compreender as representações de um contexto histórico particular. Neste sentido, o romance de Wayne possibilita uma compreensão abrangente do contexto saladeril e, da mesma forma, a compreensão daquela realidade, aos olhos do autor, não adepto da confirmação do mito, mas sim, de seu desvelamento.

5. CAPÍTULO 4

Xarqueada: os processos ficcionais

5.1 O estatuto do ficcional

Com o romance *Xarqueada*, Pedro Wayne empreende justamente uma tentativa de aproximar a ficção à realidade, o que é demonstrado pelo caráter de reportagem muitas vezes utilizado pelo autor. Para entendermos *Xarqueada* enquanto ficção torna-se necessário entender o que é ficcional. Em *A personagem de ficção*, Anatol Rosenfeld mostra que os textos ficcionais revelam nitidamente seu caráter ficcional, mesmo quando isto não está expressamente objetivado. Nota-se na obra de ficção um esforço para individualizar e concretizar os contextos, através de esquemas e de uma ampla e diversa inserção de detalhes circunstanciais que objetivam dar aparência de real a uma situação imaginária. Para ele, é justamente a vontade de parecer real que revela a intenção ficcional, ou mimética. São os detalhes apresentados de forma vigorosa que dão a aparência de veracidade, e os dados pouco significantes trazem a coerência interna, a lógica das motivações e o motivo dos eventos. Outra questão levantada por Rosenfeld diz respeito à personagem. Para ele, a personagem é que torna a ficção mais nítida e patente, e é por ela que a “camada imaginária” se torna mais densa e cristalizada. (ROSENFELD, 2005, p. 20-21)

Rosenfeld exemplifica através da poesia que eu lírico inserido no poema não deve ser confundido com o eu empírico fora dele. O eu empírico trabalha com as categorias estéticas, constituindo-se uma personagem universal. Assim, a poesia não deve ser uma expressão da verdade, uma revelação do íntimo, pois o poeta finge, mesmo quando parece que ele é quem sente, “porque o poema é, antes de tudo, *Gestalt*, forma viva, beleza. A partir de concepções de Platão, declara que a beleza “não é luz e não é noite; é crepúsculo; é resultado da verdade e da não-verdade.” (ROSENFELD, 2005, p. 21)

No entanto, o caráter ficcional nem sempre pode ser nitidamente percebido pelo leitor. Um exemplo dado por Rosenfeld, de Wolfgang Kayser, demonstra claramente que, no século XVI, os leitores de romances não conseguiam distinguir entre a ficção e a realidade, tamanha a verossimilhança construída do mundo imaginário. Para ele, o texto pode alcançar uma tal força de convicção que mesmo passagens irreais se tornam quase reais. No entanto,

mesmo com essa aparência de realidade, a ficção não deixa de ser aparência. E, no que ele chama de “verdadeira ficção”, não será produzida a decepção da mentira ou da fraude, havendo uma parceria entre autor e leitor, possibilitando o jogo de faz-de-conta. (ROSENFELD, 2005, p.20)

Trata-se de um “verdadeiro ser aparential” (Julian Matias), baseado na convivência entre autor e leitor. O leitor, parceiro da empresa lúdica, entra no jogo e participa da “não-seriedade dos quase-juízos e do “fazer de conta”. (ROSENFELD, 2005, p.21)

A leitura de Wolfgang Iser também pode contribuir para a compreensão do sentido do ficcional. Iser esclarece que opomos realidade e ficção a partir de nosso “saber tácito”, de certezas adquiridas e que nos parecem óbvias e certas. Mas alerta para a relação dicotômica entre ficção e realidade, e para como esta relação muitas vezes pode ser mal compreendida. Devido a isso, não se deve utilizá-la para diferenciar textos ficcionais e não ficcionais, pois as fronteiras entre eles são muito tênues, podendo o ficcional não ser completamente ficcional. Para solucionar a questão da dualidade entre ficção e realidade, Iser propõe a tríade ficção-realidade-imaginário, pois os textos de ficção possuem componentes da realidade, embora não sejam apenas isto. Ao mesmo tempo, a ficção não é um fim em si mesmo, ela é uma forma de fingimento que depende da elaboração de um imaginário. Para isto, é necessário questionar o que entendemos por ficção e realidade, e fazer uso da relação entre real, fictício e imaginário, a partir da qual se pode demonstrar que a ficção de fato é fictícia.

As realidades social, sentimental e emocional, no texto ficcional, não são ficção apenas por estarem no texto ficcional, mas sim, um fingimento, fazendo apelo ao imaginário, que está em consonância com a realidade a que o texto se refere. O ato de fingir é caracterizado pela aplicação no texto da realidade vivida, pela configuração do imaginário que converte a realidade que é repetida no texto em um signo. Assim, uma das dimensões fundamentais do texto ficcional é a relação entre ficção, realidade e imaginário; este fingimento equivale, segundo o autor, a uma violação de limites, dentro de uma aliança com o imaginário. Entretanto, o fingimento não tem o mesmo sentido do imaginário, porque este é arbitrário, apela para a fantasia e o imprevisto, enquanto o fingimento está ligado a um dado objetivo que deve ser coerentemente representado.

A literatura é, para Iser, “uma forma determinada de tematização do mundo” (ISER, 1983, p. 388) não estabelecida previamente, cabendo ao autor implantá-la no mundo, mas

não através da cópia do que já existe, e sim de um processo de seleção que o texto opera a partir dos sistemas contextuais disponíveis. Através da intervenção e da reorganização de dados do repertório, formaram-se novos campos de referência. Assim, o texto de ficção pode englobar elementos não ficcionais em sua elaboração, o que é possível através do fingimento. Esse processo permite modificar os campos de referência, através da intervenção do autor, selecionando a opção mais adequada para o seu texto. O escritor escolhe os elementos de acordo com o seu interesse, que pode não estar especificado claramente em sua ficção.

Dessa forma, podemos entender a intenção do autor através do ato de fingir, pois ao selecionar elementos, valorizando-os ou não, ele acaba favorecendo determinados componentes da realidade, formando um campo de referência, que possibilita a interpretação do contexto. A interpretação é possível de ser realizada através da observação do processo de seleção dos elementos da realidade utilizados no campo de referência. Assim, “esboça-se o objeto intencional do texto, que deve sua realização à irrealização das realidades que são incluídas no texto”. (ISER, 1983, p. 390) E, com isso, a intencionalidade é responsável pela transição entre o real e o imaginário, atualizando um acontecimento que se transfere do imaginário para a realidade.

A seleção realizada pelo autor combina elementos do texto de forma a introduzir nele o real, conseguindo, a partir disso, criar esquemas que servem para organizar os personagens e suas atitudes. A combinação entre elementos do real e os esquemas dos personagens também é uma forma de fingimento, sendo que esta combinação é possível devido à conexão entre forma e conteúdo, a fatores contextuais ou à forma do próprio texto. O sentido dos elementos do real é transformado de acordo com a sua inserção no texto de ficção. Ou seja, podemos entender as relações estabelecidas no interior do texto, e para isso é preciso romper com alguns limites como, por exemplo, a articulação de valores, regras sociais, referências, evocações e citações, articulados no texto, sem obedecer a regras preestabelecidas. Na medida em que esses elementos da realidade são incorporados ao texto, eles adquirem uma significação. (ISER, 1983)

Iser lembra que a combinação entre forma e conteúdo opera espaços semânticos, criados pelos campos de referência a partir da apropriação da realidade pelo texto. Essa apropriação permite entender o que está representado no texto e os relacionamentos nele inseridos. Os sentidos dos elementos no texto vão se transformando de acordo com a forma

como são articulados. E também os significados lexicais variam, conforme os relacionamentos estabelecidos no texto.

Assim, dois modos de fingimento são trabalhados pela ficção: a seleção e a combinação. Ambos se estendem além do limite entre texto e contexto. Uma outra forma de fingimento na ficção é o que o autor compreende como o “desnudamento de sua ficcionalidade”. (ISER, 1983, p. 397) Isso ocorre porque é comum na literatura deixar claro que ela é ficcional, e assim, diferente da realidade. A ficcionalidade do texto é explicitada conforme convenções culturais estabelecidas historicamente, das quais autor e leitor estão conscientes e participam, e que são traduzidas por alguns sinais ficcionais. Dessa forma, surge um “contrato” entre autor e leitor regulamentado como um “discurso encenado”, e não como um discurso. Para Iser, “os gêneros literários se apresentam como regulamentações efetivas de longo prazo, que permitem uma multiplicidade de variações históricas nas condições contratuais vigentes entre autor e público”. (ISER, 1983, p. 397)

O leitor conhece o universo literário, e a ficção se torna muito mais do que apenas ficcional, tornando-se parte da construção do conhecimento e do comportamento e, assim, participam da formação das sociedades, das instituições e das visões de mundo. Com isso, a ficção cria uma aparente realidade para poder fazer parte da constituição da sua própria realidade. Isso acontece ao resguardar sua verdadeira natureza para explicar o mundo. (ISER, 1983, p. 398) É exatamente isso que faz Wayne através de seu romance, uma ficção que se mascara enquanto ficcional, realizando isso através de elementos da realidade observados, que, no caso deste romance, assumem um tom de reportagem e de etnografia, como vimos anteriormente.

Iser conclui, a partir de suas observações, que a ficção incorpora muitos elementos que podem ser identificados na realidade social e cultural, e que são selecionados a partir dessas realidades e combinados de forma peculiar. Com isso, a ficção retorna ao texto, ao fingir ser uma realidade. Para o autor, isto significa criar um mundo “entre parênteses”, pois se sabe que o mundo que está sendo objeto de representação não é a realidade, embora deva ser entendido como participante dela. Assim, o texto literário, organiza um mundo que, ao reconhecermos como fingimento, é um “como se”. (ISER, 1983, p. 400)

A partir do “entre parênteses” a observação que se faz do mundo representado não deve ser realizada a conforme critérios naturais, pois se ele é um “como se”, não se representa a si mesmo, nem se limita à sua capacidade de descrever o mundo já existente. (ISER, 1983, p. 400) Assim, o “como se” utilizado pela ficção da se dá a partir da

representação do mundo, buscando, com isso, criar reações afetivas nos leitores. Ao imaginar o mundo do texto como um mundo real, a ficção se torna capaz de criar “atividades de orientação”, transgredindo aquilo que é representado no texto e, ao mesmo tempo, tornando concreta a realidade da ficção, um “como se”. Este provoca reações sobre o mundo, sendo esta sua função. “Para isto, é necessário irrealizar-se o mundo do texto, para assim transformá-lo em análogo, ou seja, em exemplificação do mundo, para que com isto se provoque uma relação de reação quanto ao mundo”. (ISER, 1983, p. 406)

Por fim, Iser afirma que o fingimento da ficção possibilita a criação da dialética entre o imaginário e o real. O real, para ser compreendido, precisa ser transgredido e reformulado. O fingir e o real podem ser identificados a partir das configurações de seleção, ligadas à intencionalidade do autor, de combinação, que estabelece relações no texto, e de autodesnudamento, que possibilita pôr entre parênteses. No entanto, mesmo fazendo referência ao real e ao imaginário, as configurações não são qualidades da realidade e nem do imaginário. Dessa forma, “o fictício então se qualifica como uma específica forma de passagem, que se move entre o real e o imaginário, com a finalidade de observar sua dupla complementaridade” (ISER, 1983, p. 411)

Anatol Rosenfeld entende que o termo “verdade”, quando utilizado para a referência em ficção, possui significado de autenticidade, sinceridade, visando a “atitude subjetiva do autor”. Assim, a verdade na ficção está relacionada com a verossimilhança, ou seja, a verdade que poderia ter acontecido, e não aquilo que aconteceu. É a coerência que faz parte ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas, ou, ainda, uma visão profunda da realidade. (ROSENFELD, 2005, p. 18)

Sendo assim, o denominado “falso”, em um romance trivial, é assim chamado porque não consegue atingir um padrão ao tentar imitar a realidade do cotidiano. Há incoerências que denunciam o falso, como o exemplo dado por Rosenfeld dos padrões que funcionam bem no mundo mágico e não no profano. No entanto, um autêntico conto de fadas, nesta perspectiva, pode ser considerado verdadeiro. Para ele, o que conta é que as orações de um texto ficcional são as mesmas dos demais, parecendo juízos. Normalmente, estes juízos do texto ficcional ostentam o hábito do exterior, e mostram a sua intenção ficcional, através de enredos e detalhes, que visam dar a aparência de real ao imaginário. É justamente esta aparência de realidade que mostra a intenção ficcional. (ROSENFELD, 2005, p. 19)

Para Rosenfeld, a personagem é o elemento mais importante para declarar o caráter fictício de uma narrativa, por trazer a “totalidade de uma situação completa”, que, acrescida

de detalhes, revelam a intenção imaginária. Assim, a diferença entre uma obra de ficção e uma de história está no fato de esta situar suas orações no que Rosenfeld chama de “ponto zero do sistema de coordenadas espaço-temporal”: o historiador narra fatos do passado que ocorreram com um sujeito, e este historiador não participa do narrado. Na ficção, ocorre que há um narrador que passa a fazer parte da narrativa, desaparecendo o caráter de real. Observa-se isso através do exemplo citado por Rosenfeld:

(...) por exemplo, no ano de 1963 (e na cidade de São Paulo), projetando a partir deste ponto zero, através do pretérito plenamente real, o mundo do passado histórico igualmente real de que ele, naturalmente, não faz parte. Ao sujeito real (empírico) dos enunciados corresponde a realidade dos objetos projetados pelos enunciados (e só neste contexto é possível falar de mentira, fraude, erro etc.). Na ficção narrativa desaparece o enunciador real. Constitui-se um narrador fictício que passa a fazer parte do mundo narrado, identificando-se por vezes (ou sempre) com uma ou outra das personagens, ou tornando-se onisciente etc. Nota-se também que o pretérito perde a sua função real (histórica) de pretérito, já que o leitor, junto com o narrador fictício, “presencia” os eventos. (ROSENFELD, 2005, p. 25-26)

Normalmente, a leitura de um romance possibilita adentrar em um mundo indissolúvel em que os personagens e o enredo estão interligados. Não conseguimos dissociar os personagens dos fatos aos quais estão sujeitos. Assim, quando pensamos nos personagens pensamos em suas vidas e, por isso, os personagens precisam do enredo da mesma forma que o enredo dos personagens. O enredo e os personagens juntos mostram os valores e significados que os animam.

Candido observa que existem três elementos fundamentais no texto de ficção: o enredo e a personagem que são sua matéria; as ideias, que são seu significado, e a técnica; Os elementos existem em conexão, e somente interligados fazem um bom romance. A personagem, por sua vez, representa uma relação mais afetiva e intelectual com o leitor “pelos mecanismos de identificações e projeção, transferência, etc.” Dessa forma, a “personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos.” (CANDIDO, 2005, p. 54)

Apesar de a personagem estar ligada ao leitor através desses mecanismos, ela não é o essencial do romance, pois não pode existir sem estar ligada às “realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida.” No entanto, ela é o elemento mais atuante, só possuindo significado quando inserida no contexto. Logo, é uma das maiores responsáveis pela eficácia do romance. A personagem enquanto ser fictício é um paradoxo, capaz de, através da verossimilhança, dar possibilidade de dar aparência de real, através de seu caráter ficcional. Dessa forma, pode-se dizer que “o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de

relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.” (CANDIDO, 2005, p. 54-55)

A personagem inventada mantém vínculos com a realidade que a gerou, com a realidade do romancista, e do mundo que acerca. Essa realidade aparece no romance às vezes mais, às vezes menos modificada, de acordo com a concepção do autor, e sua tendência estética. Assim, analisar as declarações do escritor se torna muito importante para entender a gênese da personagem. No entanto, devem-se resguardar as considerações sobre o resultado, que nem sempre é o que acredita ter realizado. A personagem é fictícia, e não poderia ser copiada do mundo real, pois deixaria de ser o que faz a sua essência. Assim, a verossimilhança no romance “(...) depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção *igual* a vida), — acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil.” (CANDIDO, 2005, p. 59) Dessa forma, para realizar a análise de um romance torna-se necessário observar a sua composição, e não compará-lo com o mundo. Com isso, Candido mostra que mesmo quando o que foi narrado seja cópia da realidade, “ela só parecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente.” (CANDIDO, 2005, p. 75)

O autor trabalha também a questão da inverossimilhança, dizendo que “quando, lendo um romance, dizemos que um fato, um ato, um pensamento são inverossímeis, em geral queremos dizer que na vida seria impossível ocorrer coisa semelhante”. Mas alerta que, na vida, praticamente tudo é possível, “no romance é que a lógica da estrutura impõe limites mais apertados, resultando, paradoxalmente, que as personagens são menos livres, e que a narrativa é obrigada a ser mais coerente do que a vida.” (CANDIDO, 2005, p.76)

Candido lembra, ainda, que aquilo que consideramos inverossímil é, na verdade, incoerente para a estrutura da obra. Diz ainda, que apesar de o desejo de representar o real ser a “chave mestra da eficácia do romance”, o seu funcionamento pleno se dará através do critério estético de organização interna da obra. Se o romance funciona de forma plena, aceitamos inclusive o inverossímil, através da riqueza de detalhes trazida pelo escritor. Por exemplo, “os realistas do século XIX (tanto românticos quanto naturalistas) levaram ao máximo esse povoamento do espaço literário pelo pormenor”, através de uma técnica que convence pelo exterior, ou seja, “pela aproximação com o aspecto da realidade observada.” (CANDIDO, 2005, p. 79) Isto é exatamente como ocorre em *Xarqueada*, em que Wayne enriquece seu romance com pormenores que descrevem, por exemplo, toda a matança das reses, de forma transparecer um enorme conhecimento prático daquela realidade.

5.2 Os dualismos essenciais de *Xarqueada*

O romance *Xarqueada* caracteriza-se pelo que, na linguagem advinda do teatro, é conhecido como melodrama. O melodrama, no sentido estrito da palavra, refere-se a um gênero dramático, assim definido por Ivette Huppés: “Em termos estruturais, o melodrama é uma composição muito simples. Bipolar, estabelece contrastes em nível horizontal e vertical. Horizontalmente, opõe personagens representativas de valores opostos: vício e virtude”. *Xarqueada*, como melodrama, “no plano vertical, alterna momentos de extrema desolação e desespero, com outros de serenidade ou de euforia, fazendo a mudança com espantosa velocidade”.

Esta é uma forte característica do romance de Wayne, que, com a mesma rapidez que encerra uma cena de desolação e tristeza, como a morte do filho de Tia Antônia, descreve a serenidade do protagonista Luís e seu amor com Guriazinha. (HUPPES, 2000, p. 27) Segundo a autora, “em geral o polo negativo é bem mais dinâmico, na medida em que oprime e amordaça o bem”. Neste caso, Vera, esposa de Dionísio, o charqueador, oprime tanto a mãe de um recém-nascido, quanto os trabalhadores da charqueada. Da mesma forma o personagem Dionísio oprime seus empregados submetendo-os a péssimas condições de vida e máxima exploração laboral.

“Mas, no final, graças à reação violenta, que inclui duelos, batalhas, explosões a virtude é restabelecida”. (HUPPES, 2000, p. 27) Em *Xarqueada* não é a virtude que é restabelecida, mas há no romance um tom de redenção, quando os trabalhadores, mesmo não atingindo vitória em sua greve, acordam para a sua realidade. Eles foram despertados, e agora entendem a sua real condição e possuem noção de seus direitos, do valor de sua organização e de união. Após o movimento grevista, os trabalhadores voltam ao trabalho, aceitando as condições propostas por Dionísio. Neste caso, não é o restabelecimento da ordem que está em questão, mas a valoração da luta pelos direitos e a superação da condição inicial de passividade. O movimento, que acaba frustrado, serve para mostrar que é possível lutar, pois agora o trabalhador conhece a sua condição, tem consciência de que possui e pode reivindicar seus direitos.

Xarqueada, enquanto obra de ficção, consiste basicamente em alguns dualismos entre: bons e maus; feminino e masculino; pobres e ricos; humano e desumano; campo e

cidade. A partir desses dualismos, percebe-se a inserção dos personagens no romance. O primeiro deles, e mais óbvio, é a contraposição entre bons e maus, sempre de forma a enaltecer as qualidades dos personagens bons e criticar os maus, punindo-os, como no caso de Vera, a esposa do charqueador.

Vera vinha de uma família da elite, mas falida. Era uma mulher jovem e bonita, ostentava jóias e roupas caras, queria ir a teatros, festas na cidade, mostrar o que possuía a partir de seu casamento com um homem rico. No entanto, após o seu casamento com Dionísio, sua tentativa de participar da alta sociedade foi frustrada, ficando presa à realidade rústica do marido no interior, morando em uma charqueada. O charqueador, mesmo sendo um tipo bruto, mesquinho e argentário, não é tão cruel quanto a esposa, que se tornara uma pessoa má em função do casamento por interesse com um homem que lhe despertava repugnância. Ou seja, sua ambição e desejo de luxo foi punida com sua insatisfação, que se convertia na humilhação dos pobres. “Só o sofrimento dos seus semelhantes a consolava um pouco, pois não queria ser a única a ter motivos que a torturassem. Era a parte sentimental, desprezada no seu íntimo, que reclamava seu quinhão.” (WAYNE, 1982, p. 25) Ao final do romance, Vera aparece com o senso de lucidez prejudicado.

Como a encarnação mais bem-acabada da maldade no romance, Vera vivia procurando maneiras novas de prejudicar os trabalhadores, para dar vazão à sua infelicidade. Certa vez, ela sugere ao marido que deixasse de pagar as famílias dos operários para costurar os sacos em que era embalado o charque, serviço que passa a ser realizado, sem remuneração extra, por empregados fixos como Luís. Vera não simpatizava com ele, considerado altivo e pretensioso, porque o guarda-livros não a adulava como os demais – e esta era uma das poucas recompensas por ter se casado com Dionísio. Metade da economia gerada pelo não-pagamento caberia a ela, que usaria o dinheiro para comprar frutas cristalizadas para seu cachorro lulu. A maldade da vilã demonstra o maniqueísmo do romance, onde os bons são predestinados, e os maus são desumanos e têm prazer com o sofrimento alheio.

O autor reforça o tom naturalista ao diagnosticar Vera como neurastênica, condição que se agravava ao longo do tempo, numa trajetória de decadência típica, em direção à loucura. Vera ressentia-se de ver a penúria dos trabalhadores provisoriamente amainada no período em que o charque que produziram estava sendo vendido, pois “seus sofrimentos e misérias, eram sua única alegria” – sinal de um comportamento perverso. Para impedir os trabalhadores de comer carne, impedia sua venda, deixando que esta apodrecesse: “então

sim, sentia-se mais aliviada, tranquila, porque o pessoal passava fome”. Neste ponto, a perversão do capitalismo soma-se à perversão da patologia mental. (WAYNE, 1982, p. 36)

O “herói” do romance, por sua vez, não apenas é dotado da capacidade de doutrinar, esclarecendo os trabalhadores acerca de sua condição de explorados, mas também é um homem de carisma²⁸: ao mesmo tempo em que sua diferença em relação aos trabalhadores braçais é clara, no sentido de ser ele um “esclarecido”, um homem mais culto e informado que os demais, ele possui a força de um líder dotado de grande capacidade de convencimento e de despertar identificação:

Luís era uma destas criaturas dotadas do dom de cativar aqueles com quem tratava, inspirar-lhes confiança. Era uma destas criaturas que, embora discorde da gente num assunto, o faz com tanta habilidade, que parece estar de acordo conosco, e apenas dar a nossos pontos de vista pequenas modificações, conservando o essencial, e vai indo os argumentos jeitosos, vai avançando e por fim impõe inteiramente sua opinião, que, sem sentirmos, vai avançando e por fim impõe inteiramente sua opinião, que, sem sentirmos, fica sendo a nossa, convictos de que sempre assim fora. Andara pela ‘quadra’ durante a tarde. Fizera estreita camaradagem com seus moradores. Indagara da vida de cada um, mostrara se interessar vivamente pelos seus casos.” (WAYNE, 1982, p. 41-42)

A forma de agir do personagem Luís, explicitada no romance, demonstra o quanto aquele povo da quadra era carente, não só de condições de vida melhores, mas de esperança de acreditar em algo melhor, algo que poderia acontecer se eles, os trabalhadores da charqueada, se unissem e tomassem consciência de si e de sua condição subumana. Através da análise da passagem anterior do romance, é possível inferir que Wayne, enquanto seguidor da ideologia marxista, aproveitou o ensejo do romance para divulgar suas crenças e ideologias. Ao traçar o perfil do trabalhador da charqueada como alguém que não tinha consciência de sua própria condição, ele trabalha, intrinsecamente, com o conceito de alienação na concepção de Marx: alienação do trabalho, para Marx é uma patologia industrial.²⁹

²⁸ Na definição de Max Weber, o poder carismático é aquele que se estabelece “mediante a dedicação afetiva à pessoa do senhor e aos seus dons gratuitos (carisma), em especial: capacidades mágicas, revelações ou heroísmo, poder do espírito e do discurso. O eternamente novo, o fora do cotidiano, o nunca acontecido e a sujeição emocional são aqui as fontes da rendição pessoal. Os tipos mais puros são a autoridade do profeta, do herói guerreiro, do grande demagogo. A associação de domínio é a agremiação na comunidade ou o séquito. O tipo daquele que ordena é o chefe. O tipo de quem obedece é o ‘discípulo’”. (WEBER, s/d, p. 9)

²⁹ “O operário fica tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais aumenta em força e volume sua produção. O operário transforma-se numa mercadoria tanto mais vil quanto mais mercadoria cria. A depreciação do mundo dos homens em razão direta da valorização do mundo das coisas. O trabalho não produz mercadorias apenas; produz a si mesmo e produz o operário enquanto mercadoria, e isso na medida em que produz mercadorias em geral.” (O capital, cap. 3, A mercadoria) Marx percebe que o trabalhador fica

Contrapondo-se a esta alienação dos trabalhadores da charqueada, Wayne brevemente trata das queixas desses trabalhadores em relação ao seu chefe e ao capataz. Mas é através de Luís que os operários tomam conhecimento dos acontecimentos do mundo: “(...) os operários de todas as partes do mundo estavam conseguindo grandes melhorias de situação. Prometeu ensinar-lhes como deviam proceder para também terem melhor vida.” Os trabalhadores, que eram tratados com “arrogância” e “desprezo” “pelos que ali pegavam um posto mais elevado, sentiam-se sensibilizados pela simplicidade do novo ‘escrivão’.” Com isso, Wayne consegue inserir Luís no contexto dos trabalhadores e, assim, justificar a confiança depositada nele pelos outros personagens, dando significação ao papel exercido pelo “herói” no romance. (WAYNE, 1982, p. 41-42)

Ele se chegava como um companheiro de trabalho. Um colega sem pretensões. Como um igual. Conversava procurando as palavras com que falavam para não dar a impressão de distância entre eles. Usava os termos que empregavam. Fazia-se pequeno, ignorante, para não lhes lembrar tratem com alguém doutra categoria. Obtivera, por isso, o acolhimento franco, que dispensavam uns aos outros. Podia observar a vida que viviam em toda sua realidade. Para com Luís não se acanhavam de falar da miséria em que viviam. (WAYNE, 1982, p. 41-42)

Para o próprio protagonista, o contato com a realidade saladeril criava uma situação de tomada de consciência. Luís sente, durante a meia-hora de intervalo para a primeira refeição de sua primeira jornada de trabalho, a necessidade de caminhar e refletir sobre o que havia experienciado no cenário da produção do charque. Busca isolamento, ar puro e uma paisagem que transmitissem a serenidade necessária para que todos os acontecimentos do dia fossem afinal assimilados. De fato, diz o narrador, aquela havia sido uma vivência inédita:

Nunca tivera sensações que o ferissem tão profundamente. Marcariam em sua vida, pressentia uma nova fase. Transformava-se. De indiferente, passava a se interessar pela sorte de seus semelhantes, esmagados pelo que chamamos de destino, para mais comodamente nos alhearmos das verdadeiras causas.” (WAYNE, 1982, p. 50)

Luís é, para os operários, um educador, ao alertá-los sobre sua real condição e ensinar o que se passava em outras partes do mundo, guiava os trabalhadores para que agissem, lutando contra a exploração, caracterizando o tom messiânico do romance. Luís era

alienado também devido ao trabalho que executa, ele se aliena de sua natureza de homem, que se torna estranha a ele. Em *A ideologia Alemã*, Marx diz que a alienação é produto do deslocamento da vida real através da divisão do trabalho, sendo assim, um produto da história social dos homens. Para uma discussão sobre a alienação na obra de Marx ver: SANTOS, 1982, p. 31-58.

o líder que levaria trabalhadores a conhecer e reivindicar seus direitos. Com isso, os trabalhadores passam a visitá-lo com frequência. “Com o guarda-livros, aprendiam que em todas as partes do mundo se modificavam os salários, os horários, a assistência médica lhes era fornecida, e tratava-se da melhoria da higiene nos núcleos proletários (...)” (WAYNE, 1982, p. 76) Os patrões não conviviam com os trabalhadores, mas Damião, o capataz de Dionísio, o “vilão” traidor de sua classe, acompanhava o que se passava.

Outra dualidade essencial do romance é a que se observa entre o feminino e o masculino. Decerto, a crítica de Wayne vai mais além do ambiente da charqueada, dirigindo-se à sociedade como um todo, desde a forma de gerir praticada pela administração pública, a política, como também as formas de ser e de agir consagradas pela sociedade. Um exemplo disto está na descrição da personagem Vera que, pelos olhos de Luís, é definida como uma mercadoria, mulher jovem e bela:

Bem diz que o dinheiro é tudo. Se não é tudo, mas pelo menos mulher é. Ora, se aquele sujeito, sem atrativo nenhum, era lá homem de quem uma mulher daquelas gostasse? Loura e leve, como se organizada, medida e pesada pelo catálogo dos tipos de fama das últimas artistas cinematográficas. Com certeza o marido vira o feitio no cinema, e depois encomendara-a a um pai, num casamento em que as ótimas qualidades do pretendente, depositadas nos bancos, desautorizavam qualquer mau juízo que surgisse a respeito. E passara a ser o dono dessa Iracema, Ceci ou Moreninha escamoteada pela maquilagem, pelos regimes para emagrecer, pelas poções e transformada instantaneamente em Jean ou Greta, como as pombas que se convertem em flores com passes mágicos em fundos falsos de cartola.³⁰ (WAYNE, 1982, p. 23)

Este trecho traz referências literárias a personagens marcantes da literatura romântica brasileira, literatura que atendia a um projeto nacionalista e que construiu figuras femininas marcantes e simbólicas da mulher brasileira. A indígena Iracema e a loura Ceci, filha dos colonizadores portugueses, criadas pela imaginação de José de Alencar, são figuras representativas dos tipos originais formadores, as matrizes da mulher brasileira, enquanto a morena tipicamente nacional, produto característico do país, havia sido consagrada por Joaquim Manoel de Macedo no romance *A moreninha*. A crítica neste momento dirige-se à desnacionalização provocada pela cultura de massas, que estaria adulterando o feitio original da mulher brasileira.

Neste ponto, mais uma vez, o narrador faz uma referência negativa à mulher e, apesar de narrado em discurso indireto, este trecho reproduz a perspectiva do personagem

Luís, alter-ego do autor, que observa a cena de Vera, mulher jovem e bem-arrumada, esposa de Dionísio, que passava o tempo lendo romances açucarados, com um cachorrinho no colo. Segue-se, a título de contraste, uma descrição grotesca e caricatural do “esposo que o dinheiro lhe deu”, um tipo rude, obeso, bem mais velho que a esposa. A caracterização deste vilão apela ao ridículo e ao repulsivo, e o descreve “mordendo o lábio superior com uma fileira de dentes que pareciam ter estado enterrados até então mais no fundo de algum banhado do que numa boca, mais nalguma camada de limo do que numa gengiva (...)”. (WAYNE, 1982, p. 24)

Vera vinha de uma família pobre, mas que aparentava grandezas: Fez-se moça, aprendendo que um par de sapatos novos e um vestido da moda faz com que esteja sempre em dia para com os demais o caráter de uma mulher que se preza. (...) Que a missão da mulher é ter um lar seu, mas com casa própria, bem mobiliada, e garagem do lado. (...) Os braços são as marcas de estâncias, nas ancas dos animais; os títulos nobiliárquicos, as escrituras de propriedades, e as comendas, as medalhas de prêmios de exposições rurais. (WAYNE, 1982, p. 25)

A moral sexual em vigor é explicitada pela personagem Guriazinha, que havia sido, muito jovem, seduzida por um telegrafista da estrada de ferro, que lhe prometera casamento e desaparecera. Com a perda da virgindade, não era aceita para casamento, mas tivera propostas para tornar-se amante de homens ricos e poderosos. Como sempre se recusara, era vista como modelo de virtude, apesar de sua condição de “decaída”. O relacionamento da moça de quinze anos com Luís, um jovem educado e letrado enchia a mãe de orgulho. Guriazinha é descrita como uma síntese da mulher brasileira, aquele tipo que havia sido “traído” pelo estrangeirismo e o artificialismo de Vera. A visão do autor era parte da consagrada visão da formação do tipo nacional pela miscigenação, no processo conhecido como branqueamento.

O processo de branqueamento obteve projeção devido à visão de Sílvio Romero sobre a mestiçagem no Brasil. Para Romero, a história do Brasil se confunde com a história da formação de um novo tipo humano. Este novo tipo foi criado a partir da interferência de cinco fatores básicos, o que permite a ele, concluir: “Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias.” Assim, os responsáveis pela mestiçagem são “o português, o negro, o índio, o meio físico e a imitação estrangeira.” (ROMERO, 1960, 53-54) Ao final do processo de mestiçagem, uma raça prevaleceria, a raça ariana. Romero acreditava que,

³⁰ Referência à loura Jean Harlow e à morena Greta Garbo, atrizes de cinema muito populares na década de 1930.

através do branqueamento da população, haveria a coesão e a unidade étnica no Brasil. A partir de suas ideias discriminatórias, de que as raças arianas eram superiores, elabora a chamada teoria do branqueamento. Esta teoria consiste em acreditar que um tipo racial se sobressai sobre os outros, o tipo branco, que, segundo ele, teria maior preponderância na formação do brasileiro, formando uma raça pura e bela como na Europa. O branqueamento se daria a partir de fatores que o favoreceriam: o fim do tráfico negreiro, e o número decrescente de índios e a imigração europeia. (ROMERO, 1978, p. 55)

O trecho a seguir, retirado de *Xarqueada*, deixa clara a visão exposta pelo autor. Guriazinha era pobre e mestiça. Soma-se a isso o fato de ser jovem, e logo, facilmente enganada. “Tipo destes que a mulata, lavando a pele e os cabelos em três ou quatro gerações com o sabão dos cruzamentos, atingia a categoria de morena.” De acordo com uma visão naturalista, ela havia sido impelida ao erro de entregar sua virgindade em função de sua condição de adolescente que sentia “a força duma nova necessidade fisiológica”, somada a uma capacidade de compreensão racional ainda limitada, e que a sociedade injusta não perdoava. (WAYNE, 1982, p. 42-43)

Neste sentido, Margareth Rago, em seu estudo sobre as mulheres e o trabalho, muito bem lembra que as mulheres pobres, eram consideradas “profundamente ignorantes, irresponsáveis e incapazes, tidas como mais irracionais que as mulheres das camadas médias e altas”, que eram consideradas menos racionais que os homens. (RAGO, 2004, p. 589) Desde que conheceu Guriazinha, Luís se sentira atraído por ela, por seu “ar de doçura e de bondade”, suas maneiras recatadas, mas não acanhadas. O narrador elogia nela também a “graciosa naturalidade”, que considera sempre uma grande virtude das mulheres, contra o artificialismo que era então comum.

A forma como o Luís de Wayne avalia o belo em Guriazinha, o belo natural, faz transparecer a visão naturalista proposta pelo autor, mas, ao mesmo tempo, pode ser considerado um traço da permanência da tradição no romance modernista. Em *Xarqueada*, romance regionalista, o belo natural conflita com o conceito de belo do modernismo, mesmo que o romance esteja inserido no romance modernista de 30. Luís julgava as mulheres que usavam maquiagem artificiais e menos belas. Surge aí, portanto, outra dualidade: entre natureza e artifício ou, entre o belo e o feio. Lisana Bertussi, (2009) em *Tradição, modernidade, regionalidade*, disserta sobre o conceito de beleza e como ele foi enfatizado pelos gaúchos. Segundo a autora, o conceito de beleza, que é tão fundamental para a apreensão da realidade, também interessou os gaúchos que, em face das ideias modernistas,

difundiam que o belo deveria romper com os cânones, valorizando as criações e expressões individuais. (BERTUSSI, 2009, p. 70)

Ao valorizar o belo natural Wayne permanece no modelo praticado pela tradição regionalista, pois o belo proposto pelo modernismo é o belo feio, ou grotesco, de qualquer forma não é o belo natural. Bertussi exemplifica o conceito de belo modernista através da leitura dos manifestos. O *Manifesto técnico da literatura futurista* de 1912, proposto por Marinetti, enfatizou uma nova forma de beleza, que comportava os aspectos da realidade, incluindo os aspectos feios e grotescos. Outro manifesto que corrobora esta visão é o *Manifesto Dada* de 1918, produzido por Tristan Tzara, considerando o conceito de beleza subjetivo. (BERTUSSI, 2009)

No Brasil, Mário de Andrade, em seu *Prefácio interessantíssimo* lançou a campanha pelo belo horrível, justificado pela atração que o feio exercia sobre os artistas. Segundo ele, o belo da arte é arbitrário, convencional e transitório. Já o belo natural caracteriza-se pela face da natureza. Mas a arte, para ele, não tem o fim de reproduzir a natureza, e com isso, ele defende que o belo artístico será mais artístico quando mais se utilizar da subjetividade e quando mais se afastar do belo natural. (BERTUSSI, 2009, p.60)

No romance de Wayne, a naturalidade tem como derivação a atração sexual, que aproximaria os homens dos animais. É enfatizado o desejo de Dionísio pelo mau cheiro de sua amante Daniela, o que faz com que ele prefira a amante a Vera, sua esposa. Enquanto ela é atraída pelo dinheiro do charqueador, que poderia garantir a sobrevivência do marido, ele é atraído pelo cheiro dela, de modo que o natural prevalece sobre o artificial. No vigésimo capítulo do romance, por exemplo, Dionísio não havia ainda se tornado amante de Daniela, e a procura em sua casa. O charqueador é descrito como um homem vulgar, a utilizar expressões batidas para seduzi-la, um homem animalizado pelo instinto e atraído pela “desnorteante falta de asseio” de Daniela, uma vez que sua esposa Vera era uma mulher artificializada pelo excesso de perfumes e banhos. Novamente, o conceito de belo utilizado por Wayne desvaloriza o belo artificial representado por Vera, e valoriza a naturalidade existente na personagem Daniela. A amante desperta sua atração por fazer-lhe lembrar-se das mulheres de sua juventude de rapaz pobre. Daniela consente com os avanços do charqueador, uma vez que este havia financiado a compra dos remédios para seu marido. (WAYNE, 1982, p. 57-59)

Já a aproximação entre Guriazinha e Luís era respeitosa, e ele não tentava conquistá-la, não tinha para com ela intenções exclusivamente sexuais como todos os demais, que

achavam que ela, não sendo mais virgem, não tinha mais o direito de viver honestamente. O narrador vê no desejo dos homens por ela não apenas a busca de prazer, mas a vontade de participar de seu caminho em direção à prostituição, o que fazia dela objeto de cobiça. A desvalorização da condição de mulher não virgem, como no caso da personagem Guriazinha, era nítida na sociedade moralista até meados do século XX.

Essa desvalorização pode ser compreendida através da análise do pensamento sobre o recato, mesmo na sociedade brasileira de décadas posteriores ao lançamento de *Xarqueada*, como por exemplo, o apontado por Carla Bassanezi, em seu artigo *Mulheres dos anos dourados*. Neste artigo, Bassanezi mostra que as revistas dos anos 1950 classificavam as jovens entre “moças de família e levianas”, sendo que para as moças de família era dado o respeito social, segundo a moral dominante, enquanto que, para as consideradas levianas tudo seria negado, pois estas que se permitiam intimidades físicas com homens, eram consideradas prostitutas. (BASSANEZI, 2004, p. 610)

Guriazinha, a personagem mais próxima do ideal feminino do autor, é elogiada por sua naturalidade, simplicidade e pureza, o que agrada a Luís, já que ele “tinha pouca simpatia pelas afetadas, buscando se parecer com as de classe social mais elevada”. Ou seja, existe um ideal de lealdade de classe. (WAYNE, 1982, p. 63-67) Neste contexto, Luís era censurado por sua atração por Guriazinha e pela presença dela entre moças de família, o que denota o comportamento moralista da comunidade: embora o comportamento sexual fosse em geral bastante livre, prendiam-se a preconceitos, que não eram, entretanto, aplicados às mulheres de classe alta.

O romance se encerra de forma abrupta, doutrinando sobre a necessidade da mulher se fazer atraente e manter-se assim. Segue-se uma típica cena do idílio romântico de dois apaixonados, que neste momento já se tratavam por marido e mulher, apesar de não terem se casado oficialmente – viviam no chamado “amor livre”, tema recorrente na literatura reformista e utópica desde o início do século XX. Tratava-se de uma relação de confiança, que se referendava, segundo o narrador, pela forma generosa como ele tratava as pessoas da classe dela, e pelo compromisso que assumira com sua mãe de “ampará-la para sempre”. E, como mostra Margareth Rago, em seu artigo “Trabalho feminino e sexualidade”, o chamado “amor livre” era defendido pelos anarquistas, que acreditavam não ser necessário um contrato de casamento efetuado pela Igreja e Estado, pois a “livre união” possibilitaria a livre escolha do tipo de relação amorosa e sexual que pretendem para a sua vida. (RAGO, 2004, p. 598)

A relação entre pobres e ricos no romance reproduz o tom maniqueísta predominante na caracterização dos personagens, e apresenta mais uma dualidade essencial. Os trabalhadores da charqueada eram honestos, pois, segundo o narrador, apesar da penúria “os homens não roubam. Como quase todos os roubados”. Trata-se de um elogio ao comportamento probo, honrado e honesto dos operários. (WAYNE, 1982, p.90-91) No caso do charqueador Dionísio, o dinheiro não mudara sua natureza, que continuava a ser de um bruto, o que o incompatibilizava com a mulher, Vera. Em face de sua frieza, Dionísio se desdobrava para agradar Daniela. Sua ligação era do conhecimento do marido dela, que não tomava qualquer atitude, preso pela miséria e pela doença. E, com o tempo, se habituara ao conforto e à vida fácil proporcionada pela prostituição da mulher, o que demonstrava a perversão criada pelo dinheiro.

Outro episódio do contraste em pobres e ricos refere-se ao comportamento dos ricos, os “vilões” da história, que contrasta com o dos trabalhadores, embora haja exceções como o capataz Damião, que defende o patrão em todas as situações, porque consegue exercer alguma autoridade junto aos demais. É ele quem despeja a família de Tia Antônia depois que o marido foge por ter surrado o patrão. Os trabalhadores fazem uma subscrição – sinal de solidariedade entre pobres – para ajudar a mulher, que viaja a pé para a cidade para buscar tratamento para o filho mordido por uma cadela hidrófoba. Uma cena chocante lembra a literatura da seca: Tia Antônia, caminhando com a criança em direção à cidade, é torturada pela sede, mas persiste em busca de salvar a vida do filho. A descrição do estado de saúde da criança expõe em detalhes os sintomas da hidrofobia, que culminariam na morte da criança. (WAYNE, 1982, p. 95)

A diferenciação entre pobres e ricos também fica muito evidente quando o marido de Daniela aparece morto, depois de roubar um cordeiro. Daniela chega à fase final de seu processo de decadência, mostrando-se demente, um tipo repulsivo que vivia extremas privações, e que não recebe a solidariedade, mas apenas a humilhação. Na visão do autor, sua condição de marginal, e seu definitivo enlouquecimento, deviam-se à “sociedade egoísta” que não dá valor aos pobres, “onde só se dá direito de ter virtudes aos que têm dinheiro (...)”. (WAYNE, 1982, p. 129-130)

A cena mais radical no que diz respeito à dicotomia pobres *versus* ricos acontece quando o cachorro de Vera adoece, sendo tratado por um médico e não por um veterinário, pois, se o profissional não era um veterinário, “seu filho tampouco era cachorro”. (WAYNE, 1982, p. 107) Como o médico acabou receitando leite materno, Vera convoca uma negra que

tinha um filho recém-nascido para amamentá-lo, e não aceita recusa. Em troca de promessas, ela acaba por concordar, o que faz com que o bebê morra de inanição. Em recompensa, obtém de Vera uma quantia apenas suficiente para fazer uma camisola para o enterro, sendo o corpo enterrado numa caixa de papelão. A afeição pelo bicho é uma derivação da patologia da mulher. O próprio cachorro, segundo o autor, havia se aristocratizado. Vera se desdobrava em pensar em exames e tratamentos “como fazem as pessoas que dispõem de recursos”, o que contrasta radicalmente com a penúria de Tia Antônia, passando as maiores provações em busca de remédio para o filho. (WAYNE, 1982, p. 107-109)

Este é o episódio mais melodramático de todo o livro, beirando a inverossimilhança. Não há sutileza nem sugestões, apenas a personificação do poder do dinheiro, da futilidade dos burgueses, da miséria dos pobres, do egoísmo dos ricos. Lembre-se que, em seu interesse pelo patológico, o naturalismo busca situações extremas que fogem à rotina burguesa e se concentram nas mazelas sociais, de maneira que aquilo que era verdadeiramente representativo de uma época acaba sendo substituído pela exceção, pelo caso-limite, pela radicalização dos eventos em direção aos limites do crível.

Apresenta-se aí outra dualidade: entre o humano e o animal. No episódio citado, *Xarqueada* humaniza um cachorro para mostrar a desumanização do ser humano. Esta passagem do romance, como outras também já citadas, desperta no leitor a sensação de inconformidade, de desrespeito ao ser humano. A crítica wayneana é muito contundente, forte e expressiva, servindo inclusive para alfinetar a sociedade moderna atual, que também têm os seus animais de estimação como filhos, enquanto crianças do mundo inteiro morrem por não terem acesso às mínimas condições para a sua sobrevivência. Paralelamente, a desumanização dos trabalhadores é uma constante no romance, por exemplo, quando eles são equiparados aos objetos jogados no monturo destinado a aterrar um banhado, no qual buscavam qualquer coisa que pudesse ter utilidade:

Com os dorsos magros, curvados, trapos sujos, examinando atentas o vasto amontoado, escolhendo os achados, desentrelaçando vários objetos aglomerados e emaranhados para ficar com o que lhes servisse, diria, quem as visse no meio das cousas imprestáveis, serem elas também peças inutilizadas da humanidade (...). (WAYNE, 1982, p. 37)

Os pescoços de bois que participam da alimentação das famílias dos trabalhadores são disputados aos cachorros do charqueador, em condição de igualdade em relação aos trabalhadores, que vivem uma situação subumana na luta por um pouco de comida. Em contrapartida, os animais são humanizados, pois o romance busca reproduzir o sentimento

dos animais encurralados que assistiam à morte dos demais. No conto de Simões Lopes Neto, *Boi velho*, percebe-se o mesmo procedimento. No conto, o boi Cabiúna é humanizado a partir do momento em que sofre a perda do “amigo” e companheiro de trabalho. Os bois trabalhavam juntos levando o carretão com a família para tomar banho no rio, quando chegava o verão. Quando fazia um calorzinho, logo os bois apareciam por perto da casa esperando para fazer o seu trabalho. Quando morre o companheiro de Cabiúna, o boi parece chorar e lamenta a perda do companheiro. Depois de velho, o boi continuava fazendo o mesmo trajeto para buscar as pessoas e levá-las ao rio. No entanto, as crianças que outrora levava para passear correm para matá-lo, pois ele estava velho, para não perder o couro, que podia render-lhes algum dinheiro. No conto, o boi é mais humano que os humanos, na medida em que sofre a perda do companheiro, enquanto os humanos o matam sem o menor remorso, por algum dinheiro, que nem precisam. (LOPES NETO, 1998, p.47-50)

O resultado do trabalho insano na charqueada é que os operários perdiam o aspecto humano e se transformavam em seres indistintos, destituídos de personalidade e de características próprias: “Não restavam mais feições para diferenciar um indivíduo de outro. Emparelhara-os, numa multidão de sócias, a magreza, os olhos cavados, os rostos encaveirados, as barbas enormes”. O autor emprega aí um tema clássico do naturalismo, que é o tema da dissolução do humano no natural, a indiferenciação própria à trajetória de decadência que é narrada. Ao mesmo tempo, estes são vistos como miseráveis e como super-homens: “Homens doentes: cardíacos, asmáticos, tuberculosos, ofegando, tossindo, numa resistência inexplicável, se mantinham dando conta de pesadas tarefas”. (WAYNE, 1982, p. 62) E, quando acordavam de suas poucas horas de sono, voltavam ao trabalho como autômatos, de maneira que, quando retornavam aos ranchos, sentiam-se tão cansados que mal podiam dormir. O cansaço dos trabalhadores leva o narrador a evocar a história de um carneador que dormira com a faca em punho e acabara ferindo a si próprio.

No que diz respeito à polaridade entre o vício e a virtude, o caso de Daniela e o marido, expresso no romance, é de uma complexidade ímpar. Eles amargavam a mais profunda miséria, sem condições de se manter, pois ele era doente e, não podendo trabalhar como os demais, não tinha como comprar remédios. Ajudada financeiramente por Luís, Daniela havia usado o dinheiro ganho dele para comprar o remédio do marido, que sofria do coração, e que só era adquirido ocasionalmente. Mas ela poderia conseguir um emprego para o marido, mesmo doente, na charqueada, pagando o preço requerido para que o marido fosse empregado em serviços leves na charqueada, recebendo um salário. O preço era que se

tornasse amante do charqueador Dionísio. Daniela se rende a Dionísio, proprietário da charqueada, que, em troca, consegue um emprego conforme as limitações físicas de seu marido. Com o desenrolar do romance, ambos acabam em situações ainda piores do que a situação de miséria em que estavam inicialmente. Ela acaba se prostituindo para trazer dinheiro para o seu marido, viciado em jogo.

A virtude inicial de Daniela é demonstrada também por sua fé, iludida pelas ideias espíritas que diziam a ela que a verdadeira forma de amar era através da doação e do sacrifício. No romance de Wayne, Daniela é uma mulher influenciável, de boa índole, mas irracional, que acredita naquilo que ouve de seu conciliador espiritual, que dizia que ela devia se sacrificar por quem amava. Franquelim era “um espírita considerado naquela região”, que a levou a convencer-se de “cometer o que tanto a repugnava”. Ele dizia: “Cristo dera o exemplo, sacrificou-se, sofreu horrivelmente para salvar os homens. Isso é que se chama amor. Esquecer-se de si próprio para se lembrar dos que precisam ser ajudados por nós”. As palavras do espírita serviram para que Daniela aceitasse ser amante de Dionísio. (WAYNE, 1982, p. 52)

Quando decide afinal aceitar a condição imposta pelo charqueador, vê a humilhação como um sacrifício feito por amor ao marido, e não como uma traição. O dilema de Daniela, entre a moral e a sobrevivência, com a vitória da última, dá origem ao típico drama naturalista, que vê o ser humano premido pelas necessidades do corpo e, portanto, desvestido de seus freios morais. Ao final, sua própria virtude alimenta o vício e a conduz a ele. Daniela, apesar disto, continua a ser definida como uma mulher virtuosa, que se sacrificava por amor ao marido: ela se recusava, desde que se tornara amante de Dionísio, a manter relações conjugais com o marido. Para o autor, embora fosse de fato um dilema escolher entre a miséria e o adultério, o que a levou a optar pelo segundo foi sua propensão ao desequilíbrio mental, levando-a a “privações do raciocínio” – é evocado aí o tema naturalista da determinação biológica dos desequilíbrios psíquicos, de modo que sua escolha não é vista como uma decisão movida pelo livre-arbítrio, mas como fruto de uma fraqueza biológica. A devoção ao marido divide espaço com esta argumentação naturalista que, ao invés de humanizar as personagens, as torna presas do seu destino biológico. De qualquer maneira, tudo o que Daniela obtinha de Dionísio ia para a o marido, ou seja, ela não agia para si própria.

O problema do jogo é enfatizado no romance quando mostra o marido de Daniela, viciado, porque procurava afastar-se o mais possível da casa onde sua mulher se encontrava

com o charqueador. Daniela dava a ele o dinheiro obtido de Dionísio, mas este não era mais suficiente para seus gastos altos com o jogo do osso e o baralho. Daniela passa a ser pressionada pelo marido, que busca desesperadamente dinheiro para jogar. O dinheiro de Dionísio não era mais suficiente. Apesar disto, ela continua a defender o marido, e pensa em se prostituir com o sargento que a cortejava. Novamente, observa-se uma trajetória de inevitável de decadência; o autor já havia insinuado que o comportamento de Daniela tinha fundo patológico, um desequilíbrio orgânico que afetava sua moralidade. Assim, Daniela novamente se prostitui, sendo os primeiros clientes os companheiros de jogo do marido. Acaba abandonada por Dionísio, enquanto o marido fica com todo o dinheiro: com “ar canalha, esboçavam-se umas contrações cínicas na sua fisionomia”. (WAYNE, 1982, p. 118-120)

Apesar de ter se prostituído e de ser definida como um organismo que tendia à degeneração, Daniela é antes a imagem da virtude que do vício, pois o que faz é sacrificar-se, imolar-se por amor. Em um primeiro momento, sua motivação inicial, como vimos, é conseguir um emprego para seu marido, e assim possibilitar a compra de medicamentos para tratar sua doença. Ela é submissa ao marido e faz tudo para favorecê-lo. Entretanto, na leitura do romance não fica de fato claro que sua atitude seja motivada por amor a ele, por submissão, ou por uma fraqueza. O amor que podia ser percebido na relação deles, já não pode mais ser percebido ao final do romance. Há sim, uma relação de exploração e submissão a um marido amargurado e viciado. A vida de Daniela não parece mais ter sentido, e ela se degrada de tal forma que parece que mais nada a importa.

5.3 A linguagem messiânica

Ao analisar o romance *Xarqueada* percebe-se um aspecto interessante que percorre toda a narrativa, o tom messiânico do romance. Messiânico, ou messianismo ou ainda, messias, são designações dadas a partir da relação com relatos bíblicos. Queiroz explica que o termo “messias” refere-se às palavras de Isaías na Bíblia, quando anunciava a chegada de um menino que nasceu, que seria um “Príncipe da Paz”, o “conselheiro admirável” que viria para restabelecer a paz e a justiça. Assim, o conceito dado à palavra messias advém da religião judaica, sendo o messias “um personagem concebido como um guia divino que deve levar o povo eleito ao desenlace natural do desenrolar da história, isto é, à humilhação dos

inimigos e ao restabelecendo de um reino terreno e glorioso para Israel”. (QUEIROZ, 1965, p. 3, 4)

Com o passar do tempo, estudos históricos, incluindo os de Max Weber e Paul Alphandéry, passaram a conceituar o termo “messias” como “alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se, pois, de um líder religioso e social.” (QUEIROZ, 1965, p. 5) Assim, o líder tem uma autoridade concedida a ele por estar em um *status* superior aos demais, por possuir “qualidades extraordinárias provadas através de faculdades mágicas ou estáticas”. O líder possui, portanto, um forte caráter carismático.

O messias que age de acordo com seu dom pessoal, “se coloca acima da hierarquia eclesiástica ou civil, desautorizando-a, ou subvertendo-a.” (QUEIROZ, 1965, p. 5) Isso é necessário para ser um líder capaz de fazer seus adeptos cumprirem suas ordens, pois ele está voltado para a coletividade, moralizando-a a fim de alcançar a redenção. Dessa forma, o messianismo se coloca como uma “força prática, e não como uma crença passiva e inerte de resignação e conformismo: diante do espetáculo das injustiças, o dever do homem é trabalhar para saná-las, pois sua é a responsabilidade pelas condições do mundo.” (QUEIROZ, 1965, p. 7)

Estudando a literatura social do início do século XX, Luciana Murari observou a recorrência do tom messiânico, um pensamento que justificava a transformação social a partir de uma cega confiança na redenção dos oprimidos, que não se explicava racionalmente. A recorrência de imagens religiosas nesta literatura faz parte desta linguagem mística que se sobrepõe à observação política, à análise sociológica, às convicções socialistas e anarquistas. Os jovens reformadores são também, nesta literatura, observados como criaturas predestinadas a cumprir um papel histórico transformador. (MURARI, 2009c, p. 284-301)

Uma cena de *Xarqueada* demonstra a adoção da perspectiva messiânica pelo romance, cena que mostra a insatisfação dos trabalhadores com a forma como estavam sendo tratadas. Por ocasião da morte de uma criança, afilhada de Guriazinha, que nascera sem nenhuma assistência médica, enquanto a mãe tuberculosa definhava, um dos trabalhadores da charqueada, Carocha, dizia-se convencido de que:

[...] eram as últimas vítimas, que isso ia terminar. Não tinha bem certeza se ouvira dizer tal cousa, ou se era ele que sabia por si próprio. Muitos de seus amigos, gente dali como ele, iam à cidade, havia os que lá tinham parentes, que algumas vezes os vinham visitar, talvez fosse assim

que se estivesse propagando a novidade. Agitando-se pelo constante contato da campanha com núcleos mais instruídos, a questão do direito das classes. (WAYNE, 1982, p. 27)

Luís surge como um líder messiânico, pois ele tinha a capacidade de abrir seus olhos para a “verdade” de sua condição social de explorados, rompendo o fatalismo que os fazia acreditar que inevitavelmente a vida seria boa para uns e ruim para outros. Para o narrador, era sua ignorância que os impedia de reagir contra as injustiças sociais, e os lançava a uma condição de conformismo. Luís toma para si a tarefa de iluminar aqueles espíritos presos à obediência, e seu papel será o do doutrinador: enquanto Januário, trabalhador ambulante, acreditava que a pobreza vinha da vagabundagem dos pobres que não queriam trabalhar – pois era o que havia ouvido dos patrões – o guarda-livros argumenta que:

Nos governos sempre houve quem ‘comesse bola’ dos ricos de outros países, para botarem aqui fábricas, tomarem conta de terras, fundarem companhias poderosas. Então esses, pagos pelos tais ricos, para justificarem as concessões dadas aos estrangeiros, para se desculparem, começaram a dizer que o brasileiro é preguiçoso. Preguiçoso sem mais nem menos, só porque não gostava de fazer nada. Mas isso não deve ser repetido senão por eles e por aqueles que querem pagar pouco aos peões. Nós precisamos é desmascará-los, ser sinceros com o povo e defendê-lo, como merece, da calúnia. (WAYNE, 1982, p. 29)

O argumento da defesa do povo soma-se aí a uma concepção nacionalista que via na industrialização a colaboração das elites nacionais com o capital estrangeiro, contra os trabalhadores. Essas ideias eram estranhas a Januário, pois nunca as havia ouvido dos padres e dos políticos e, embora não entendesse bem, “sentia a verdade”. (WAYNE, 1982, p. 30) Wayne representa através do personagem Januário uma geração que acreditava nas instituições, no caso, personificadas pelos políticos e padres, como portadoras da verdade e do conhecimento.

A doutrinação de Luís assume, em seguida, um velho argumento no debate social brasileiro: o que explicava a produtividade do estrangeiro quando comparado ao trabalhador nacional eram suas condições superiores de saúde, explicadas pela alimentação em maior quantidade, e não por sua natureza “superior”. Além do mais, apenas os mais fortes animavam-se a emigrar. Enquanto isto, o brasileiro comia mal e tinha o organismo debilitado. A ideia aqui expressa repercute o debate sobre o homem do sertão brasileiro a partir da obra de Monteiro Lobato. Em 1914, o escritor paulista havia sido consagrado pela criação da figura do Jeca Tatu, pobre caboclo indolente adepto da “lei do menor esforço”. Em 1918, inspirado pela difusão das análises higienistas sobre as precárias condições de

saúde no interior do país, Lobato publica uma série de artigos pedindo desculpas ao Jeca³¹. Afinal, sua condição de abatimento era simplesmente o resultado da ação de agentes patológicos que se mantinham graças à incúria dos governos. (LOBATO, 1982, 1951)

A posição de Luís é similar: assimila a baixa produtividade dos trabalhadores nacionais à sua fraqueza e suas doenças, “indivíduos desanimados que chamam de preguiçosos”. (WAYNE, 1982, p. 30) A recepção de Januário a estas novas ideias não poderia ser melhor: verdades escondidas são reveladas, como um “raio de consciência” sobre seus direitos como trabalhador. Esta passagem do romance leva ao momento histórico em que Wayne vivia e o advento do movimento operário. O movimento operário, no período que antecede os anos 30, caracteriza-se pela presença do anarco-sindicalismo em movimentos autônomos dos trabalhadores. Nos anos 30, essa concepção de movimento operário foi se modificando na medida em que, como mostra Sílvia Petersen, o governo foi tomando para si a função de organizar o movimento operário em sindicatos oficiais. (PETERSEN, 1992, p. 334)

A questão social foi uma das preocupações prioritárias da Aliança Liberal, em que uniram-se Minas, Paraíba e Rio Grande do Sul contra a manutenção do governo federal nas mãos dos representantes de São Paulo. Após a revolução de 30 e a ascensão de Vargas no governo provisório, criou-se o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, com o intuito de elaborar e criar medidas sociais, tendo por alvo principal a classe trabalhadora. Durante a República Nova (1930-37) as medidas trabalhistas foram ganhando maiores dimensões, visando harmonizar as relações entre capital e trabalho, através da criação de sindicatos e leis trabalhistas. No Rio Grande do Sul, o proletariado oscilava entre momentos de apoio ou não às medidas governamentais. (PETERSEN, 1992, p. 334-335)

Luís, o “messias” que trazia aos operários da charqueada a “revelação” de seus direitos, parecia a Guriazinha “um ser muito superior aos demais, a quem devia adorar como um deus”. (WAYNE, 1982, p. 56) A expressão do autor dá a dimensão da marginalização da mulher pobre e de sua condição dependente e submissa. O tratamento gentil de Luís faz com que ela se sinta tomada de grande gratidão por ele, o que torna seus encontros frequentes, com o apoio da mãe dela, cujas expressões de apreço “calavam fundo na sensibilidade apurada do rapaz”. (WAYNE, 1982, p. 56)

Mais uma vez, o herói é dotado de uma “aura” de esclarecimento que o diferenciava: suas intenções são puras e seu comportamento é decente, o que reforça o pressuposto de sua

³¹ Sobre a repercussão da obra de Monteiro Lobato, ver SACCHETTA, 2000.

“superioridade” em relação aos demais. Luís é sempre descrito como um ser diferente e melhor que os demais, e reúne as virtudes da compaixão, da solidariedade, da generosidade, da humildade e da superioridade intelectual, porque é aquele que é capaz de compreender as verdadeiras razões da desigualdade social. Sua figura era tão respeitada que ele se via livre da maledicência, uma vez que todos reconheciam sua “verdadeira bondade”. Sua postura é pedagógica: “não podia deixar de ensinar àqueles homens, já que mostravam boa vontade e o procuravam para isso, as bases da nova organização social. Organização que as legislações modernas amparam e para as quais marcham as tendências atuais dos povos”. Luís é uma unanimidade junto aos trabalhadores, pois, apesar de poder viver agradando aos patrões, preferia a companhia dos homens pobres, que o viam como um grande coração. (WAYNE, 1982, p. 56, 57)

No romance de Wayne, a ideia de greve surge pela primeira vez quando os trabalhadores descobrem, por meio de Luís, que não receberiam o salário prometido. Tudo começa com a discussão entre os operários Carocha e Ambrósio sobre a decisão do primeiro de abandonar o trabalho, independentemente da atitude dos demais. Ambrósio argumenta que qualquer iniciativa dos trabalhadores só teria efeito se estes se unissem e se recusassem, em bloco, a trabalhar. Para Luís, era necessário que os trabalhadores se convencessem depois de “um trabalho contínuo e bem orientado”, ou seja, pela conscientização. Não se tratava de considerá-los covardes, como Carocha, pois os resultados práticos só viriam com a mobilização. Decidem conjuntamente, então, abandonar o trabalho quando recebessem o primeiro pagamento, para não comprometer Luís, que havia denunciado a decisão do patrão de não pagar o combinado.

Januário, Carocha, Ambrósio e Luís mobilizam os trabalhadores. A própria Guriazinha torna-se uma propagandista da causa, tentando convencer as mulheres a encorajarem os homens. Ela é agora tomada pelo idealismo, ainda que, diz o narrador, ela se tornaria adepta de qualquer causa que o marido abraçasse. O que a move não são as ideias, mas a devoção a Luís. Tal se deveria também ao ardor de sua juventude, fase sempre idealista: nenhum traidor estaria na faixa de 15 a 20 anos de idade. Segue-se um trecho interessantíssimo, em que o discurso político convencional que tantas vezes entusiasmara os trabalhadores é contraposto às práticas das elites e aos benefícios exclusivos a eles. Não concebiam, ainda, a ideia de que deveriam lutar para si mesmos, o que tornou difícil o convencimento, que dependeu da influência feminina.

No entanto, desde que os operários se abriram para o problema, a autoridade de Luís se impôs, uma vez que o conhecimento intelectual fascinava os trabalhadores. “Seria, se quisesse, um condutor de homens capaz de fazê-los fanáticos”. A postura do romance evoca o modelo praticado por Balzac e Zola, que, sendo Kelly Basílio, levava os escritores a reivindicar para si o *status* de historiadores “comprometidos, revestidos, investidos de uma missão”. O missionarismo dos romancistas é também definido como um moralismo militante e inspirado, muitas vezes quase mítico. (BASÍLIO, 2002, p. 402)

O enredo do romance reafirma esta sua condição missionária. Em comissão, os líderes da greve vão a Dionísio pedir aumento de salários. Luís, porta-voz do grupo, faz menção à possibilidade de uso da violência como alternativa extrema. O narrador acentua a mudança na postura dos trabalhadores: antes humildes, agora tinham nos olhos “a chama da rebelião”, de modo que a covardia de Dionísio se torna clara. Tratava-se de defender direitos, visão que fazia com que a luta dos trabalhadores ganhasse um argumento que não dependia da vontade do capitalista, e sim de uma prerrogativa deles. Mas, os trabalhadores, que “traziam recalcados os desejos de desforra”, acabam perdendo o controle, seguindo-se uma cena de violência, controlada por Luís, de agora em diante responsável pela interlocução do patrão. (WAYNE, 1982, p. 124)

Com a sucessão dos acontecimentos, Dionísio busca outros trabalhadores para a charqueada, mas não encontra o número necessário para substituir os grevistas. Assim, aceita readmitir todos eles, ainda que sem o aumento de salários prometido. Curiosamente, a derrota do movimento é definida como uma vitória, ao mesmo tempo em que é realçada a obediência que os trabalhadores tinham em relação a seu líder: “Luís achou boa, como solução transitória, a proposta do charqueador, e induziu-os a que a aceitassem. Aproveitou a oportunidade para concitá-los a não esmorecer. Aquela tentativa frustrada significava para eles uma vitória”. Isto porque significava que eles haviam despertado para a luta, após uma longa imobilidade, ou “abastardamento”. Ao mesmo tempo, eram exemplos para outros trabalhadores das charqueadas, que deveria formar o Sindicato dos Trabalhadores de Charqueadas, o que impediria os patrões de encontrar substitutos para os que lutassem por seus direitos. (WAYNE, 1982, p. 130)

Segue-se a crítica de Luís à ideia de que os trabalhadores de charqueadas eram bandidos como haviam afirmado os regionalistas gaúchos, como lemos anteriormente. Luís compara os trabalhadores às águas lentas de um rio que, ao “entrarem num Sindicato, que é a chuva, fazem dessa solidariedade uma enchente”. Agora trabalharia pela fundação do

sindicato. A linguagem do autor é messiânica, que lembra a ressurreição de Jesus Cristo: “e três dias de greve tinham anunciado que aquela gente atribulada, por longos anos crucificada no pesado lenho da opressão, ressurgia do sepulcro do desânimo para subir alto, em conquista duma nova existência.” (WAYNE, 1982, p. 132)

O tom messiânico apostava, assim, na redenção das classes trabalhadoras. Este tom é intensificado pela crença de que

o sangue novo de Guriazinha, filha dessa geração heróica e rebelde, dava-lhe consciência de que alguma coisa nunca usufruída pelo seu infelizmente povo estava por surgir. Ela também se contagiava por essa certeza que andava no ar, penetrando nos corações dos jovens. Certeza que não se sabia de onde vinha, mas se infiltrava neles, chamando-os a trabalhar pela causa comum. Era de opinião que o pior estava passando, ficaria para trás dentro em breve e que uma nova época viria. O clarão do fogareiro iluminava aquelas caras moças que tomavam mate, avermelhando-as.

Seria um símbolo? (WAYNE, 1982, p.27)

Podemos entender através do breve estudo realizado, a relação existente entre o romance *Xarqueada*, enquanto obra de ficção e a representação nela estruturada. Vimos que é preciso avançar em relação ao contexto da obra em si, e suas significações. E, com isso, perceber que o romance de Pedro Wayne foi baseado na realidade saladeril, mas sua produção foi realizada de acordo com seus preceitos estéticos próprios, criando enredo e personagens fictícios que serviram para produzir a eficácia desejada. Através de sua técnica, desenvolve um romance envolvente em que os personagens ganham vida e abraçam-se perfeitamente com o contexto representado. A riqueza de pormenores existentes na sua produção provoca ainda mais a certeza de que Wayne conhecia a realidade da qual estava representando, aproximando seu romance da realidade saladeril dos anos trinta, através do artifício da verossimilhança.

Romance rico, e muito complexo, *Xarqueada*, inaugura uma forma de ver o homem trabalhador da charqueada que desmistifica as projeções existentes até então e provoca a dúvida no leitor. Como era realmente o trabalhador da charqueada? Como era sua vida social? O Seu trabalho? A sua forma de morar? Todas essas perguntas encontram respostas convincentes em *Xarqueada*. Apesar de ser uma obra de ficção, o conhecimento da realidade saladeril apresentado por Wayne, em sua expressão ficcional, impressiona, possibilitando ao leitor conhecer de forma intensa o universo por ele representado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do romance *Xarqueada* aqui empreendida compreendeu uma inter-relação entre o histórico e o literário, a ficção e a documentação, focando temas decisivos para a história do Rio Grande do Sul dos anos de 1930. O trabalho interdisciplinar propiciou uma análise das representações no romance em sua globalidade, intercalando o conhecimento dos historiadores sobre o período e a representação ficcional de Wayne. Através do entendimento do que incorpora o romance de 1930 no Brasil e no Rio Grande do Sul, bem como do regionalismo e de suas especificidades na produção literária no estado, foi possível entender de forma mais clara as representações da realidade social difundidas por Pedro Wayne.

O romance apresenta momentos muito ambíguos, o que pode ser observado na descrição do próprio trabalhador. Por um lado, Wayne desmistifica o instinto assassino agregado à figura do carneador e, ao mesmo tempo, descreve uma cena em que o carneador mata a rês de forma agressiva, atribuindo aquele ato à vida dura de exploração e miséria a que estava sujeito. Outro aspecto curioso refere-se aos trabalhadores, que se revoltam contra o patrão, mas se mostram totalmente submissos a seu líder Luís, de modo que a derrota da greve é vista como uma vitória, mesmo que não tenha dado nenhum resultado, a não ser “iluminar” o trabalhador.

A influência nítida em sua obra das vivências do autor em algumas charqueadas foi evidenciada neste trabalho. O romance social produzido pelo autor demonstrou ser filho de seu tempo, retratando o contexto de sua época, e também a forma de pensar a literatura naquele período. Como “romance de 30”, *Xarqueada* se diferencia de outras obras regionalistas que trabalham com o mesmo tema, produzidas no Estado (como vimos a partir das obras de Callage, Pires e Maya), devido a sua visão contra-hegemônica, empenhada em apresentar algo diferente, não vinculado à visão mais difundida pela literatura. O trabalhador da charqueada, que habitualmente era visto como um carneador, carniceiro, assassino, com instinto para matar, devido ao meio em que vivia, passa, na visão do romance, a ser representado como alguém sujeito sim às condições de seu trabalho, mas não determinado por elas a ponto de se tornar assassino. Assim, no romance, o trabalhador é mostrado de uma forma menos preconceituosa em relação à tradição regionalista, pois seu autor conheceu

uma charqueada de perto, estabeleceu diálogo com as pessoas que lá trabalhavam, e a partir daí deu sua contribuição para a observação desta realidade através da representação literária.

Xarqueada representa a realidade saladeril da década de 1930, sendo evidente a pretensão do autor de fazer um retrato daquele ambiente a partir de situações e personagens verossímeis. Após esta análise, o programa de Pedro Wayne fica claro: ele entendia que a literatura possuía uma função, a de mostrar as mazelas da realidade, servindo como crítica social. No seu caso, estava em questão o ambiente saladeril e suas péssimas condições de vida, o que fez com que o escritor criticasse aqueles romancistas que não entendiam a realidade da mesma forma, produzindo romances não críticos, cuja única função era o deleite do leitor.

Os homens, por sua vez, são os responsáveis pelo trabalho e, por isso, pela luta por seus direitos. Luís, o protagonista, era guarda-livros e por isso diferente dos trabalhadores pobres, mas comovia-se com as injustiças, de modo que passou a guiá-los em direção à luta por seus direitos de melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, de vida. O gaúcho livre também aparece no romance através de Januário, e neste momento Wayne assume uma postura contraditória, reafirmando o mito do gaúcho em sua idealidade, na luta pela vida livre, sem amarras e sem patrões.

As representações do ambiente, das formas do trabalho, das condições de vida, e até dos valores morais do próprio autor estão presentes no romance. No que diz respeito à mulher, as representações do romance são bastante variadas. O que mais chama a atenção é a personagem Vera, mulher fútil, de família de renome, mas falida, que se casa por interesse, e por isso, paga um alto preço, perde sua felicidade e sua sanidade. Para criticar a sociedade, ele utiliza também outra personagem feminina, Daniela, uma mulher miserável que acaba se transformando em uma prostituta doente, ficando em uma situação pior do que aquela em que se encontrava. A culpa disso é da sociedade medíocre e hipócrita, muito criticada por Pedro Wayne.

Os pobres aparecem em sua total miséria, e sujeitos ao egoísmo dos ricos. Este é o caso da passagem em que Vera obriga uma senhora a amamentar seu cachorrinho, enquanto o filho daquela senhora morre por inanição. Neste contexto, Wayne sente tanto a necessidade de criticar valores sociais (o amor pelos animais acima do valor da vida dos seres humanos pobres), que o romance acaba por se tornar inverossímil. No entanto, isso é coerente com o conjunto geral da obra e com seu programa.

Assim, as ideias de Wayne acabam relacionando-se diretamente com o contexto de sua época, e isso confere grande significação a seu romance. A análise histórica e econômica do período relacionado com o romance possibilitou o entendimento de suas representações como um todo conciso e carregado de significados que vão muito além da arte pela arte.³²

Assim, a ficção auxilia na criação de personagens que são estereótipos, ou seja, lugares-comuns: Luís: o líder, o messias, o homem superior; Vera: a mulher fútil casada por interesse; Dionísio: o homem bruto enriquecido; Damião: o traidor de sua classe; Guriazinha: a jovem injustiçada e sonhadora; Daniela: a vítima que se imola em sacrifício por amor e Januário: o gaúcho-herói.

Devido à forma como são apresentados, os estereótipos acabam endossando uma espécie de caracterização predominante. No caso da ideia do trabalhador da charqueada como um assassino, utilizada por outros autores que tratam da mesma temática, prevalece, contrariamente, a busca de uma representação alternativa, nascida do conhecimento da realidade e da preocupação do autor em criar uma imagem do trabalhador que desperte a solidariedade do leitor.

Vimos também que, para uma obra ser aceita como uma verdadeira obra literária, precisa estar vinculada à verdade interna da própria ficção, e esta deve manter-se conexas, correlacionada com o tema a que se propõe, bem como com o contexto e as personagens. Não deve imitar a realidade, mas sim ser fingimento, e com isso dialogar com o imaginário. Como citado anteriormente, a partir de Iser, “uma dinâmica de tematização do mundo”, compreende assim sua complexidade, como no caso do romance social de Wayne. (ISER, 1983. p. 388)

Assim, a ficção, enquanto documento da realidade social, política, econômica e cultural de um dado período histórico, é fonte para a história, que através das representações esclarece dinâmicas sociais e visões de mundo, possibilitando o conhecimento de elementos não atingíveis pela análise de fontes tradicionais, como os documentos oficiais.

A grandeza da obra de Wayne está em suas representações de uma realidade social, em sua crítica e suas convicções, sendo praticamente um panfleto de divulgação de suas idéias. No entanto, o romance, como romance de crítica social, deve ser compreendido também em função de sua conjuntura. Os anos 1930 no Brasil foram o auge do romance

³² Conforme Paul Valéry, a arte pela arte significa sede e fonte, para alcançar a grande alegria. A obra de arte como produtora da vontade de conhecer, sendo resposta ao desejo, nega, dessa forma, a concepção didática da arte, por significar a corrupção de seu objetivo. (VALÉRY, 1991)

social, o que fez com que o romance de Wayne fosse coerente com o contexto cultural de sua época.

Xarqueada é ficção e documento na mesma proporção. É documento, enquanto romance preocupado em representar a realidade histórico-social de uma época, e é ficção por fazer parte do mundo do “como se”, em que a verdade significa autenticidade e sinceridade, relacionando-se com a verossimilhança. É ficção justamente pela tentativa de parecer-se com a realidade, através da descrição de detalhes cuidadosamente escolhidos pelo autor. É justamente aí que a ficção demonstra seu caráter ficcional. É justamente a busca insistente de Pedro Wayne em convencer o leitor de que sua obra baseia-se na realidade, que demonstra a intenção ficcional do escritor.

Assim, o primado da observação, prática difundida na América Latina, conforme já vimos, é repetido por Wayne, e participa da construção das representações do romance. Devido ao seu conhecimento empírico do meio saladeril, sua representação pode até confundir o leitor desavisado. O que ele atinge é a verdade literária, convencendo seu leitor dessa verdade. No entanto, a verdade para a literatura possui um caráter diferente do que possui para a história, estando intimamente relacionada com a sinceridade: mesmo quando o autor é capaz de convencer o leitor da verdade, o que ele faz é fingir.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A INDÚSTRIA DO XARQUE. In: *Revista do Commercio e Industria do Rio Grande do Sul*. v. 6, n. 1., jan. 1923. p. 232.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Na trilha de um andarengo*. Porto Alegre: Edipucrs, IEL, 1994.

ANNAES do VII Congresso Rural. Effectuado em Porto Alegre de 10 a 15 de julho de 1933. Porto Alegre: Centro da Boa Imprensa do Rio Grande do Sul, 1933.

ANNAES do VIII Congresso Rural. Effectuado em Porto Alegre de 10 a 15 de julho de 1934. Porto Alegre: Globo, 1934.

ANTONACCI, Maria Antonieta. *RS: as oposições e a Revolução de 1923*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

ANUARIO da Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Publicidade Americana, 1939.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem à província do Rio Grande do Sul: 1858*. Tradução Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

BAGUET, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Paraula, 1997.

BASÍLIO, Kelly. *História e ficção na tradição do romance realista francês: Balzac, Zola, Aragon*. [//repositoriaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/328/1/ACATAS-literatura%e%20hist%c3%b3mai397-406-pdf](http://repositoriaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/328/1/ACATAS-literatura%e%20hist%c3%b3mai397-406-pdf). Acesso: 10/05/2011

BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos anos dourados”. In: PRIORI, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla. (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BRASILIANO, Rúbio. *Terra do gaúcho*. Porto Alegre: Globo, 1937.

BECK, Anibal. Higienização das Xarqueadas. In: *Anuário da Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Publicidade Americana, 1939.

BERTUSSI, Lisana. *Tradição, modernidade, regionalidade: poesia regionalista gauchesca de 1922 a 1932*. Porto Alegre: Movimento, EDUCS, 2009.

BONEMY, Helena. Encontro suspeito: História e ficção. In: *Dados*. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol 33, n. 1, 1990, p. 83-118.

- BOUCINHA, Cláudio Antunes. *A história das charqueadas de Bagé*. (1891-1940) Na literatura. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (dissertação de mestrado em história), 1993 (mimeo).
- BRANDÃO, Souza. *Rio Grande do Sul. A terra, o homem, e o trabalho*. Rio de Janeiro: Graphica Sauer, 1930.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- BURKE, Peter. Abertura: “A nova história, seu passado e seu futuro”. In: *A escrita da História: novas perspectivas*, 1992. p. 7-37.
- CALLAGE, Roque. “Carneador”. In: *Terra gaúcha: cenas da vida rio-grandense*. 1. ed. 1914. Santa Maria: Ed. UFSM, 2000. p. 44-48.
- CALLAGE, Roque. *O drama da Coxilhas* (Episódios da Revolução Rio-grandense – 1923). São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.
- CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.
- CANDIDO, Antonio. GOMES, Paulo Emílio Salles. Prado, Almeida. ROSENFELD, Anatol. *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CANDIDO, Antonio. “A literatura e a vida social”. In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo, T.A. Queiroz, 2000. p. 17-39.
- CARONE, Edgard. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Ática, 1989.
- CHARTIER, Roger. “A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas”. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.
- CHARTIER, Roger. “Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais”. In: *A história cultural. Entre práticas e representações*. Difel: Algés, 2002. p. 13-28.
- CHAVES, Antonio José Gonçalves. “Memórias econômico-políticas”. 2. ed. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. v. II, n. 2/3, abr. 1922.
- CHAVES, Flávio Loureiro. “A história vista pela literatura”. In: CHAVES, Flávio Loureiro. BATTISTI, Elisa. (Orgs.) *Cultura regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: EducS, 2004. p. 9-18.
- CHAVES, F. Loureiro. *História e Literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 1991.
- CHIAPPINI, Lígia. “Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n.15, 1995, p. 153-159.
- COSSON, Rildo. *Romance-reportagem: o gênero*. Brasília: Ed da UnB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

DINIZ, André. *O Rio musical de Anacleto de Medeiros: a vida, a obra e o tempo de um mestre do choro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FERNANDES, Cassiano A. Lorenzo. “Remodelação das xarqueadas”. In: *Annaes do X Congresso Rural e Assembléia Geral ordinária, de 14 a 18 de julho de 1937*. Porto Alegre: Off. Graph da Publicidade Americana, 1937.

FREITAS, Décio. O mito da produção sem trabalho. In: FREITAS, Décio. DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio (ogs.). *RS: cultura & ideologia*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

GEERTZ, Clifford. “A arte como sistema cultural”. In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 142-181.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso-um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*. Porto Alegre: Editoras Associadas/ Secretaria Municipal de Cultura-Prefeitura de Porto Alegre, 2009.

HILAIRE, Saint. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOBBSAWM, Eric. “Introdução: a invenção das tradições”. In: HOBBSAWM, Eric, RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

HOHLFELDT, Antonio. *Trilogia da campanha: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande invisível*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1998.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HUPPES, Ivete. *Melodrama: o gênero e sua permanência*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

ISER, Wolfgang. “Os atos de fingir ou O que é fictício no texto ficcional”. Tradução Luís Costa Lima e Heidrun Krieger Mourão. In: LIMA, Luís Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. v. II. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 384-416.

JACQUES, Luiz Ignacio. “Assumptos economicos”. *A estancia*. Porto Alegre, out. 1914, p. 313.

LEENHARDT, Jacques. “A construção da identidade pessoal e social através da história e da literatura”. In: LEENHARDT, Jacques. PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). *Discurso Histórico e narrativa literária*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998. p. 41-50.

LEENHARDT, Jacques. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). “Introdução”. In: *Discurso Histórico e narrativa literária*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998. p. 9-15.

LEHN, Luísa da Mata. Regionalismo versus nacionalismo. In. *História & literatura no Rio Grande do Sul*. ALVES, Francisco das Neves, BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. (Orgs). Rio Grande: Fundação Universidade Federal de Rio Grande, 2001.

LEITE, Lígia Chiappini Morais. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo: Ática, 1978.

LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LOBATO, Monteiro. Problema Vital. *Obras completas de Monteiro Lobato*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 27. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LONER, Beatriz Ana. “O movimento operário”. In. RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. AXT, Gunter. *A República Velha - 1889-1930*. V. 3 Tomo I. Coleção História geral do Rio Grande do Sul. Méritos, 2007. p. 499-525.

LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MACHADO, Antonio Carlos. “A charqueada”. In. JACQUES, Alfredo e outros. *Província de São Pedro*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947. p.121-136.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. *Evolução das charqueadas rio-grandenses*. Porto alegre: Martins, 1990.

MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. In. _____. *Sem rumo*. Porto Alegre, Movimento, 1997. 6. ed., p .14 e segs. (1a.ed.,1937). Ensaio originalmente publicado em 1944.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Volume VII (1933-1960). 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

MASINA, Léa. APPEL, Myrna Bier. (orgs). *A geração de 30 no Rio Grande do Sul: literatura e artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

MASINA, Léa. “Xarqueada, de Pedro Wayne: um paradigma do romance gaúcho de 30”. In. MASINA, Léa. APPEL, Myrna Bier.(Orgs.) *A geração de 30 no Rio Grande do Sul: literatura e artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000. p. 109-130.

MAYA, Alcides. “Charqueada”. In: *Tapera*. 3. ed. Porto Alegre, Movimento, Santa Maria (RS) Ed. UFSM, 2003. 1. ed. 1911. p. 75-78.

MORAES, Carlos Dante de. “Condições histórico-sociais da literatura Rio-Grandense”. In. *Figuras e Ciclos da História Sul Rio- Grandense*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1959.

- MOREIRA, Maria Eunice. “A literatura: de sombras e silêncios – novas formas para (re) pensar a sua história”. In: GOLIN, Tau. BOEIRA, Nelson (Orgs). *República Velha 1889-1930*. v. 3, tomo 2. Passo Fundo: Méritos, 2007a. p. 261-284.
- MOREIRA, Maria Eunice. “Charqueadas e Xarqueada: a vida saladeril na província gaúcha”. In: *Letras de Hoje*: Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 161-172, junho, 2007b.
- MURARI, Luciana. “O gênio tumultuário da raça’: guerra e política no discurso histórico-literário de Roque Callage”. *Letras*. Santa Maria, v. 38, p.131-152, 2009a.
- MURARI, Luciana. *Brasil: ficção geográfica*. Ciência e nacionalidade no país d’Os sertões. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: Fapemig, 2007.
- MURARI, Luciana. “Entre a pátria e o pago: a poética regional na literatura brasileira” In: *53º Congresso Internacional de Americanistas, 2009*, Cidade do México: Universidad Ibero-Americana, 2009b.
- MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)*. São Paulo: Alameda, 2009c.
- NETO, Simões Lopes. *Contos gauchescos*. Ática: São Paulo, 1998.
- NUNES, Claudio Omar I. “Regionalismo Literário: Relações com a história econômica, política e social do Rio Grande do Sul”. In: ALVES, Francisco das Neves, BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. (Orgs). *História & literatura no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal de Rio Grande, 2001.
- PAOLI, Maria Célia. “Movimentos sociais, movimentos republicanos?” In: SILVA, Fernando Teixeira da, NAXARA, Márcia R. Capelari, CAMILOTTI, Virgínia C. (Orgs.) *República, Liberalismo, Cidadania*. Piracicaba: UNIMEP, 2003. p. 163-189.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A República Velha Gaúcha; charqueadas, frigoríficos, criadores*. Porto Alegre, Movimento/IEL, 1980.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: abordagem da identidade nacional”. In: LEENHARDT, Jacques. PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). *Discurso Histórico e narrativa literária*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998. p. 17-40.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz, SCHIMIDT, Benito Bisso. “O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas (das origens a 1920)”. In: GRIJÓ, Luiz Alberto, KUHN, Fábio, GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcelos, NEUMANN, Eduardo Santos, OSÓRIO, Helen. *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 209-245.

- PETERSEN, Sílvia. *Antologia do movimento operário gaúcho. 1870-1937*. Porto Alegre: Editora da Universidade, Tchê, 1992.
- PIMENTEL, Fortunato. *Charqueadas e charqueadores*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1947.
- PIRES, Vieira. “Mar de sangue”. In: *Querencia*. Porto Alegre: Globo, 1925. p. 25-34.
- PIRES, Vieira. “Utopia que vence”. In: *A Estancia*. Porto Alegre, n. 3, v. 32, out. 1915. p. 738-739.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo: no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus, 1965.
- RAGO, Margareth. *Trabalho feminino e sexualidade*. In: PRIORI, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla. (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- REMEDI, José Martinho Rodrigues. *Condição (sub)humana: um estudo das representações do universo saladeril no romance Xarqueada de Pedro Wayne*. (dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1997 (mimeo).
- RIET, D. M. “A estancia moderna”. In: *A estancia*. Porto Alegre, n. 1, v. 1, mar. 1913. p. 7.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura Brasileira*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1960.
- ROMERO, Sílvio. “Mestiçagem e literatura nacional”. Gregório de Matos. In: CANDIDO, Antônio. (Org.) *Sílvio Romero*. Teoria, crítica e história literária. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ROSA, Cristina Maria. *Um alfabeto à parte: biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Wayne, o Pedro Wayne*. Pelotas: Ed. Universitária UFPel, 2009.
- SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. ed compacta. São Paulo: Senac, 2000.
- SANTOS, Laymert G. dos. *Alienação e capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SILVA, João Pinto da. *A Província de S. Pedro: interpretação da História do Rio Grande*. Porto Alegre: Globo, 1930.
- SPALDING, Walter. “Pecuária, charque e charqueadores no Rio Grande do Sul”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, v. 23, n. 3, jul. 1943, p. 123-140.
- THIESSE, Anne Marie. “No coração do regionalismo”. Tradução Luciana Murari. In: *Antares. Letras e Humanidades*. Caxias do Sul, ano 2, v. 4, jul-dez. 2010, p. 4-11. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/563/422. Acesso em: 12/04/2011.

THOMAS, Keith. *O homem e mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e os animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TRINDADE, Hélió. “O jacobinismo castilhisto e a ditadura positivista no Rio Grande do Sul”. In: Trindade, Hélió (org.) *O positivismo: teoria e prática*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

VALÉRY, Paul. “Acerca do cemitério. Questões de Poesia; primeira aula do curso de Poética e Poesia e pensamento abstrato”. In: BARBOSA, João Alexandre. (org.) *Variedades*. Tradução Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “A literatura como espelho da Nação”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, p. 239-263.

WAYNE, Ernesto. “Prefácio”. In: *Xarqueada*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1982. p. 7-17.

WAYNE, Ernesto. *Pedro Wayne*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.

WAYNE, Ernesto. *Cadernos de estudos. Momentos do modernismo em Bagé*. Bagé: FUNBA, 1972.

WAYNE, Pedro. *Xarqueada*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1982.

WEBER, Max. *Três tipos puros de poder legítimo*. Tradução Artur Morão. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/weber_3_tipos_poder_morao.pdf. Acesso em 20/04/2011.

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. “A pesquisa etnográfica como construção discursiva”. *Acta Scientiarum*, Maringá, 23 (1), p. 27-32, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo y literatura*. Tradução. Pablo di Masso. Barcelona: Ediciones Península, 2000.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade. Na história e na literatura*. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992a.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha; temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Coleção universidade livre. Porto Alegre: LPM, 1985.

ZILBERMAN, Regina. *Roteiro de uma Literatura singular*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992b.